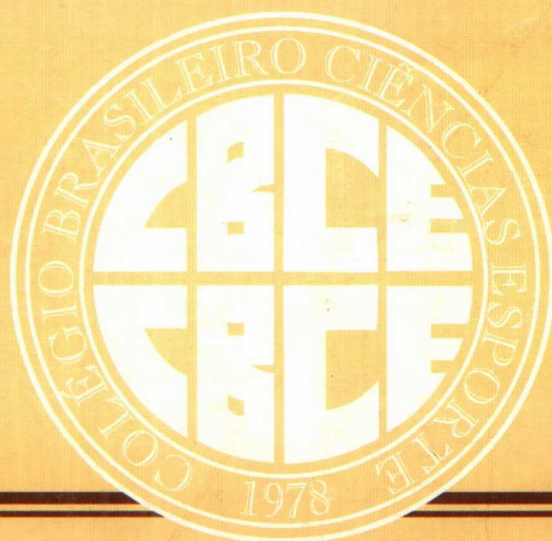


55 3x2

REVISTA BRASILEIRA DE

# CIÊNCIAS DO ESPORTE



Volume 18 - Número 2 - Janeiro/1997 - ISSN 0101.3289



# X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

X CONBRACE - Centro de Convenções Goiânica, GO  
20 a 25 de Outubro de 1997

LOCAL E DATA DAS INSCRIÇÕES DE TRABALHOS:  
ESC. SUP. DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE GOIÁS - DATA: 30/06/97  
AV. ANHANGUERA, 1420 - SETOR VILA NOVA  
74.705-010 - GOIÂNIA - GO

Apoio Financeiro:



Órgão quadrimestral de divulgação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Entidade Científica fundada em 17 de setembro de 1978.

Distribuição gratuita aos Associados do CBCE.

Endereço (Secretaria Nacional e Redação): Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Desportos  
 Campus Universitário - CEP 88.040-900 Florianópolis/SC/Brasil

<b>COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE</b>	<b>EDITORIAL</b>	
<b>DIRETORIA</b> Biênio 95/97	<b>OS ESTUDOS SOBRE O LAZER E MEIO AMBIENTE NA AGENDA DA GLOBALIZAÇÃO</b> .....	85
<b>PRESIDENTE</b> Elenor Kunz	<b>ARTIGOS</b>	
<b>VICE-PRESIDENTE</b> Amauri A. Bássoli de Oliveira	<b>LAZER E MEIO AMBIENTE: corpos buscando o verde e a aventura</b> .....	86
<b>DIRETOR CIENTÍFICO</b> Eustáquia Salvadora de Souza	<i>Helôisa Turini Bruhns</i>	
<b>DIRETOR ADMINISTRATIVO</b> Paulo Ricardo C. Capela	<b>EXPECTATIVA DE ESPAÇO/LAZER DOS MORADORES DO BAIRRO JARDIM BELA VISTA, COMO SUBSÍDIOS PARA UM PROGRAMA DE ATIVIDADES FÍSICAS NO MUNICÍPIO DE BAURU - S.P.</b> .....	92
<b>DIRETOR FINANCEIRO</b> Iracema Soares de Souza	<i>Jorgeta Zogheib Milanezi, Antonio Fernandes do Nascimento Júnior e Aguiinaldo Gonçalves</i>	
<b>DIRETOR DE DIVULGAÇÃO</b> Giovani de Lorenzi Pires	<b>NATAÇÃO, CULTURA BRASILEIRA E IMAGINÁRIO SOCIAL</b> .....	98
<b>REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE</b>	<i>Leonardo Graffius Damasceno</i>	
<b>EDITORIA</b> NEPEF/UFSC	<b>A CRIANÇA E O ESPORTE: o lúdico como proposta</b> .....	103
<b>EDITOR EXECUTIVO</b> Giovani de Lorenzi Pires	<i>Christianne Luce Gomes Werneck</i>	
<b>CONSELHO EDITORIAL</b> Aguinaldo Gonçalves Apolônio Abadio do Carmo Celi N. Z. Taffarel Elaine Romero Markus Vinicius Nahas Maria Glaucia Costa Nelson Carvalho Marcellino Ricardo D. Petersen	<b>A CORRIDA PARA A SAÚDE: poluição ambiental no coração do problema</b> .....	111
<b>APOIO ADMINISTRATIVO</b> CENTRO DE DESPORTOS/UFSC	<i>Edgard Matiello Júnior e Aguiinaldo Gonçalves</i>	
<b>Telefones:</b> (048) 231-9980 (CBCE) (048) 231-9462 (DEF) (048) 231-9366 (RPD) Fax (CDS): 231-9927 E-Mail: cbce@cda.ufsc.br	<b>A DOMINAÇÃO DA NATUREZA: o intento do ser humano</b> .....	119
<b>APOIO FINANCEIRO</b> CNPq	<i>Ana Márcia Silva</i>	
<b>COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO</b> SEDIGRAF - Serviços de Editoração e Gráfica / Ijuí	<b>PONTOS DE VISTA</b>	
	<b>A IDEOLOGIA DA SAÚDE E A EDUCAÇÃO FÍSICA</b> .....	126
	<i>Sandra Soares Della Fontee Róbson Loureiro</i>	
	<b>EDUCAÇÃO FÍSICA E ECOLOGIA: dois pontos de partida para o debate</b> .....	133
	<i>Humberto Luis de Deus Inácio</i>	
	<b>RELATOS DE EXPERIÊNCIA</b>	
	<b>ESPORTE E LAZER NO MEIO AMBIENTE: o Programa Praias da Prefeitura Municipal de Montevéidú</b>	
	- R. O. do Uruguai .....	137
	<i>Jorge Fernando Hermida</i>	
	<b>PROJETO ALFABETIZAÇÃO CORPORAL</b> .....	142
	<i>José Ricardo Silva Ramos</i>	
	<b>RESUMOS DE TESES E DISSERTAÇÕES</b>	
	<b>A CULTURA DOCENTE DO PROFESSORADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE</b> .....	150
	<i>Vicente Molina Neto</i>	
	<b>TREINAMENTO FÍSICO MILITAR E APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE: estudo a partir de conscritos do Tiro-de-Guerra 02-40 Sorocaba, SP.</b> .....	151
	<i>Edgard Matiello Júnior</i>	
	<b>PRÉ-SUPPOSTOS TEÓRICOS COM VISTAS À TEMATIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DA TEORIA EDUCACIONAL LIBERTADORA</b> .....	152
	<i>Paulo Ricardo do Canto Capela</i>	
	<b>A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA E SUAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Análise das pesquisas nos Mestrados de Educação</b> ..	153
	<i>Paulo Carlan</i>	
	<b>O ENSINO DOS JOGOS COLETIVOS ESPORTIVIZADOS NA ESCOLA</b> .....	154
	<i>Helôisa Reis</i>	
	<b>EFEITOS DE UM PROGRAMA LÚDO-MOTIVADO NO DESENVOLVIMENTO PERCEPTIVO MOTOR DE CRIANÇAS COM DÉFICITS MENTAIS</b> .....	155
	<i>Maria Helena Caputo Ferreira</i>	
	<b>IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX</b> .....	156
	<i>Carmen Lúcia Soares</i>	
	<b>DANÇA: forma, técnica e poesia do movimento na perspectiva de construção de sentidos coreográficos</b> .....	157
	<i>Mônica Fagundes Dantas</i>	
	<b>O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE AO DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DONADO SINCRONIZADO: uma metodologia alternativa</b> .....	158
	<i>Josiette Barchik Lunckmoss Dall'acqua</i>	
	<b>ESTANDE (novas publicações)</b> .....	159
	<b>INSTRUÇÕES AOS AUTORES</b> .....	161

## PAULO FREIRE (1921-1997)

*A Educação Brasileira ficou a partir de 02 de maio deste ano um pouco mais pobre ao perdermos um de seus pensadores mais ilustres.*

*Paulo Freire se tornou conhecido em quase todo mundo por seu trabalho e suas preocupações com a formação das populações oprimidas do terceiro mundo, especialmente da América Latina. Desta forma, sua "Pedagogia da Libertação" pode ser entendida não apenas como processo de conscientização das condições de opressão, mas, principalmente, como parte mais importante na luta contra o sub-desenvolvimento, a impotência e a miséria. Podemos considerar que o trabalho pedagógico de Paulo Freire que começou no Brasil na década de 60 não teve a mesma repercussão, na prática, especialmente com a formação escolar, como teve em outros Países por onde passou em seu período de exílio. Tivemos, logo depois do seu retorno ao Brasil, final da década de 80, uma quantidade muito grande de livros publicados dele próprio como de muitos que, sobre sua pedagogia, elaboraram dissertações de mestrado e doutorado. Mas, a exigência dele mesmo, "Paulo Freire tem que ser re-escrito" e principalmente levado às escolas, na formação educacional do dia-a-dia nas escolas brasileiras, não teve o êxito como merecia. Estas tentativas de re-escrever e introduzir nas escolas e universidades sua pedagogia do oprimido foi provavelmente objeto mais constante de pedagogos do primeiro mundo, como Ira Schor e Henry Giroux nos EUA e Bendit/Heimbucher entre outros na Alemanha, do que no Brasil.*

*Com certeza cabe, atualmente, reinterpretar, especialmente sob a ameaça de um processo globalizante em todos os aspectos da cultura e da economia, o discurso da Libertação sem, contudo, com isto, ser necessário desviar-se de sua intenção. Vivemos em um mundo em que somos cada vez mais transformados em objetos à disposição de sistemas, instituições, da ciência e de autoridades de toda a espécie. A luta para sair desta submissão e menoridade imposta, deve ser preocupação educacional constante. E o caminho não será pelos "pacotes" pedagógicos vindo de cima (LDB, PCNs) mas por um processo libertador que cresce com a consciência da realidade e a necessidade de luta, como Paulo Freire sempre nos ensinou.*

*A Educação Física Brasileira que luta por um projeto político-pedagógico voltado para a realidade escolar na perspectiva crítica, tem ainda, muito a aprender com a pedagogia de Paulo Freire. Espera-se que com o seu desaparecimento físico inesperado suas idéias não desapareçam também, ou sejam novamente mandadas a exílio.*

### OS ESTUDOS SOBRE O LAZER E MEIO AMBIENTE NA AGENDA DA GLOBALIZAÇÃO

Face mais visível do processo de globalização, senão sua principal determinante, a internacionalização da economia tem consequência direta sobre as condições de produção de bens materiais. Neste cenário, entre tantos outros, dois aspectos podem ser destacados: as mudanças radicais nas relações de trabalho e a exploração desenfreada dos recursos naturais. Um rápido olhar nos permite verificar como estas alterações podem estar inseridas no horizonte de reflexão da nossa área. A flexibilização do emprego, a redução da jornada de trabalho e o desemprego estrutural refletem-se diretamente nos estudos sobre o lazer, seja enquanto busca individual pela ocupação do tempo disponível, seja no estabelecimento de políticas para a área, nos âmbitos público, empresarial ou associativo. Por outro lado, os ataques ao meio ambiente têm gerado uma ampliação dos níveis gerais de poluição, com consequências nos padrões de qualidade de vida, contando com a "colaboração", por exemplo, dos chamados *esportes de aventura*, cuja prática, muitas vezes, implica em danos ao ambiente. Certamente, integrada às demais áreas, a Educação Física/Ciências do Esporte têm muito a contribuir para o entendimento destas relações e para a proposição de alternativas viáveis que integrem equilibradamente cultura e natureza.

Este número da Revista buscou abrir espaço para a veiculação de estudos na área. Assim é que a seção *Artigos* enfoca o assunto de maneira multifacetária, através de produções que se utilizam de diferentes referenciais teórico-metodológicos para sua construção, o que parece confirmar o caráter emergente e interdisciplinar da temática proposta. Pensando assim, *Bruhns* reflete a relação lazer/meio ambiente como "corpos buscando o verde e a aventura", percebendo os parques e reservas nacionais como espaço privilegiado para tanto. Já *Milanezi*, *Nascimento Jr.* e *Gonçalves* pesquisam as expectativas de espaço e lazer da população de um bairro de Bauru, trazendo subsídios para a definição de políticas públicas na área. Enquanto isso, *Damasceno* faz aproximações para entender a nata-

ção enquanto manifestação cultural e sua inserção no imaginário social brasileiro. Tendo o lúdico com princípio norteador de sua proposta para a criança e o esporte. *Werneck* visa ir além da simples denúncia da tentativa de eliminação da infância. Por outro lado, *Matiello Jr.* e *Gonçalves* refletem a problemática da poluição ambiental, especificamente pelo monóxido de carbono, na sua relação com a saúde coletiva e atividade física. Finalizando a seção, *Silva* tece considerações a respeito do domínio da razão instrumental sobre a natureza externa e interna, e as consequências quanto ao conhecimento sobre corporeidade e ecologia.

Em *Ponto de Vista*, *Della Fonte* e *Loureiro* objetivam explicitar o componente ideológico presente nos diversos discursos sobre a saúde e sua relação com Educação Física, enquanto *Inácio* reforça o tema de lazer/meio ambiente, apontando tópicos para o debate: os esportes ditos ecológicos (em contato com a natureza) e as práticas esportivas em associações classistas. Os *Relatos de Experiência* nos oportunizam uma reflexão sobre o programa de esportes e lazer nas praias de Montevideu, trazido por *Hermida*. Por outro lado, *Ramos* nos relata seu premiado projeto de alfabetização corporal, realizado em escola pública do Rio de Janeiro.

A seção *Resumos de Teses e Dissertações*, que vem crescendo em procura e importância entre nossos associados (neste número, apresentam-se nove resumos), está sendo repensada a partir de acordo de colaboração em vias de ser concretizado entre a Editoria da RBCE e o NUBRADITEFE. Já a seção *Estande* abre espaço para quatro novas publicações enviadas ao CBCE por associados do Colégio.

De resto, nos cabe lembrar uma vez mais que outubro é o mês do X CONBRACE, em Goiânia/GO, principal espaço para o debate em torno da produção em Educação Física/Ciências do Esporte.

*Giovani De Lorenzi Pires*  
Editor Executivo - RBCE / CBCE

**Correção:** em nosso número anterior, divulgamos o resumo da dissertação de mestrado da professora Vera Regina Toledo Camargo (Nadadores Brasileiros: campeões ou ídolos esquecidos?), apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, diferentemente do que foi publicado. Lamentamos o equívoco involuntário desta Editoria.

## LAZER E MEIO AMBIENTE: Corpos Buscando o Verde e a Aventura

Heloisa Turini Bruhns\*

**UNTERMOS:** lazer, meio ambiente, esportes.

**RESUMO:** Este artigo pretende realizar uma discussão sobre questões envolvendo a relação lazer/meio ambiente, situando algumas atividades esportivas desenvolvidas no contato com a natureza. Envolve uma discussão mais ampla inserindo elementos relacionados com as visitas à natureza, considerações sobre a corporeidade presentes no binômio homem/natureza, bem como o afastamento do homem contemporâneo do contato com a natureza.

As discussões sobre o meio ambiente têm acirrado manifestações expressas das mais diversas formas, desde através a criação de partidos políticos, ações governamentais via formação de secretarias e ministérios, organizações não-governamentais, apoio à pesquisa e propostas de trabalho por órgãos específicos (como por exemplo Fundação Banco do Brasil, Fundação O Boticário) e outras mais informais, dentre os quais merecem destaque aqui, as opções por modalidades esportivas, denominadas por alguns de esporte de aventura, esportes na natureza, ou esportes relacionados ao "turismo ecológico".

Pretendo aqui realizar uma discussão sobre questões envolvendo a relação lazer/meio ambiente, situando algumas atividades esportivas desenvolvidas no contato com a natureza. Para tal, iniciarei com uma discussão mais ampla envolvendo elementos relacionados com as visitas à natureza,<sup>1</sup> em seguida abordarei considerações sobre a corporeidade presentes no binômio homem/natureza, o afastamento do homem contemporâneo dos contatos com a natureza, para finalmente explorar as características dos esportes de aventura.

A busca pela aventura, pelo novo, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, tem-se mostrado presente em algumas atividades de lazer como o montanhismo, as travessias com bicicletas em trilhas (denominadas *mountain bike*), o campismo, dentre outros.

Além da presença em solo brasileiro, essa busca tem se revelado em outros países, como na Alemanha, onde estudos de mercado apontaram grande massa de turistas abandonando a piscina, o bar do hotel, buscando outras atividades nas férias, trocando o conforto pela aventura, pelo esforço físico, pelo espírito de grupo e companheirismo apontados por Krippendorf (89, p.81).

O desenvolvimento do intitulado "ecoturismo"<sup>2</sup> nos últimos anos, parece ter propiciado um espaço fértil para o incremento desse tipo de esporte, na população adepta, onde a relação homem/natureza manifesta-se de forma acentuada.<sup>3</sup>

Em pesquisa de minha autoria realizada recentemente, "A caminhada e a corrida-

\* DEL/FEF/Unicamp. Caixa Postal 6134 Cep 13081-970 Campinas SP

<sup>1</sup> Muitas das posições expressas aqui, foram desenvolvidas num texto de minha autoria, elaborado para um seminário desenvolvido no Nepam, em parceria com a pesquisadora Célia M. T. Serrano, denominado "O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico", em 1996. A partir de um projeto sob minha coordenação, desenvolvido junto ao MEC/FNDE (94/95), no qual a questão lazer/meio ambiente foi trabalhada, surgiu a oportunidade de inserção como pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Unicamp, onde encontro-me até o momento.

<sup>2</sup> De acordo com Ceballos-Lascurian, citado em Pellegrini Filho (1993:138), o "ecoturismo consiste em viagens "por áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética ou filosófica (...). O ponto principal é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira normalmente não possível no meio ambiente urbano."

<sup>3</sup> De acordo com o documento "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo", Embratur/Ibama, o ecoturismo "é um segmento que tem crescido a um ritmo considerável ao longo dos anos ...". Há um consenso entre os empresários "de que este é um mercado em franca expansão, sendo estimado o seu crescimento em cerca de 20% ao ano, conforme resultados obtidos em entrevistas realizadas junto a operadores turísticos especializados e peritos e na observação do crescimento de agências operadoras de ecoturismo." (p.12)

exteriorizações da existência”,<sup>4</sup> essa relação veio manifestar-se através da preferência, entre os pesquisados, por áreas verdes, traduzidas através da frequência a parques públicos municipais, onde ainda pode-se usufruir, embora com intensidade reduzida, de uma parcela da natureza.<sup>5</sup>

A relação homem/natureza tem sido motivo de discussão sob vários aspectos, abrangendo diversas áreas do conhecimento. Atualmente, como expõe Feldmann (1992:22),

*“a relação entre ecologia e ciência está se difundindo também no campo das ciências humanas, principalmente na ciência política e na sociologia. A antropologia já tem uma interface tradicional com as questões ambientais por se dedicar ao estudo das populações e suas interações com o meio”.*

Iniciando-se como sendo o estudo das plantas e depois dos animais, finalmente a ecologia, como nos mostra o autor anteriormente citado, tornou-se uma reflexão sobre a história do homem. (Feldmann, 1992:20)

Percebe-se uma nítida reciclagem de propostas econômicas, sociais, filosóficas, pessoais, reciclagem esta diz Feldmann (1992:10-11), “ditada pela necessidade de incorporar a ecologia, a preservação ambiental como prioridades”.

Quanto a área do conhecimento diretamente relacionada a nós, qual seja a da motricidade humana, devemos reconhecer nos seus propósitos, uma relação homem/natureza gratificante e solidária, não se pautando, como argumenta Sérgio (1986:18), “por critérios de produção e consumo, mas pela descoberta de um novo modelo cultural”, onde surge um vínculo ético e afetivo com o cosmos.

Presencia-se aquilo denominado por Brandão (1994:29) de “afirmação generosa da gratuidade”,

referindo-se à gratuidade para com os elementos da natureza; da ociosidade sadia, onde há a possibilidade de reversão do esforço físico para a própria pessoa. A realização prazerosa “de algo que tem valor em si e não para outro fim”.<sup>6</sup>

Trata-se portanto, da passagem de “um agir sobre a natureza a um trocar gestos recíprocos com a natureza.” (Brandão, 1994:76).

Nesse diálogo gestual, sob o enfoque da gratuidade, a visita à natureza, expressa através das diversas manifestações do corpo (caminhadas, escaladas e outras), traz à tona várias questões envolvidas na relação homem-natureza, como a pobreza oriunda pela exclusão num sistema de trocas desiguais, bem como de uma política inexistente de fixação do homem na terra, levando à incapacidade de absorção dos migrantes nos centros urbanos, além de muitos outras, como o desperdício, questões relacionadas à qualidade de vida, não só tomando como referência o visitante, mas também as populações fixas dos núcleos receptores, dentre outras.

***O tema do corpo visitando a natureza requer a compreensão da corporeidade como presença no mundo, sendo o movimento humano a expressão dessa corporeidade. O movimento humano representa portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo.***

## **A CORPOREIDADE NO BINÔMIO HOMEM/NATUREZA**

Determinadas sensibilidades podem nos conduzir a formas diferenciadas de comunicação com a natureza, esta não vista em oposição, mas onde a relação corpo/universo se insere.

A experiência corporal é a mais direta e imediata, sendo o corpo o primeiro referencial do homem no mundo.

O tema do corpo visitando a natureza requer a compreensão da corporeidade como presença no mundo, sendo o movimento humano a expressão dessa corporeidade. O movimento humano representa portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo.

<sup>4</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq entre agosto de 1995 e julho de 1997.

<sup>5</sup> Devo esclarecer que estou tratando a natureza como um conceito “que exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que o preenchem com suas visões de mundo”, segundo Carvalho (1994:26)

<sup>6</sup> Embora o autor esteja no artigo desenvolvendo reflexões sobre políticas públicas de esportes, lazer e recreação, a discussão da gratuidade relacionada a esses elementos é bem-vinda aqui.

O olhar sobre as imagens do corpo alerta-nos para um aspecto universal da vida humana, pois ele é uma "entidade visível e esta visibilidade tem um importante papel na comunicação entre pessoas e nos encontros da vida social". (Featherstone, 93 p. 52)

Processos de transformação ocorridas no corpo humano, numa dinâmica social, conduzem a mudanças na nossa percepção com referência a valores do ser humano.

As maneiras como isso ocorre, os atributos da identidade, da pessoalidade, da individualidade e do valor social referentes à aparência do corpo humano, ainda constituem numa área incipiente de pesquisa.

Considerando o movimento como um diálogo entre o homem e o mundo, Tamboer (79) vem expressar suas idéias sobre o movimento não significar mudanças de lugar das partes do corpo, mas pessoas se movimentando em algum lugar. O comportamento do movimentar-se, escreve o autor, "é tanto para crianças, como para adultos, uma forma de existência, onde se tem os próprios valores e onde o homem (durante uma vida) pode realizar-se e expressar-se". O autor avança expondo sobre o diálogo do movimento requerer uma análise sobre a realidade histórica, social, cultural e econômica, na qual repousa e pela qual é parcialmente determinado.

A ênfase na aparência física revela-se como um processo exacerbado na sociedade urbana industrial, reforçado através de imagens visuais como um dos elementos impulsionadores da cultura de consumo.

Na observação de Featherstone (op. cit., pp. 67-68), nenhuma outra sociedade na história como a ocidental contemporânea, "produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo em movimento na televisão e nos filmes. A paisagem física das grandes cidades, das construções e lugares nos quais fazemos compras ou nos divertimos, estão cheios de imagens e réplicas do corpo humano. A vasta maioria dessas imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias e experiências por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos. Uma boa parte da promoção da moda, da indústria de cosméticos e de cuidado como o corpo apresenta esses ideais de corpos como algo que deveria ser atingido".

Porém o público não apresenta-se tão passivo às mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Resta perceber como manifestações de oposição ou aceitação ocorrem.

Como preconizam essas mensagens, a transformação pessoal é algo ao alcance de todos, através de uma transformação do corpo. Aqui diz Featherstone (op. cit., p.68), "a mensagem divulgada é simples: 'se você parece bem, você se sente bem!'".

A busca pelo corpo aventureiro, jovem, desbravador da natureza, ousado, significando um "estilo ecológico", deve ser compreendido, tendo presente esses elementos.

O corpo humano como uma parcela do universo material conhecida intimamente, não se constitui apenas condição para experienciar o mundo, mas algo cujas propriedades podemos sentir (Tuan, 1983:100), observar, tocar, identificar, em nós mesmos e nos outros. Organiza-se como receptáculo de informações decodificadas numa cultura. No corpo, elucidam-nos Rodrigues(1979:125), está simbolicamente impressa a estrutura social; e a atividade corporal- andar, correr, saltar- não faz mais do que torná-la expressa. O ser humano possui uma estrutura biológica que lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir e pensar; porém a cultura, prossegue o autor, "fornece o rosto de suas visões, sentimentos e pensamentos, criando novos cheiros, sons e visões, constituindo novos universos- e novos corpos".

Entendimentos, sentimentos e sentidos manifestam-se concomitantemente no corpo humano relacionando-se com a natureza.

O corpo humano, como um sistema hierarquicamente organizado, encontra-se impregnado "com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas", retomando Tuan (1983:100), o qual nos mostra a tentativa do homem em integrar a natureza multivariada em termos da unidade intuitivamente conhecida de seu próprio corpo, na percepção de uma analogia entre a anatomia humana e a fisionomia da terra, ilustrando através de vários exemplos:

*"Os Dogon da África ocidental veem as rochas como ossos, o solo como partes internas do estômago, a argila vermelha como sangue, e os seixos brancos do rio como artelhos. Certas tribos indígenas*



*da América do Norte consideram a terra como um ser consciente feito de ossos, carne e cabelos. Na China há uma crença popular de que a terra é um ser cósmico: as montanhas são seu corpo, as rochas seus ossos, a água o sangue que corre através de suas veias, árvores e capinas; seus cabelos, as nuvens e a neblina os vapores de sua respiração- a respiração cósmica ou nuvem, que é a essência visível da vida. Na Europa medieval, era comum a idéia do corpo humano como um microcosmo. Do mesmo modo como os vasos sanguíneos permeiam o corpo humano, assim também o fazem os canais do corpo da terra".*

A relação do meio ambiente com os sentidos e os sentimentos manifesta-se constantemente, através de nossas ações, porém, como nos mostra Tuan (1983) torna-se complexo generalizar normas. Isto devido, segundo o autor, à presença de dois fatores perturbadores: o contraste, de um lado e a cultura e a experiência, de outro.

Quanto ao primeiro, exemplifica com uma casa enquanto um mundo compacto e articulado em comparação com o vale externo. Por outro ângulo, do interior da casa, o vale parece amplo e indefinido, porém ele próprio é uma depressão bem definida se comparada com a planície na qual se abre.

Com referência ao segundo, a cultura e a experiência influenciando na interpretação do meio ambiente, Tuan (1983:63) toma o exemplo de como os norte-americanos

*"passaram a aceitar as pradarias abertas do Oeste como um símbolo de oportunidade e liberdade, mas para os camponeses russos o espaço sem fronteira tinha um significado oposto. Conotava antes desespero que oportunidade; mais inibia do que encorajava a ação".*

A relação do meio ambiente com o sentimento traz algumas questões, prossegue o autor, como a associação da espaciosidade com a floresta, a qual, sob certo aspecto, é um ambiente fechado, a antítese do espaço aberto. Porém, como o mesmo autor nos mostra,

*"a floresta, não menos que a planície desnuda, é uma visão virgem cheia de*

*possibilidades. As árvores, que de um ponto de vista fecham o espaço, de outro são meios pelos quais se cria uma consciência peculiar de espaço, porque as árvores estão alinhadas até onde a vista alcança, e elas levam a mente a extrapolar até o infinito". (idem)*

As experiências íntimas do corpo com a natureza, numa perspectiva subjetiva, expressam em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, uma revisão de valores, bem como um encontro muito particular do homem com ele mesmo. Essas experiências conduzem a um aproximar-se, a um reconhecimento da natureza através do qual nos conhecemos.

Porém, quando vamos expressar os sentimentos e as experiências para com a natureza, valemos de imagens e idéias, muitas vezes pouco originais, nossas avaliações tornando-se chavões.

Tuan (1983:162-163) vem ao nosso encontro, argumentando passarem despercebidas as intimidades efêmeras vivenciadas pela experiência direta, bem como a real qualidade de um lugar, devido às idéias desgastadas, afastando as informações dos sentidos, num favorecimento daquilo que nos foi ensinado ver e admirar. Embora tenhamos facilidade em narrarmos fatos e acontecimentos, a dificuldade deixa-se transparecer no registro sobre a qualidade do lugar, como no relato de nossa experiência singular.

## O AFASTAMENTO DA NATUREZA

O homem contemporâneo, embora esteja inserido na natureza, em outro sentido foi arrancado dela, a qual não só não apresenta mais uma ameaça, como mal existe. O interesse no tempo, por exemplo, afeta diretamente as atividades relacionadas ao lazer (viagens de férias, fins-de-semana), sendo as intempéries indiferentes para as atividades das sociedades industriais modernas, no que diz respeito a seus aspectos sociais, econômicos, ou relacionados a estilos de vida.

Não importa se a cidade industrial moderna estiver localizada numa floresta pluvial tropical ou em outro local do planeta. A época em que as oscilações do tempo e do clima representavam a diferença entre a fome e a abundância,

praticamente extinguiu-se, deixando a natureza de ser uma parte significativa de nosso meio ambiente.

A possibilidade de se vivenciar a experiência do contato com a natureza torna-se cada vez mais distante, afastando as sensibilidades das pequenas emoções do cotidiano, como uma simples chuva, a qual não mais se constitui numa aventura, sendo mal percebida ou tornando-se somente um ruído nos compartimentos fechados de trabalho.

Experiência de vida relacionada ao contato com a natureza, não se torna questão de classe sócio-econômica, uma vez considerando que o seu empobrecimento parece estar presente na vida da população em geral. Embora muitos não tenham contato com a luz do dia, iniciando o trajeto para o trabalho antes do sol raiar e retornando após o crepúsculo, por uma questão de sobrevivência, outros cuja oportunidade para uma convivência com a natureza poderia ocorrer, devido à não necessidade de trabalhar de forma tão desumana, preferem acumular mais riquezas, ao invés de "perder tempo" (uma vez que tempo é dinheiro) numa comunicação com a natureza.

De outro modo, vamos ter a realização da vida através da mediação tecnológica, em si mesma, retornando a Brandão (1994:26), "muito inovadora e desafiadora, visto que ela aponta para horizontes infindos, onde o perigo está justamente no descolar para a excelência da perfeição de um equipamento, o efeito e o sentido do próprio trabalho e da própria ética da convivência".

Então eu não me relaciono mais com as coisas do mundo, "com as cachoeiras, com belezas reais do real, com os pores-de-sol, com aqueles espaços concedidos, sobretudo pela natureza, assim como também não me relaciono mais com as pessoas. Mas através da invenção tecnológica, posso tê-las, às pessoas e à natureza, repetidamente quantas vezes quiser, e nunca de forma pessoal e experimental mas, sim, dentro de uma relação de posse" (Brandão, 1994:28).

## OS ESPORTES DE "AVENTURA"

Talvez a opção pelos denominados esportes de aventura, possa ser traduzida através do desejo de uma reconciliação com a natureza, expressa numa

experiência antes nunca vivenciada, além de outros elementos envolvidos, como já apontei.

Nosso país mostra-se um campo fértil para os esportes praticados na natureza, uma vez que "cerca de 3,9% do território nacional estão sob a proteção federal na forma de diferentes categorias, distribuídas em 35 Parques Nacionais, 23 Reservas Biológicas, 21 Estações Ecológicas, 16 Áreas de Proteção Ambiental, 9 Reservas Extrativistas e 39 Florestas Nacionais". (documento "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo", 1994:16).

É justamente nessas áreas protegidas, em especial nos Parques Nacionais, Estaduais e Municipais, nas Florestas Nacionais, nas Áreas de Proteção Ambiental - APA's onde se opera o ecoturismo, procurado pelos fluxos nacionais e internacionais.

Portanto, parece haver, pelo menos de imediato, uma intenção harmônica da atividade com a preservação do meio ambiente.

Esses esportes localizam-se no que Parlebas (1988:120) conceitua como quase jogos esportivos, ou seja, uma categoria particular, de contornos menos precisos em relação a duas outras existentes (*jogos tradicionais* - aqueles não reconhecidos institucionalmente, respondendo a uma tradição surgida num passado longínquo e *jogos institucionais* - aqueles consagrados pelas instituições sociais, inseridos nas estruturas de produção e consumo).

Segundo o autor, de forma geral, o jogo esportivo submete-se às leis da realidade física e do corpo humano, provocando um compromisso corporal frente ao mundo objetivo, suscitando uma dinâmica motora de enfrentamento, a qual convém dominar (Parlebas, 1988:43). Está definido por um sistema de regras, o qual oferece precisão à condição de seu funcionamento.

Porém, nos mostra o autor, sobre certos jogos esportivos não estarem submetidos a estritas normas exteriores e não obedecerem a um verdadeiro sistema de regras. Situam-se no limite dos jogos esportivos, os quais denomina de "quase-jogos esportivos". Constituem-se em atividades ludomotoras modificadas ao gosto do participante, de atividades livres cujas modalidades de execução dependem da boa vontade dos participantes. O enfrentamento eleito pode ser de grande esforço, porém suas modalidades seguem sendo livres e modificáveis à vontade. Eleita a atividade e seu local de realização,

as condições materiais e físicas influirão fortemente nas normas da prática. Os quase-jogos esportivos não se inscrevem em uma rede de sanções, como os jogos codificados, e não encontram seu desenlace num resultado final formal, - vitória ou derrota.

Para caracterizar essa distinção, o autor utiliza o termo "enfrentamento auto-codificado". Portanto, não se trata de uma competição motora, senão de um enfrentamento cujas regras de realização são constantemente revisáveis e sempre submetidas à apreciação do praticante isolado ou do grupo que atua em comum. Nessa situação, o praticante se põe à prova segundo seus cânones pessoais e o grupo compartilha uma experiência motora, flexível e tolerante, com uma propensão aos ensaios, à aventura e à inovação.

Nas categorias do espaço esportivo, Parlebas (1988:119) vai situar as dimensões "domesticado" e "selvagem", em dois pólos opostos, cujas mediações ocorrem numa escala. Ao pólo domesticado, corresponde um meio estabilizado e previsível, onde seqüências comportamentais podem ser programadas em formas de estereótipos motores bastante eficazes, e nas respostas a este espaço "imutável", os aspectos de informação e decisão da conduta motora são reduzidos à sua mais simples expressão. Ao pólo "selvagem" (onde situam-se os esportes eleitos aqui), corresponde um meio incerto e instável, onde é requerida constantemente uma tomada de decisão e informação motoras dotadas dos riscos da improvisação. Aqui o espaço oculta o imprevisto. Requer constantes reajustes, iniciativas motoras, por parte do praticante. Este se encontra em situação de incerteza, - deve interrogar o espaço, avaliar as distâncias e as velocidades, os obstáculos surgidos subitamente, pré-perceber os eventuais atalhos, decidir em todo momento um comportamento adaptado. O esportista deve obter o máximo de informações pertinentes e adotar uma estratégia de resposta, concretizada em decisões motoras de ajuste num espaço desconhecido.

Ilustrando com outras palavras, podemos citar partes do artigo publicado na revista "Caminhos da Terra" (1997), intitulado "Radicais por Natureza":

*"...Enfrentar as corredeiras de um rio a bordo de um bote ou de apenas uma bóia. Perder-se numa trilha dentro de um floresta(...) Em busca de emoções fortes,*

*muitas pessoas abdicaram da comodidade de alguns lazeres urbanos pelo desafio de jornadas pela natureza. Os chamados esportes de aventura(...) estouraram no Brasil na década de 80(...) trekking, canyoning, acquraid (...) Os nomes usuais são estrangeiros, difíceis até. Mas o objetivo é sempre o mesmo, simples: liberdade total - na água, na terra ou no ar".*

## BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Carlos R. (1994) "Espaços públicos de lazer e cidadania". Porto Alegre : Revista *A paixão de aprender* n.6.
- CARVALHO, Marcos (1994). *O que é natureza*. 2.ed. São Paulo : Brasiliense
- DOCUMENTO "Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo" (1994)- Grupo de Trabalho Interministerial- Embratur/Ibama. Brasília.
- FEATHERSTONE, Mike (1994). "O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento". In: *Antropologia e velhice*. Textos didáticos 13. Campinas : IFCH/Unicamp.
- FELDMANN, Fábio (1992). *Guia da ecologia*. São Paulo : Editora Abril.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.
- PARLEBAS, Pierre (1988) *Elementos de Sociologia del Deporte*. Málaga : Junta de Andalucia/ Universidad Internacional Deportiva de Andalucia.
- REVISTA CAMINHOS DA TERRA, Jan 1997, *Radicais por natureza*.
- RODRIGUES, José C. (1979) *Tabu do Corpo*. 4.ed.. Rio de Janeiro : Dois Pontos.
- SÉRGIO, M. (1986). *Motricidade Humana - Uma nova ciência do homem*. Lisboa : Ministério da Educação e Cultura, Coleção Desporto e Sociedade 24.
- TAMBOER, Jan (1979). "Sich- bewegen-ein dialog zwischen mensch un welt". In: *Sportpädagogik* 3, Alemanha.
- TUAN, Yi Fu (1983) *Espaço e lugar*. São Paulo : Difel.

UNITERM: leisure, environment, sports.

ABSTRACT: This article will discuss questions about relation leisure/environment, placing sporting activities developed in nature. Introduca relations involving body, ecological tourism and man alienation from nature.

# EXPECTATIVA DE ESPAÇO/LAZER DOS MORADORES DO BAIRRO JARDIM BELA VISTA, COMO SUBSÍDIOS PARA UM PROGRAMA DE ATIVIDADES FÍSICAS NO MUNICÍPIO DE BAURU - S.P.<sup>1</sup>

Jorgeta Zogheib Milanezi<sup>2</sup>

Antonio Fernandes do Nascimento Júnior<sup>3</sup>

Aguinaldo Gonçalves<sup>4</sup>

**UNITERMOS:** Espaço, lazer e atividades físicas.

**RESUMO:** Este estudo visa colaborar para a compreensão dos elementos que constituem o centro de interesse dos cidadãos na utilização de espaços para a prática do lazer. Estudou-se o perfil socioeconômico, os conceitos e as atividades de lazer dos moradores do bairro - Jardim Bela Vista, município de Bauru; S.P. Observou-se a falta de espaços, de organização e programas para a prática do lazer no bairro, que nem sempre são construídos voltados aos interesses da população local.

## INTRODUÇÃO

É comum nas cidades de médio e grande porte, o crescimento desordenado da ocupação do espaço urbano, concorrendo para a diminuição progressiva dos espaços públicos destinados às atividades físicas de lazer.

O presente trabalho foi abordado com base em estudos que tematizam a questão e a ocupação do espaço urbano e a permanente alteração dos hábitos dos usuários, contribuindo para conseqüente transformação da sociedade brasileira. Justifica-se pela carência de informações relacionadas à criação dos locais públicos de lazer, suas ocupações e atividades desenvolvidas atualmente. Aliados a estes, outros aspectos tais como sexo, faixa etária, fator socioeconômico, tipo de atividades, anseios e expectativas da população, se estudados, podem proporcionar a adequação quanto ao melhor uso, desenvolver a conscientização e reconhecimento do lazer pela população, pelo poder público e entidades que promovam atividades associadas ao lazer. Com o estudo de tais elementos, pretendeu-se fornecer subsídios ao planejamento adequado dos locais, bem como das programações que envolvam o lazer, visando atender os anseios da população.

De fato, de acordo com MARCELLINO (1987), o lazer é considerado como um dos espaços e, devido às circunstâncias históricas, o mais privilegiado, apesar de todas as dificuldades de situações que o cercam, enquanto vivência qualitativa e quantitativa, para a manifestação do componente lúdico da cultura. Para que as atividades realizadas durante as horas de lazer possam ser chamadas de recreação, devem proporcionar, por pouco que sejam, algum benefício aos seus participantes. Entende-se tal benefício como sendo de ordem social, intelectual e afetiva.

Para inserir o lazer nas diversas atividades praticadas no dia-a-dia, CAMARGO (1986), em seus conceitos, salienta a escolha pessoal como sendo influência do determinismo cultural, social e econômico. De acordo com seu conceito de lazer, este pode ser, também, atividade profissional, vez que nem sempre é gratuito, e define o prazer como sendo liberação e compensação do esforço que a vida social impõe. Muitas pessoas encontram, no convívio familiar, o prazer máximo de suas existências, mas ainda é minoria. Em todas as áreas culturais do lazer, existem três atitudes: praticar, assistir e estudar, sendo difícil encontrar apenas uma destas atitudes isoladamente. Dentro de sua

<sup>1</sup> Texto produzido a partir da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Projeto, Arte e Sociedade, área de Assentamentos Humanos da FAAC/UNESP/Bauru.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru e doutoranda em ciências do Esporte na FEF/UNICAMP.

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Ciências Humanas da FAAC/UNESP/Bauru.

<sup>4</sup> Coordenador do Grupo de Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física e Chefe do Departamento de Ciências do Esporte, FEF/UNICAMP.

classificação, o autor divide as atividades de lazer em várias categorias. São elas: *atividades físicas de lazer*: caminhadas, ginásticas, esporte e atividades correlatas; *atividades manuais de lazer*, designação não muito apropriada, segundo o autor, subentendendo-se, aí, aquelas ligadas ao prazer de manipular, explorar e transportar a natureza, como lavar automóvel, cultivar hortaliças, isto é, correspondente ao ato de criar com as próprias mãos; *atividades artísticas de lazer*: cinema, teatro, literatura, artes plásticas, além de outras, como decoração de casa, roupas, maquiagem e festas; *atividades intelectuais de lazer*: leitura elaborada e crítica de livros, jornais e revistas e, ainda, a prática da ciência como conteúdo e difusão como rádio e televisão; *atividades associativas de lazer*, ou seja, sociabilidade para exprimir o interesse cultural centrado no contato com as pessoas; e por fim, *atividades turísticas de lazer*, constituídas pela utilização do tempo de férias e fins de semana para o conhecimento de novos lugares, e diferentes formas de vida.

No relacionamento espaço/lazer, muitas vezes a expressão "espaço" não se restringe apenas à área física no qual o indivíduo se localiza e onde até pode desenvolver ações recreacionais. É comum considerar-se o "tempo livre", excluídos naturalmente aqueles destinados ao repouso, ao sono, que são manifestações bio-psicofisiológicas, como espaço-tempo, que deve ser considerado como horas de lazer a serem preenchidas com iniciativas agradáveis ao indivíduo, através de atividades recreativas.

Todo esforço dos poderes públicos no sentido de atender às imperiosas necessidades de lazer do povo constituir-se-ia de medidas preservadoras das suas energias físicas e morais. O problema, para ser atendido, demanda, em primeiro lugar, que os municípios reservem áreas livres para a distribuição de parques para o lazer.

Atualmente, a relação espaço/lazer constitui problema econômico, social e educacional a ser equacionado e tem despertado atenção dos poderes públicos e privados, com repercussão em todos os demais segmentos da sociedade, principalmente nas áreas industriais, comerciais e turísticas.

Para SILVA (1970), a diminuição das horas de trabalho trouxe, como consequência, três resulta-

dos: aumento das horas de ócio; elevação do nível salarial, em virtude de maior rendimento em menos tempo de trabalho; incapacidade de empregar adequadamente o tempo livre.

Pode-se acrescentar a falta de organização espacial e projetos urbanísticos incompletos, sem previsão de locais para atividades de lazer, principalmente em conjuntos habitacionais de grande densidade demográfica e, além disso, projetos recreacionais para preencher o tempo livre.

Para a prática do lazer, é preciso localizações em condições favoráveis. Grandes empresas já incluem, como elemento do componente trabalhador/horas trabalhadas/horas ociosas, a criação de espaços destinados ao lazer, contratando, inclusive profissionais da área para planejarem e executarem projetos de atividades recreacionais. Com essa preocupação, a Centrais Elétricas de São Paulo implantou pousadas em quase todas suas barragens para fins de férias e lazer de seus funcionários e familiares, sendo que a Prefeitura de São Paulo, de longa data, já mantém professores para atividades em parques e locais de lazer para as crianças, jovens e adultos.

DUMAZEDIER (1990), ao analisar o problema espaço e lazer e a cidade, diz que o local de lazer é diferente daqueles da família, da escola, do trabalho e da igreja. Trata-se de espaço vivencial, onde o objetivo precípua é o viver pelo viver, é ter oportunidade de ocupar o tempo livre para exprimir as necessidades individuais, físicas, sociais e artísticas.

O lazer se faz ressaltar a partir da observação do contexto em que vivemos no Brasil e pelas dificuldades enfrentadas. Os valores inerentes em benefício do lazer são em geral desconhecidos pelas pessoas, instituições, poderes públicos e privados. A produção de espaços para o lazer tem apresentado diferentes faces e dificuldades para a administração pública nas cidades de porte médio. Em Bauru, que não foge a essa regra, esses espaços públicos existentes para a prática de atividades físicas de lazer não são planejadas segundo anseios da população.

Desta forma este trabalho se justifica pela carência de informações relacionadas à criação dos locais públicos de lazer, suas ocupações, atividades desenvolvidas atualmente, programas de ativida-

des propostos e supervisionados por especialistas da área. Para tanto procuramos conhecer as características, os conceitos e os anseios da população do bairro.

## MÉTODO

Foi realizada investigação junto aos moradores de um dos bairros de Bauru, para se verificar de que forma determinado espaço público de atividades físicas de lazer, existente no mesmo, atende a essa população, e se o faz, procurou-se saber se existem programas oficiais de lazer e recreação realizados por especialista da área.

Em cada quadra desse bairro, escolheu-se aleatoriamente uma residência, perfazendo-se um total de 75 moradores a serem pesquisados através de questionário.

Foi aplicado questionário para os moradores do bairro Jardim Bela Vista, sendo preenchido pelos próprios entrevistados. Além de questões mais gerais, foram abordados aspectos específicos como: qual é o conceito que este morador tem a respeito do lazer, se existe e se ele conhece no bairro algum espaço para esse tipo de atividade e o que gostaria de aí encontrar. O prazo estipulado para devolução incluiu o período de uma semana.

Recolhidos os instrumentos, as informações acumuladas foram processadas quantitativamente e apresentadas, sob forma tabular, as respectivas distribuições de frequência, em valores absolutos e relativos (percentuais).

## RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Em termos de variáveis epidemiológicas descritivas, quanto à faixa etária, os moradores do Jardim Bela Vista de até vinte anos representam 41,7%; de vinte e um até cinquenta anos, 37,5% e, acima de cinquenta anos, 20,0%. Considerando-se o sexo, 55,4% dos pesquisados são do sexo feminino e 44,6%, masculino. Verificou-se, também, que a grande maioria, ou seja, 69,4% dos habitantes, reside no local há mais de quatro anos e gostam do bairro onde moram. No que concerne ao fator sócio-econômico, 62,5% dos moradores ganham até cinco salários mínimos e 37,5% mais que cinco salários mínimos, sendo que 54,0% das residências

pesquisadas têm até quatro pessoas na família. Os indivíduos de famílias que percebem salários menores praticam menos atividades de lazer. Dentre os que ganham mais de cinco salários mínimos, 65,0% praticam alguma atividade de lazer.

Em relação ao conceito de lazer, foram noventa e uma as definições dadas pelos moradores do bairro. São apresentadas, na tabela 1, sob a forma de fatores, isto é, de atividades classificadas em categorias temáticas, de acordo com CAMARGO (1986) e DUMAZEDIER (1979).

**TABELA 1:** Conceitos de lazer apresentados pelos moradores do Jardim Bela Vista, classificados em categorias temáticas de acordo com CAMARGO (1986) e DUMAZEDIER (1979).

Categorias	Atividades	Frequência	
		Absol.	Relat. (%)
Atividades Físicas		44	48,40
	Prática de esporte	14	15,40
	Brincadeira	12	13,20
	Piscina	04	4,40
	Uso de parque	03	3,30
	Ciclismo	03	3,30
	"Relax"	03	3,30
	Futebol	02	2,20
	Dança	01	1,10
	Caminhada	01	1,10
Yoga	01	1,10	
Atividades Artístico-culturais		04	4,40
	Teatro	02	2,20
	Festa	01	1,10
	Cinema	01	1,10
Atividades Associativas		04	4,40
	Clube	02	2,20
	Jardim	01	1,10
	Bosque	01	1,10
Atividades Psicossociológicas		24	26,30
	Divertimento	20	21,90
	Tempo livre para descanso	04	4,40
Atividades Turísticas		06	6,60
	Passeio	05	5,50
	Viagem	01	1,10
Outras		09	9,90
	Lazer	04	4,40
	Não sabe	03	3,30
	Artesanato	01	1,10
	Cuidar dos netos	01	1,10
<b>Total</b>		<b>91</b>	<b>100,00</b>

Com o resultado acima exposto, constata-se que a população concebe o lazer como sendo atividade pertencente a domínio parcial da existência do homem. Convém ressaltar que está relacionada com práticas esportivas, conteúdos culturais e atividades artísticas, incluindo ainda, as relações familiares. Segundo MARCELLINO (1983) o conceito de lazer acaba restringido aos conteúdos de determinadas atividades; assim, como verificação dos valores associados ao lazer, torna-se mais difícil. E, ao nível do senso comum, pode-se observar que o lazer está relacionado com o divertimento e o descanso, sem ser considerada a questão do desenvolvimento pessoal e social que dele pode provir.

Dentre as atividades conhecidas e colocadas em prática pelos moradores do Jardim Bela Vista, classificados em categorias na tabela 2, ressalta-se o número considerável (17,70%) de pessoas que não praticam nenhuma atividade de lazer no Jardim Bela Vista.

**TABELA 2:** Atividades de lazer conhecidas e praticadas pelos moradores do Jardim Bela Vista.

Categorias	Atividades	Frequência	
		Absol.	Relat. (%)
Atividades Físicas		64	62,90
	Esporte (D* )	13	12,80
	Natação (F** )	13	12,80
	Futebol de campo (F)	10	9,80
	Andar de bicicleta (D)	09	8,80
	Brincar (D)	05	4,90
	Dança (D)	04	3,90
	Voleibol (D)	04	3,90
	Karate (F)	01	10,00
	Yoga (F)	01	10,00
	Bocha (D)	01	10,00
	Ginástica (F)	01	10,00
	Caminhada (D)	01	10,00
	Skate (D)	01	10,00
Atividades Intelectuais		10	9,70
	Leitura	08	7,80
	Assistir TV	02	1,90
Atividades Artístico-Culturais		03	2,90
	Artes	02	1,90
	Festa	01	1,00
Não Praticam Nenhuma Atividade		18	17,70
Outras		07	6,80
	Frequência à missa	02	1,90
	Descanso	02	1,90
	Venda de sorvete	01	1,00
	Passeio	01	1,00
	Passeio de carro	01	1,00
<b>Total</b>		<b>102</b>	<b>100,00</b>

\* Atividades praticadas dentro do bairro.

\*\* Atividades praticadas fora do bairro.

Quanto às atividades de lazer, 53,0% dos pesquisados dizem praticar tais atividades no Jardim Bela Vista. Essas atividades ocorrem na quadra poliesportiva situada na Av. Nuno de Assis, bem como em outros logradouros públicos. Porém, 65,2% da população pesquisada conhece a quadra da Avenida Nuno de Assis e aproximadamente 7,0% citam o Centro Social Urbano (CSU), espaço de lazer vizinho ao bairro que, apesar de relativamente distante dessa quadra, não pertence à região pesquisada. No CSU, além das práticas esportivas mais comuns que envolvem a maioria jovens, são oferecidas outras atividades de lazer para as diversas faixas etárias. Neste local, funciona o "clube da vovó", que desenvolve atividades para as pessoas da terceira idade, com programas de atividades de lazer e professores especializados.

A necessidade de se criarem áreas reservadas ao lazer público é do reconhecimento popular e consta no PLANO DIRETOR DE BAURU. Há neste a preocupação de oferecer áreas de lazer à população nas diversas regiões da cidade. O Jardim Bela Vista conta com poucas opções para o lazer porém, o que acarreta para os moradores (crianças, jovens, adultos e idosos) prejuízo quanto à ocupação do seu tempo ocioso.

Contudo, apesar de a prefeitura municipal de Bauru preocupar-se em oferecer à população espaços de lazer (Artigo 123 da Lei Orgânica do Município) onde esta possa, de alguma forma, usufruir das horas de tempo livre, não existe programa nem professor especializado para atender a população, orientando-a e apresentando programações regulares e diversificadas.

A pesquisa nos mostra que, dos homens pesquisados, 72,0% praticam atividades de lazer no bairro e, das mulheres, somente 37,0% praticam. Seria decorrência de dupla jornada de trabalho (doméstica e profissional)?

Quanto aos anseios, em relação a espaços de lazer no bairro, os noventa e três fatores solicitados pelos moradores do Jardim Bela Vista foram classificados em atividades físicas, infra-estrutura de base e de serviço, área verde, atividades psicossociológicas e atividades artístico-culturais, conforme tabela 3.

**TABELA 03:** Solicitações de espaços para lazer apresentadas pelos moradores do Jardim Bela Vista em 1993.

Solicitações	Tipo	Frequência	
		Absol.	Relat. (%)
Atividades físicas		32	34,40
	Piscina	11	11,90
	Playground	08	8,60
	Quadras esportivas	06	6,40
	Campo de futebol	05	5,30
	Pista de ciclismo	02	2,20
Infra-estrutura de base e de serviço		25	26,90
	Organização	09	9,70
	Existência de instrutores	05	5,30
	Vestiário	05	5,30
	Bola	03	3,30
	Banheiro	03	3,30
Área verde		17	18,10
	Bosque	06	6,40
	Praça	06	6,40
	Árvores	05	5,30
Atividades psicossociológicas		15	16,20
	Bom relacionamento social	08	8,60
	Menções de satisfação	07	7,60
Atividades artístico-culturais		04	4,40
	Teatro	04	4,40
<b>Total</b>		<b>93</b>	<b>100,00</b>

Como se aí pode constatar, pelas solicitações arroladas, o aproveitamento de itens relativos ao meio ambiente natural evidencia certa preocupação voltada à áreas verdes (18,10%). Esse fato reforça as propostas do próprio PLANO DIRETOR do Município de Bauru, embora não tenha sido sequer apresentado à população da cidade em geral, pois ainda consta apenas como projeto na Lei Orgânica do município, pelo Artigo 123, inciso 1º. Revela-se, portanto, a necessidade de que se acelere o processo de aprovação do referido plano.

Entende-se que a tarefa de criar espaços e desenvolver projetos na área do lazer, a médio e

longo prazo, cabe a toda sociedade, através de suas entidades representativas de classes, organizações industriais e comerciais, órgãos públicos e privados responsáveis pela educação.

A participação da comunidade, no entanto, é fundamental para o conhecimento do valor do ambiente e é claro incentivo para comportamento destinado à valorização e à preservação dos espaços específicos para a prática de atividades de lazer. Neste sentido, algumas iniciativas vêm sendo tomadas pela Prefeitura Municipal, a fim de poder oferecer à população lazer gratuito, aquele que ocupa o tempo livre em termos de realização pessoal e comunitária.

Tendo em vista a contribuição da literatura abordada, verifica-se que, na concepção do moderno urbanismo, são priorizados os aspectos ligados à funcionalidade urbana e humanização da cidade. SANTOS (1994) destaca que a geografia é uma só e os problemas resultam da funcionalização do mundo e, portanto, dos lugares.

Assim sendo, por este estudo da cotidianeidade do Jardim Bela Vista, verifica-se que não há áreas de lazer para as expectativas expressadas pela comunidade: falta uma política de organização de áreas de lazer para a população do bairro, que naturalmente evite a exploração urbana através de formas comercializadas de lazer a que as pessoas se expõem por falta de esclarecimento.

Que o poder público volte sua atenção para as expectativas de lazer, utilizando como subsídios planejamento e programas para o atendimento e interesses da população, respeitando as faixas etárias e colocando pessoas especializadas para orientação!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, L. O. de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. Trad. Regina Maria Vieira. Biblioteca Científica - SESC - Série Lazer 3, São Paulo, 1990.

***A participação da comunidade, no entanto, é fundamental para o conhecimento do valor do ambiente e é claro incentivo para comportamento destinado à valorização e à preservação dos espaços específicos para a prática de atividades de lazer.***



MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. Campinas : Papirus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Lazer e educação*. Campinas : Papirus, 1987.

MILANEZI, J. Z. A ocupação espontânea dos espaços públicos de lazer, a quadra poliesportiva do Jardim Bela Vista/Bauru - SP: estudo de caso. *Dissertação de Mestrado em Projeto, Arte e Sociedade*. Bauru : FAAC/UNESP, 1995.

SANTOS, M. *Técnica espaço tempo*. São Paulo : Hucitec, 1994.

SILVA, N. P. *Recreação*. Teoria e conceito-história - técnica organização. São Paulo : Cia. Brasil Editora, 1970.

**ABSTRACT:** Understanding the interests in the use of places for leisure practices involves an intriguing appeal. This essay aims to contribute to such a task. It is based on a survey conducted with the inhabitants of Jardim Bela Vista, a district of the city of Bauru, São Paulo State. Leisure concepts and activities were investigated in relation to socio-economic conditions. Results have indicated absence of places, organization and specific programmes, rarely built up in accordance to local people's preferences.

## NOVAS SECRETARIAS ESTADUAIS DO

# CRBCE

### MINAS GERAIS

Secretária: Dinah Vasconcellos Terra  
Rua Arlindo G. Rodrigues, 1239  
Santa Mônica - Uberlândia - MG - CEP 38.406-231

### PARAÍBA

Secretário: Pedro de Almeida Pereira  
Rua Rosa Lima dos Santos, 89  
Conjunto dos Bancários - João Pessoa - PB - CEP 58.051-590

### PERNAMBUCO

Secretário: Sávio Assis de Oliveira  
Rua Cel. Anízio R. Coelho, 423/703  
Boa Viagem - Recife - PE - CEP 51.021-130  
Tel: (081) 465-5338

### RIO DE JANEIRO

Secretário: Victor Andrade de Melo  
Rua Carlos de Vasconcelos, 148, 708  
Tijuca/Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.521-050  
Tel: (021) 222-0885 - e-mail: victor@marlin.com.br

### RIO GRANDE DO SUL

Secretária (interina): Fatima Maria Pilotto  
Rua Ramiro Barcellos, 1920/41  
Floresta/Porto Alegre - RS - CEP 90.035-006

*UNITERMOS:* Natação/Cultura/Sociedade/Imaginário Social/Representação Social.

*RESUMO:* Inscrevendo-a na linha do Imaginário Social, este estudo objetiva articular os diversos sentidos da natação com a dinâmica social do seu tempo, levando-nos a perceber as múltiplas formas de organização a cerca das representações assumidas por esta atividade em diferentes classes sociais, culturas e grupos, bem como os diferentes universos de opinião e/ou concepção que daí derivam.

Enfim, o espírito deste estudo é o da natação como manifestação cultural e os reflexos dos quais derivam sua prática sob a forma de representações sociais.

O caráter transcultural e universal da natação, haja vista que em todos os países, em todas as épocas o homem nadava parece ter promovido entre os historiadores o consenso em afirmar que a natação nasceu com o homem e, que portanto, sua origem se confunde com a da própria humanidade.

Numa revisão à literatura que discorre sobre a natação, constata-se também que desde a antiguidade, seu aprendizado e sua prática eram, principalmente, considerados como um requinte de distinção social.

O prestígio conferido aos praticantes da natação, pode ser observado no Egito, onde um nobre do reinado cita com orgulho, conforme documentos de arquivos de 2160 e 1292 a.C. (LENK, 1942), que seus filhos tomavam aulas de natação juntamente com os filhos do rei. O que permite inferir que já naquela época a natação era concebida como uma prática esportiva, com conteúdos organizados e "pedagogicamente" hierarquizados.

O valor formativo e totalizador conferido à natação, pode ser também observado em Roma. O

conceito em que tinham a natação era tal, que chegavam a tratar de modo desprezível quem não soubesse nadar proferindo frases como: "é tão ignorante que não sabe ler nem nadar" (LOTUFO, s/d).

O consenso estabelecido em torno de algumas representações<sup>1</sup> assumidas pela natação no decurso do tempo onde, a principal é sem dúvida, a de uma prática esportiva como elemento de distinção social (a natação é concebida como uma atividade com caráter de prática, portanto, "a natação é para ser nadada"!), entra em desacordo com àquelas que lhe dão significação no Brasil a partir de sua institucionalização.

Admitindo-se que, na maioria das vezes, o ritmo de qualquer transformação obedece a um esquema suave e continuista de desenvolvimento, a natação deveria instituir-se, no mínimo, com uma conotação semelhante e/ou aproximada a de uma prática esportiva. Contudo, ao institucionalizar-se, foi destituída de sua significação primária, passando a representar apenas um banho.<sup>2</sup>

\* Extraído do "Projeto Preliminar de Tese" encaminhado à Universidade Gama Filho(RJ) em 1995 por exigência do concurso de acesso ao Programa de doutoramento

\*\* Instituição: Professor Assistente do Departamento de Desportos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES).

<sup>1</sup> Entende-se por representação neste trabalho, os "universos consensuais" criados pelas interações sociais no âmbito dos quais as novas representações vão sendo produzidas e comunicadas, passando a fazer parte desse universo como "teorias" do senso comum, que ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo (MAZZOTTI, 1994).

<sup>2</sup> O "banho" deve ser entendido, dentro da rotina escolar tal como demonstrado na continuidade do texto, como um espaço de tempo destinado a uma atividade espontânea, portanto, de caráter informal e não como uma higiene corporal.

A descontinuidade nesse processo pode ser ilustrada a partir da narrativa de Cantarino (1982), quando este discorre sobre a história da Educação Física: (...) no Colégio de São Luiz, de Jesuítas, situado na cidade de Itu, em São Paulo, foi construído em 1869 um "tanque de natação". Naquela época, o termo natação não tinha o mesmo significado que tem hoje! Este sentido, pode ser encontrado no romance "O Ateneu" de Raul Pompéia - reminiscências de sua vida estudantil no Colégio Abílio no Rio de Janeiro, onde ingressou nos idos de 1873, a partir do qual relata as atividades dos estudantes no (mesmo?) "tanque de natação". Conta-nos o renomado escritor que natação chamava-se o banheiro construído num terreno nas dependências do Ateneu. No verão carioca, prossegue sua narrativa, tinham os alunos dois banhos diários, verdadeira festa, quando eles nadavam, saltavam, pulavam, de forma turbulenta, sob os olhares dos inspetores. Em outras palavras, natação era apenas um banho.

Ora, se considerarmos todo o processo de "transplantação cultural" (no sentido de Sodré, 1989) sofrido pelo Brasil, que inclusive induziu-o à época a construir uma identidade nacional que tinha por princípio tornar-se imagem e semelhança da civilização europeia, como é possível admitir que a natação não fosse apreendida com uma significação mais próxima a de uma prática esportiva mas sim estatuída ao institucionalizar-se como um banho?

Por outro lado, a alteração em seu caráter representativo não significa uma perda concomitante de sua simbólica como distinção social, isto é, uma atividade elitista e elitizante. Contudo, naquele momento, forjada como banho, dissolve às construções esquemáticas pertinentes a sua identidade como uma prática esportiva, ou seja, desfaz todo o conjunto das práticas que serviam de suporte às suas representações, inclusive a de "status".

É bem verdade que nesta época nem as grandes metrópoles e, portanto, nem tampouco as cidades circunscritas a estas, possuía um sistema adequado de fornecimento de água e de escoamento para esta, ou seja, de esgoto. A água encanada não era suficiente para uso domiciliar como também o sistema de fossa utilizado tornava inviável o esvaziamento de uma piscina. Com uma água sem tratamento pois os sistemas de filtragem e cloração

não tinham dado seus primeiros passos, eram ainda bastante incipientes, a piscina com água turva transmitia uma aparência higiênica nada convidativa.

Contudo, como se deu no campo das representações a transferência para universos tão distintos, quer dizer, a imagem da natação construída ao longo dos anos como uma atividade para ser nadada (prática esportiva) e símbolo de um requinte de distinção social para um banho? Até que ponto a natação não ia de encontro aos ideais da higiene pública? Será que as dificuldades de urbanização e saneamento básico à época serviram de argumento para sinonimizar elementos tão adversos, isto é: piscina como tanque e prática esportiva como banho?

***A alteração em seu caráter representativo não significa uma perda concomitante de sua simbólica como distinção social, isto é, uma atividade elitista e elitizante.***

Outra possibilidade para se analisar estes processos de descontinuidade seria observar alguns fatos isolados ou estilos de vida que marcaram a cultura brasileira. O primeiro deles, situa-se no quadro da trajetória da europeização brasileira na chamada "Belle Époque". O seguinte, nas influências do cinema americano sobre a arquitetura nacional. Passamos então, a descrevê-los.

O cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense em nossa Primeira República, a chamada Belle Époque, levou o afrancesamento da cultura brasileira a um certo paroxismo.

No âmbito da natação, essas repercussões se fazem presentes, principalmente, na vestimenta com a incorporação do "maillot" e da touca que não tinha outra finalidade a não ser a de proteger o cabelo do possível vexame de despentear. É importante frizar que até então, a natação era um esporte praticado mais por homens devido a condição da indumentária. O pudor feminino ainda dificultava o uso de roupas mais sumárias para sua prática.

Um depoimento de Blanche (1994), ilustra melhor estas influências: "naquela época para nadar, os homens vestiam uma enorme sunga sobre o traje de banho, composto de camiseta e short. As mulheres usavam toucas e um maiô que ninguém podia ver, pois ficava escondido sob um vestido de casimira que cobria o corpo inteiro e só era tirado dentro d'água. Tão logo saía da água, meu pai corria para cobrir-me com o vestido. Não era puritanismo mas, costume" (p.94).

Sucessivamente, a moda francesa fazia desfilar-se nos trajes de banho, como a touca imitando um penteado, trazida por encomenda pelo "dernier bateau" - dito assim, literalmente. Estar trajando a última moda parisiense para praticar natação ensejava um certo "glamour"; era não só sinal de bom-gosto como traduzia um certo pertencimento a uma cultura avantajada, moderna em detrimento à sua identidade nacional. Dito em outras palavras, era sinal de "status", aburguesamento ou ainda "nouveaux riches".

A sociedade brasileira passou neste século por um complexo processo de transformações sociais. Representações sobre as atividades corporais, sobre o esporte sofreram redefinições no campo dos significados e valores. Pensar a impossibilidade da mulher praticar natação associada a uma polêmica sobre o pudor e, na atualidade a aparência do corpo, o estilo de vida esportivo, representando identidade pessoal, podemos visualizar o abismo das transformações.

Evidentemente que as transformações sociais indicadas pela urbanização, cultura de massa, terceirização das economias, burocratização e as relações entre a vida privada e pública, entre outras, estão na base das mudanças das representações sobre o esporte por interagirem com outros campos da cultura.

É este entrecruzamento dos vários aspectos de uma cultura ou, como nomina Teves (1995) "a representação como síntese da multiplicidade dos diversos", que inscreve a natação numa rede de significações explicada a partir da emergência de um dado núcleo figurativo.

Assim o é que, na década de 30, segundo Santos (1981), como resposta de vanguarda ao estilo Luiz XVI e aos Estilos Classicizantes que predominavam na arquitetura nacional, os arquitetos brasileiros reavivam o estilo Neocolonial - introduzido no Brasil pelo arquiteto português Ricardo Severo em 1902, passando a "adotar uma espécie de Doutrina de Monroe para a arquitetura, preconizando como que uma independência da cultura, cada qual procurando reviver formas caldeadas no Novo Mundo" (p.89).

***Evidentemente que as transformações sociais indicadas pela urbanização, cultura de massa, terceirização das economias, burocratização e as relações entre a vida privada e pública, entre outras, estão na base das mudanças das representações sobre o esporte por interagirem com outros campos da cultura.***

Simultaneamente, o cinema americano introduz no país, via Hollywood, fitas dos mais diversos enredos mas, que traduzem pela ambientação feita em casas com piscinas, de arquitetura bastante despojada (de vanguarda), as benéficas da terra do Tio Sam. Em sua maioria ambientados na Califórnia, traduzindo, portanto, uma grande proximidade com o "tropicalismo" brasileiro, as casas com piscinas não tardam a se transformar numa "febre hollywoodiana" a qual induz inúmeros arquitetos brasileiros a adotar este padrão de construção que marca o chamado Período Californiano na arquitetura nacional.

É preciso lembrar ainda, que para assegurar essa transplantação cultural, ressurgiu na mesma época, 1931 e, desta vez, através de Hal Foster via Metro Goldwin Mayer, o "Tarzan". Exímio nadador, recordista mundial, Johnny Weissmüller simbolizava o eixo de articulação do movimento saúde versus natação, por superar pela prática contínua desse esporte, os problemas de ser uma criança franzina e doente que, em 1910 a maioria dos médicos diagnosticava que jamais se desenvolveria normalmente.

Estas informações associadas à tendência Californiana de construção, foram suficientes para que proliferassem no país casas com piscinas, cujos donos asseguravam que para além de um símbolo de "status", sua preocupação (da família) era a de garantir a saúde do(s) filho(s) pela possibilidade de sua utilização cotidiana. Em outras palavras, transformá-los em Tarzans: símbolo de fascínio por seu vigor físico, corpo esteticamente emoldurado além de representar o sucesso.

Não podemos esquecer, também, que a figura de Dorothy Lamour de sarongue nos filmes - a "Jane", representou um alento para os estilistas na projeção de uma "nova" concepção para trajes de banho e para a prática da natação. Foi a partir de Dorothy Lamour que aparece o maiô de duas peças que, posteriormente evoluiu em nomenclatura (e tamanho!) para o biquíni.

Pensando a partir de Bourdieu, o problema é então e ao mesmo tempo, distinguir os acontecimentos, as mentalidades, diferenciar as redes e os

níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros.

Logo, é necessário percorrer o caminho da (re)construção da estrutura do espaço da natação, enquanto produto objetivado das lutas históricas tal como se pode apreendê-lo num dado momento do tempo, quer dizer, como se dá a formação desses enunciados (construção de novas representações), como eles se reorganizam entre si para constituírem-se em um novo conjunto de proposições que são aceitas e portanto, apreendidas, incorporadas pela sociedade que passa a assumir este novo estatuto de representação pois “que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura” (BOURDIEU, 1990, p.210).

É nesse sentido, que Bourdieu acrescenta, que é preciso perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo, ou seja, para compreender um esporte, é preciso reconhecer que posição ele ocupa no espaço dos esportes. É preciso também, relacionar este espaço de esporte com o espaço social que se manifesta nele estabelecendo, desta forma, as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social. Em suma, o elemento determinante do sistema de preferência está associada a uma posição social e a uma experiência originária no mundo físico e social, qual seja, o *habitus*. O *habitus*, como “o produto de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico” (BOURDIEU, 1989, p.83), é história incorporada, coletiva e individualmente na medida em que propicia formas particulares de manifestações: as *práticas* nele e por ele forjadas e expressas.

As *práticas* constituem uma expressão sistemática dos modos de engendramento da interiorização da exterioridade e da exteriorização de interioridade (que é sempre apropriada como

segunda hereditariedade) e que refletem, condicionalmente as condições de existência. “Uma *prática* é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque é produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*” (BOURDIEU, 1983, p.65).

Por outro lado, quando se considera que a *prática* se traduz por uma estrutura estruturada predisposta a funcionar como uma estrutura estruturante, quer dizer, quando em uma ação as categorias de classificação presidem as práticas do indivíduo que as internalizou, explicita-se que a noção de *habitus* não somente se aplica à interiorização das normas e dos valores, mas inclui os sistemas de classificações que preexistem (logicamente) às representações sociais. O *habitus* pressupõe um conjunto de “esquemas generativos” que preside a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação, isto é, reproduzem as relações sociais historicamente determinadas.

Deste modo, as mudanças nas *práticas* e, portanto, nas representações sociais dela decorrente como no nosso caso, nas construções que formam o imaginário sobre a natação, só podem ser compreendidas na correspondência que se estabelece entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais pois, é na relação entre esses dois espaços que se definem as propriedades pertinentes a cada prática esportiva.

A intenção em buscar evidenciar as diversas formas de representação da natação no imaginário da sociedade não é tentar mostrar e/ou fazer com que sua prática científica seja e/ou passe a ser acompanhada por uma ideologia justa.

O importante em tais mudanças é perceber que está havendo uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros.

Não é, portanto, uma mudança de conteúdo (refutação dos erros antigos, nascimento de novas verdades), nem tampouco uma alteração de forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos). O que está em questão é

que sempre se buscou os efeitos e nunca as causas ou, como subverte Bourdieu (1990) "se não sei que as perturbações de Urano são determinadas por Netuno, acreditarei que compreendo o que se passa em Urano, quando na realidade compreenderei os efeitos de Netuno" (p.210).

Portanto, compreender a natação a partir de sua inserção em diferentes estruturas sociais que se deram historicamente, possibilita que se vislumbre detalhes específicos desta mesma atividade como da própria sociedade onde está inserida, bem como articular seus diversos sentidos com a dinâmica social do seu tempo.

Dito de outra forma, a análise destas dimensões permite com acrescenta Mazzotti (1994), perceber as diversas formas de organização a cerca das representações assumidas pela natação em diferentes classes sociais, culturas e grupos, bem como os diferentes universos de opinião e/ou concepção que daí derivam.

Trabalhos que se apropriam do esporte, das atividades corporais, do lazer e suas manifestações sociais como objeto de estudo, rompendo com as barreiras disciplinares e disciplinadoras, deveriam ganhar importância crescente no âmbito da educação física para o entendimento dos fenômenos sociais que deles derivam.

A legitimidade de estudos nessa linha contribui para o desenvolvimento do conhecimento sobre a cultura em nossa sociedade, para o público em geral e especificamente para as pedagogias críticas da educação física que se apoiam na história para ler sociologicamente os processos sociais.

Em última análise, este foi o espírito do estudo em questão ou seja: o da natação como manifestação cultural<sup>3</sup> e os reflexos dos quais derivam sua prática sob a forma de representações sociais.

## BIBLIOGRAFIA

- BLANCHE, Pironnet. O rio que passou em minha vida. In: Informe Especial: Projeto Tietê. Rio de Janeiro, *Revista Isto É*, 14/12/94, n.1315, p.94.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo : Brasiliense, 1990, pp.207-228.
- \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Lisboa : Difel, 1989.
- CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. "A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina", dissertação de mestrado. Brasília : UnB, 1982.
- ESPINOZA, Eduardo Araya. Tarzan: a história de um mito. São Paulo, *Revista Nadar*, Ano IX, n.75, junho/1994, pp.10-11.
- LENK, Maria. *Natação*. Rio de Janeiro : Melhoramento, 1942.
- LOTUFO, João. *Ensinando a Nadar*. São Paulo : Cia Brasil, s/d.
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. In: *Imaginário social e Educação*: revendo a escola.
- MICELI, Sérgio. A Força dos Sentidos. In: Bourdieu, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1987.
- SANTOS, Paulo F. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro : IAB, 1981.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese da História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989.
- TEVES, Nilda Ferreira (ORG). Brasília, *Em Aberto*, ano 14, n.61, jan./mar. 1994, pp.60-78.
- \_\_\_\_\_. "Pós-Graduação em Educação Física". Rio de Janeiro : UGF, 1995, anotações de aula.

<sup>3</sup> Cultura neste trabalho é entendida como Sodré (1989), representando o "conjunto das formas da vida espiritual da sociedade, que nascem e se desenvolvem à base do modo de produção historicamente determinado" (p.4).

# A CRIANÇA E O ESPORTE: o Lúdico como Proposta

Christianne Luce Gomes Werneck\*

UNITERMOS: criança, esporte, lúdico.

**RESUMO:** A discussão acerca dos papéis socioculturais incorporados pela criança e pelo esporte em nossa moderna sociedade ocidental assume como ponto de partida a reflexão sobre a intenção do adulto de eliminar a infância, transformando o *corpo infantil brincante no corpo adulto produtor*. Para tanto, a vivência esportiva das crianças é conduzida no sentido de consolidar os interesses do universo adulto, ao invés de representar um caminho para redescobrir significados dos gestos experimentados, bem como para concretizar o prazer e a alegria saboreados no brincar com o corpo e com o esporte. Propondo um novo jogo com características lúdicas, anuncio o sonho utópico da construção lúdica do corpo e do esporte, enquanto possibilidade concreta de atar vínculos entre o ser humano brincante, o esporte e nossa realidade sociocultural mais ampla.

## O ADULTO E SEU PROJETO DE ELIMINAÇÃO DA INFÂNCIA

*"Em nossa luta por responsabilidade enfrentamos um mascarado. A máscara do adulto chama-se 'experiência'. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre igual. Esse adulto já experimentou tudo: juventude, ideais, esperanças, a mulher. Tudo foi ilusão. Frequentemente ficamos intimidados ou amargurados. Talvez ele tenha razão. O que podemos contestar-lhe? Nós ainda não experimentamos nada."*  
(Walter Benjamin)

Com esse questionamento, o escritor alemão Walter Benjamin (1984), no início do século XX, introduz suas reflexões sobre a experiência, máscara utilizada pelo adulto para conduzir os passos infantis. Afinal, o adulto já foi criança um dia, desejou outrora o que hoje a vontade infantil anseia, duvidou dos mais velhos, teimou em fazer o que queria, teve medo diante do desconhecido, penetrou por caminhos obscuros, vibrou com a conquista de desafios.

Esbanjando superioridade, o adulto supõe saber tudo o que acontecerá, futuramente, com os pequenos. Para ele, o mundo infantil já não tem

mais nenhum mistério e, constituindo um dos períodos "inúteis" da vida – assim como a velhice –, marcado pela "não-seriedade", pelo "descompromisso" e pela "falta de obrigações", precisa ser reestruturado, correspondendo, então, ao princípio da produtividade vigente em nossa sociedade.

Do ponto de vista sociocultural, nossa realidade aponta para um adulto sisudo e cruel que se utiliza de diferentes artimanhas para aniquilar a infância e introduzir as crianças, o mais cedo possível, na sobriedade da vida "séria", marcada pelo respeito incondicional aos padrões preestabelecidos em nosso meio.

Em nossa moderna sociedade ocidental, o que se vem verificando, com frequência, é a impossibilidade da vivência da infância, como lembra Nelson Carvalho Marcellino (1990). Atualmente, pelas mais diferenciadas razões, as crianças – independente de sexo, raça ou classe social – não dispõem de tempo nem de espaço para que sua condição de criança seja vivenciada, atuando como construtoras de uma "cultura infantil". Construindo seu próprio universo cultural, a criança pode dialogar com o contexto social mais amplo, pois a infância não é um mundo à parte. As atitudes infantis enraízam-se nos contextos coletivos, histórico-sociais, expressando as contradições vividas em nossa sociedade como um todo.

\* Professora Assistente de Recreação/Lazer da Escola de Educação Física da UFMG; Mestre em Educação Física e Especialista em Lazer pela UFMG; membro do Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR – da Escola de Educação Física da UFMG.

Considerando, em especial, o universo infantil, o que se observa é a impossibilidade de viver o presente em função de um futuro que não pertence à criança, e sim ao desejo do adulto. De um lado, aulas de inglês, de informática, de música, de esporte... pilares da preparação para uma vida de sucesso, base para a constituição de uma juventude que vai conduzir os rumos de nossa sociedade. De outro lado, a necessidade de ingressar, precocemente, no mercado de trabalho dos centros urbanos e rurais, tendo em vista contribuir ou mesmo se responsabilizar pelo orçamento familiar, na luta pela própria sobrevivência: a (de)formação da juventude que vai possibilitar a perpetuação dos valores hegemônicos que constituem a base de um modo de produção em que o dinheiro, o capital, é o principal determinante social.

Diante das contradições vividas em nosso contexto sociocultural mais amplo, a criança sofre os impactos da responsabilidade e é conduzida, prematuramente, pelas trilhas do mundo adulto, deixando de saborear o prazer e a alegria que poderiam ser gozados em sua infância.

Face a esses argumentos, não pretendo defender um suposto "infantilismo", posição ingênua ou romântica que ignora o princípio da realidade. Ao contrário, proponho colocar em xeque o desprezo e a indiferença do mundo adulto pelo universo infantil, aclamando o direito ao brinquedo—ou brincadeira, ou jogo, ou festa.<sup>1</sup> Ao mesmo tempo que o brincar é desvalorizado em nossa moderna sociedade capitalista, por ser destituído do princípio "lucrativo" que tanto interessa àqueles que manipulam as regras do jogo, pode também abrir portas para o encontro do ser humano consigo, com o outro e com o mundo, alicerce de sustentação para a participação sociocultural crítica, criativa e transformadora, tal como nos fala Marcellino (1990).

Encarada como um adulto em potencial, a criança é concebida como um ser incompleto, experimenta o peso da obrigação precoce e vai, pouco a pouco, perdendo sua capacidade de sonhar, de criar e de brincar.

***Encarada como um adulto em potencial, a criança é concebida como um ser incompleto, experimenta o peso da obrigação precoce e vai, pouco a pouco, perdendo sua capacidade de sonhar, de criar e de brincar.***

Embora o brincar venha sendo entendido, historicamente, como uma atividade que tem o fim em si mesma, sem qualquer relação com os problemas do cotidiano, Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto (1995) afirma que tudo aquilo que nós sentimos, desejamos, fazemos e pensamos reflete o conjunto de valores, significados e representações que articulam o nosso viver e, nele, também ao nosso brincar. Por esse motivo o brincar, em nosso meio, é visto como uma inutilidade, a não ser quando esse brincar corresponde ao pragmatismo produtivo de nossa sociedade, que insiste em eliminar as fases "supérfluas" da vida.

Colaborando no projeto de eliminação da infância, a docilização pelo controle do corpo, buscando discipliná-lo e torná-lo eficiente, representa um valioso auxílio nesse sentido. O sucesso desse projeto é garantido pela transformação do *corpo infantil brincante* no *corpo adulto produtor*, por meio da utilização de diferentes mecanismos. Para tanto, é fundamental quadricular o espaço ocupado, organizar e controlar o tempo, adestrar o gesto, normalizar o prazer e regular o comportamento com objetivos de separar, hierarquizar, comparar e racionalizar, como esclarece Michel Foucault (1994).

Assim, como em nossa sociedade ocidental capitalista o referencial é o adulto—o corpo produtor—, Rubem Alves (1993) enuncia sua preocupação afirmando que uma criança não representa nada, ela só passa a alcançar algum valor depois de transformada em meio de produção, de ser automatizada, moldada de acordo com os interesses vigentes, tornando-se útil socialmente.

Nessa perspectiva a criança, enquanto corpo infantil brincante, vem sendo manobrada no sentido de tornar-se alienada do processo e do produto de suas ações corporais, tornando-se um instrumento manipulado pelas poderosas mãos adultas.

Fundamentado em Marx, Leôncio Basbaum (1978) esclarece que a *alienação* surge no processo histórico a partir do momento que surge a propriedade privada. Em parte, a alienação se manifesta porque o meu meio de subsistência pertence a outro, e porque o objeto de meu desejo é o bem inacessível de outro. "A alienação fora do trabalho

<sup>1</sup> Os termos *jogo*, *brinquedo*, *brincadeira* e *festa* são aqui empregados com o mesmo sentido conceitual, uma vez que compartilham entre si possibilidades de concretização lúdica, por meio da vivência de diferentes conteúdos culturais.



consiste em um processo, ou série de processos, que visam despersonalizar o homem, tornando-o um instrumento do outro” (Basbaum, 1978:45). Considerando a realidade brasileira, é isso que vem acontecendo com diferentes segmentos e, dentre eles, com as nossas crianças.

A ênfase na alienação do corpo infantil, como recurso para uso simbólico coercivo, demanda a imposição de um arbitrário cultural. Para que esse arbitrário seja inculcado, Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1992) advertem que é necessário realizar-se um trabalho pedagógico, reproduzi-lo através de diferentes instituições – sistemas de ensino – e estabelecer uma autoridade pedagógica que legitime o arbitrário imposto.

Para exercer seu efeito simbólico sobre o corpo infantil brincante, tornando-se temido por ele, o corpo adulto produtor precisa que o seu poder arbitrário de imposição esteja dissimulado. Assim sendo, sua autoridade é reconhecida como um direito legítimo de imposição. Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto (1995) complementa que a autoridade é imposta não somente através de palavras orais, mas de todas as linguagens do corpo, destacando-se, aqui, os gestos. Expressões, olhares, apitos, tudo é utilizado na vigilância corporal, com efeitos de poder e coerção claramente visíveis.

Isso fica evidente quando observo, por exemplo, que nas aulas de iniciação esportiva para crianças, freqüentemente educa-se para a docilidade, impondo o uso mecânico e disciplinado do corpo, pela legitimação da autoridade – corporificada no adulto – que estabelece as regras; controla as ações; manipula os desejos; fragmenta e dosa os conhecimentos. Tornando-se alvo de diferentes mecanismos coercivos, o corpo infantil brincante fica destituído de sua essência e oferece-se a novas formas de saber, determinadas pelo jogo de poder exercido pelo dominante mundo adulto.<sup>2</sup>

## O PAPEL DO ESPORTE NO PROJETO DE ELIMINAÇÃO DA INFÂNCIA

Atendendo aos interesses do universo adulto – racional, produtivo e tecnocrático –, o esporte

moderno torna-se um excelente recurso para eliminar a infância e padronizar o movimento corporal, procurando alcançar níveis máximos de rendimento.

A moderna concepção de esporte, gerada pelo movimento esportivo inglês em fins do século XIX, propagou-se rapidamente por todo o mundo ocidental, como indicam estudos empreendidos por Mauro Betti (1991). A participação do aristocrata francês Pierre Frey – Barão de Coubertin – foi decisiva nesse processo. Coubertin, em sua proposta de apoio ao esporte e ao renascimento dos Jogos Olímpicos, inspirou-se na Grécia Antiga e no modelo educativo das *Public schools* inglesas, pois via no esporte inglês a possibilidade de ressurgimento da educação corporal grega.

Correspondendo ao modelo capitalista hegemônico na sociedade ocidental, o esporte moderno, em seu processo de construção histórica e cultural, incorporou, dentre outros, os princípios de rendimento, racionalização dos meios e técnicas, competição, comparação de resultados, regulamentação rígida, busca de vitória.

Diante desses princípios delineados para o esporte moderno, o corpo passa a ser treinado e automatizado, tendo em vista obter o máximo de rendimento possível. Entretanto, submeter o corpo infantil brincante às regras do moderno esporte adulto é colaborar com o projeto de eliminação da infância, pois a criança não representa uma miniatura do adulto. Sua experiência não é só quantitativamente, mas também qualitativamente diferente da do adulto, de modo que a criança não é só menor, mas também diferente, com outras possibilidades e limites.

A infância representa uma fase da vida que deve ser aproveitada e vivida da melhor maneira possível, e a finalidade da vivência esportiva para crianças não é acelerar o alcance de altos índices de rendimento, mas possibilitar maneiras diferenciadas de lidar, de forma crítica, criativa e prazerosa, com o próprio corpo, com o corpo do outro e com o corpo do mundo, ampliando o universo gestual. Como escreve Leila Mirtes Santos de Magalhães

<sup>2</sup> A partir dos estudos realizados em meu curso de Mestrado, passei a entender *jogo de poder* como o conjunto de fundamentos ideológicos que refletem interesses políticos, sociais e econômicos de determinados segmentos, tendo em vista o exercício da dominação/submissão. Dessa forma, o *poder* articula-se à capacidade de planejar e conduzir uma ação política (Werneck, 1995).

Pinto (1995), através dos gestos, o corpo escreve no ar o que lhe vem sendo ensinado, bem como participa da trama sociocultural construída. Nessa vivência, constitui-se o gesto como expressão de uma totalidade corporal.

Por outro lado, em nossa sociedade, nem sempre o corpo é focalizado em sua totalidade. Voltando olhares para o processo de construção histórica que vem possibilitando a constituição dos sentidos impregnados em nosso corpo, podemos encontrar pistas que nos auxiliem a compreendê-lo hoje, buscando entender as razões que, muitas vezes, impedem o desabrochar do corpo brincante.

A Antigüidade Clássica abriga os embriões da dicotomia corpo e alma, da concepção de corpo como esfera apenas biofísica e da submissão do corpo à parte racional. Esses sentidos são frutos do pensamento grego pré-socrático e, como estão presentes até nossos dias, tudo aquilo que é relacionado ao corpo ocupa posição inferior nas estruturas sociais hierarquizadas, uma vez que a alma é, indiscutivelmente, a mais valorosa das partes que compõem o ser humano. Por esse motivo, nobres eram aqueles que deleitavam-se com os prazeres da alma, desdenhando assim os do corpo (Werneck, 1995).

O período Medieval, caracterizado por um cristianismo associado ao helenismo, baseou-se na visão platônica de corpo, considerando-o como fonte de pecado, causa de todos os males e da decadência humana. Com isso, o corpo passa a ser objeto de resignação cristã, e todo o prazer deveria ser negado em função da salvação eterna da alma. O mais importante não é ser um corpo brincante, mas sim um corpo puro e moralmente limpo, averso a todo tipo de gozo corporal.

No início da Modernidade, por sua vez, há uma tentativa de ruptura com os valores que se vinham perpetuando desde a Antigüidade Clássica. A Idade Moderna assistiu ao triunfo da racionalidade, respaldada pelo conhecimento científico. Silvino Santin (1990) esclarece que a compreensão de corpo, no gestar da Modernidade, foi caracterizada por duas atitudes básicas, que correspondiam ao jogo de poder hegemônico naquele período histórico: a primeira consistia em uma tentativa de libertá-lo dos princípios teológicos; a segunda buscava vinculá-lo às questões epistemológicas.

Uma vez liberto dos princípios teológicos, ao corpo é permitido entregar-se, mesmo que seja com reservas, à busca do prazer. Aliado a essa busca, entra em cena o capitalismo. Enquanto tal, a conquista de um corpo prazeroso – modelo disseminado pelos meios de comunicação de massa – depende do consumo de produtos e serviços. Assim sendo, o corpo é também moldado do ponto de vista econômico, sendo visto como objeto manobrado pelo capitalismo: o corpo brincante é aquele que tem acesso e consome as diferentes “maravilhas” colocadas no mercado (Werneck, 1995).

Considerando a articulação do corpo às questões epistemológicas às quais Silvino Santin (1990) se refere, é importante salientar o positivismo que vêm influenciando, notadamente, a constituição

***Uma vez liberto dos princípios teológicos, ao corpo é permitido entregar-se, mesmo que seja com reservas, à busca do prazer. Aliado a essa busca, entra em cena o capitalismo.***

dos sentidos de corpo em nosso meio. O positivismo assinala o fim da teoria do conhecimento fundada no pensamento lógico-transcendental, instalando, em seu lugar, uma teoria das ciências modernas, que assume como critérios de cientificidade a certeza, a exatidão e a utilidade (Habermas, 1987). Imbuído de princípios positivistas, o corpo é reduzido à sua matriz biológica e, por isso, concebido apenas do ponto de vista anátomo-fisiológico, como algo neutro e objetivo. Em outras palavras, o positivismo volta-se não somente para o corpo consumidor mas sobretudo, para o corpo produtor: corpo que nem sempre encontra espaço para a vivência do brinquedo, nem mesmo em sua infância.

Mesmo conscientes das diferenças, das peculiaridades e do direito das crianças de brincar sua infância, muitas vezes insistimos em levar adiante o projeto de transformá-las, o quanto antes, em corpos produtivos, ou seja, em “atletas mirins”. Para tanto, transferimos a rotina maçante das coisas “sérias” para a vivência esportiva de nossas crianças, acelerando o processo de constituição de seres dóceis e não brincantes.

Ponderando sobre a seriedade, Mário de Andrade (1986) afirma que existe uma grande diferença entre *sério* e *a sério*. Para o autor, levar *a sério* não representa o respeito incondicional às normas sociais, e sim o compromisso com o avançar de determinado empreendimento. Levando *a sério*, caminhamos em direção ao objeto de nossa seriedade, seja ele o brinquedo, o esporte, o trabalho, o

amor, dentre outros. Por outro lado, se somos *sérios*, nos coisificamos como objetos de seriedade, assumindo um caráter acabado e estéril, destituído do prazer, do humor e da alegria que, muitas vezes, conferem um brilho especial àquilo que realizamos.

Com isso, podemos levar *a sério* o trabalho esportivo com crianças, sem exigir que elas ingressem precocemente no mundo adulto e abram mão do sabor de sua infância, ampliando possibilidades para vivenciar o lúdico em nosso cotidiano com o esporte.

## **PROPONDO UM NOVO JOGO: o esporte com características lúdicas**

De um modo geral, os estudos sobre o lúdico não deixam de considerar Johan Huizinga (1993), que compreende a realização desse fenômeno no jogo, tendo como características básicas os sentidos de liberdade, gratuidade e prazer em viver as ações, o tempo e o espaço. Para esse autor, o jogo lúdico é uma atividade “não-séria” e exterior à vida habitual.

No entanto, contrapondo-se à Huizinga, Umberto Eco (1989) argumenta que o jogo sofre pressões do contexto material, na forma de prêmios, títulos e *status*, comprometendo, pois, a gratuidade do jogo, mas não a essência da vivência lúdica, que demanda criatividade, consciência crítica, participação coletiva e diálogo. No jogo lúdico, tudo é levado *a sério*, revelando um profundo interesse pela sua realização. O produto das ações não é determinante das jogadas empreendidas, mas é concebido como um dos aspectos que constituem a vivência corporal lúdica.

De acordo com as reflexões de Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto (1995), o lúdico materializa experiências culturais, que são movidas pelos desejos de quem joga e coroadas pelo prazer. A satisfação lúdica, por sua vez, funda-se na liberdade como conquista que demandou organizar as ações, o tempo e o espaço, bem como a aventura neles, tendo em vista a superação de desafios. O lúdico assume, assim, o *outro* como categoria básica do exercício de liberdade. Quanto mais livres as relações no jogo, tanto mais necessário é o reconheci-

mento do *outro*. Podendo sonhar e falar alto na relação lúdica, um eu-jogador se submete ao outro jogador, que faz o mesmo com relação a ele próprio. Nesse diálogo, constituem-se os jogadores e as ações em um tempo, um lugar e com objetos constantemente recriados. Sonhos e sentimentos são trocados e partilhados, podendo tudo ser reorganizado até mesmo às avessas.

Essa reorganização do jogo lúdico pode ser concretizada à medida que os jogadores decidem retirar suas “máscaras sociais” e repensar as tatuagens culturais inscritas em seu corpo, revelando-se aversos à formalidade que determina as regras de modo autoritário, sem crítica e reflexão. No jogo lúdico são os desejos da imaginação criadora que imperam, sendo possível cometer excessos e libertar sentimentos reprimidos, ultrapassando os limites impostos, culturalmente, em nossa sociedade. A única obrigação que permanece é despende-se a si mesmo, ousando realizar, como lembra Roger Callois (1988).

*O lúdico assume, assim, o outro como categoria básica do exercício de liberdade. Quanto mais livres as relações no jogo, tanto mais necessário é o reconhecimento do outro.*

Para que o jogo lúdico seja vivenciado de acordo com os desejos dos participantes, é fundamental conhecer a realidade de quem se está educando, quais são as suas necessidades, limi-

tes e possibilidades. Esse pressuposto traduz a idéia da compreensão de nós mesmos, do outro, de nossos papéis sociais, de nossa cultura, nossa história, de nossa sociedade como um todo. Somos interventores sociais, produtos e produtores de nosso contexto. Dessa forma, como ignorar nossa história de vida, raízes históricas, relações sociais, enfim, nosso cenário mais amplo?

Para conhecer a fundo uma dada realidade, é fundamental possibilitar à criança – corpo brincante – o reconhecimento de seu papel como sujeito que decide, tem autonomia, repensa as ações, aprende a respeitar as regras construídas coletivamente pelo grupo, avalia e busca alternativas críticas e criativas para os problemas que surgem no cotidiano. Não é um “deixar fazer” destituído de qualquer finalidade político-pedagógica, mas um contínuo processo de construção coletiva. Dessa forma todos experimentam o gosto da cumplicidade, estabelecendo os desafios a conquistar, os sonhos a realizar, os preconceitos a derrubar.

A vivência lúdica no esporte fala, pois, do prazer em participar das ações construídas, coleti-

vamente, por todos aqueles que se colocam em jogo. Nessa perspectiva os jogadores – sujeitos das ações pedagógicas realizadas – compartilham entre si a alegria em vivenciar o processo e em se apropriar do produto de suas ações. Assim, na vivência lúdica todos reconhecem seu compromisso com o avançar da experiência, com chances de brincar com os conhecimentos – conteúdos culturais –, com o espaço, com o tempo, com diferentes materiais, com as ações desenvolvidas, com o corpo dos colegas e com o próprio corpo.

O corpo, totalidade expressiva intencional, possui diferentes linguagens, que se manifestam de maneiras distintas. Aprendendo a ler as manhas do corpo – seus ruídos, seus silêncios, desejos e intenções – estaremos ampliando limites, compreendendo resistências e assumindo papéis de sujeitos influenciados e influenciadores do contexto mais amplo.

Por essas razões, na construção lúdica do esporte é preciso viver a aventura do corpo, ser corpo, sentir-se corpo e compreendê-lo a partir de suas construções cotidianas em nossa sociedade. Afinal, o lúdico não representa o vivido apenas em um dado momento: ele está entrelaçado à realidade e às condições concretas de existência, envolvendo nossos valores, nossa história de vida, classe social, medos, prazer e desprazer provocados pela situação. A construção lúdica do corpo representa, pois, condição imprescindível para a construção lúdica do esporte.

Considerando a construção lúdica do corpo e do esporte, é fundamental possibilitar vivências teórico-práticas, que se materializam através da coerência discurso/ação. A teoria é a base para pensar a prática cotidiana e, através dessa vinculação, torna-se possível aprimorar a base de nosso trabalho. Defendendo uma visão de unidade entre a teoria e a prática pedagógicas no esporte, estaremos contribuindo com a formação de seres conscientes e brincantes, e possibilitando o estabelecimento de reflexões sobre diferentes nuances da sensibilidade humana e dos desejos, que também se concretizam na vivência lúdica esportiva.

Buscando construir vivências lúdicas teórico-práticas no esporte, podemos encontrar novos sig-

nificados para nossa realidade cotidiana, valorizando tanto o processo quanto o produto das ações realizadas. Isso não representa apenas a discussão sobre novas técnicas, novos recursos e conteúdos recreativos para motivar a aprendizagem, o que seria simplesmente uma *forma* de utilizar o lúdico como meio para se aprender algo externo a ele, ou seja, para alcançar um fim exterior. Proponho ir além das aparências, abrindo espaços para que o esporte abrace o jogo lúdico, o sonho, a fantasia, o prazer, a alegria, o brinquedo, a festa, a construção coletiva e o diálogo, *conteúdos* significativos para a vivência lúdica esportiva, crítica e criativa.

Caminhando na contramão do esporte praticado com características lúdicas, encontramos a rotina, e não há nada mais desgastante e desmotivante do que isso. A rotina causada pela acomodação dos sujeitos envolvidos no processo é um entrave para a participação cultural crítica e criativa, que não exclui a idéia da repetição – consciente, significativa e prazerosa. Uma repetição nesses moldes jamais se esgota em si mesma, pois representa um fazer “de novo” que não é mecânico e, por isso, é sempre diferente.

Walter Benjamin (1984) salientou, em seus escritos, o fascínio da criança pela repetição, que está relacionada ao desejo de saborear, de novo, a conquista do saber fazer,

de incorporá-lo. Segundo esse autor, a lei da repetição é a lei fundamental que rege a totalidade do universo do brinquedo, antes de todas as regras e leis particulares. A repetição representa, para a criança, a própria essência do jogo. Para o universo infantil, não bastam duas vezes: seu desejo pela repetição é inesgotável, engloba centenas e milhares de vezes. Dessa forma, o corpo infantil brincante busca saborear, com renovada intensidade, os triunfos e as vitórias, recriando a experiência vivida cada vez que retorna ao seu ponto de partida. Para Benjamin, a essência do brincar é um fazer sempre de novo, condição fundamental para eternizar a vivência lúdica.

Visto por outro ângulo, o desejo de repetir a vivência lúdica articula-se à possibilidade de recriar o contexto sociocultural mais amplo, democratizando conhecimentos e buscando meios para transformar uma dada realidade. Nelson Carvalho

Marcellino (1990) comenta que a vivência lúdica pode significar, por isso, uma experiência revolucionária, uma vez que permite não só consumir cultura, mas também criá-la e recriá-la, vivenciando valores e papéis externos a ela. Ao mesmo tempo que o jogo lúdico denuncia os limites impostos à realidade sociocultural mais ampla onde se constitui, anuncia alternativas críticas e criativas para ela.

Propondo novos anúncios para o esporte, é fundamental repensá-lo a partir dos princípios lúdicos aqui desvelados. Ao invés de estimular a competição opressora, é preciso enfatizar a conquista de desafios, diferenciando a competição como produto, onde a vitória e o resultado são essenciais, e a competição como processo, considerando a participação e o contato com os companheiros imprescindíveis para a obtenção do êxito, traduzido em melhoria pessoal e coletiva.

Nesse sentido, é preciso que os jogadores – sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos – se reconheçam como parceiros, e não como adversários, verdadeiros inimigos em busca da supremacia não apenas física, mas também política, ideológica, cultural. Valorizar a técnica, mas não como repetição fragmentada e mecânica que sufoca a livre expressão gestual. Além disso, possibilitar oportunidades de reinventar e reconstruir o esporte, que ultrapassem os limites impostos pelo chamado “esporte de alto nível”, construindo coletivamente as ações e as regras e buscando compreender os significados – sociais, culturais, históricos e políticos – dos gestos experimentados pelo corpo brincante.

Finalmente, gostaria de salientar que o sonho utópico do presente ensaio vislumbra a construção lúdica do corpo e do esporte não como uma saída paliativa, mas como uma possibilidade concreta de atar vínculos entre o ser humano brincante, o esporte e a nossa realidade sociocultural. Da forma como é abraçada neste texto, a utopia não é concebida como ilusão ou sonho impossível de ser realizado. Como nos diz Karl Mannheim (1982), a utopia representa a conquista dos “impossíveis” e, por isso, mobiliza desejos, os quais desencadeiam ações, que têm papel de destaque nas mudanças do mundo.

Que possamos redescobrir a vida como brinquedo e incorporar a capacidade de brincar, de

sonhar e de sentir prazer, própria de nossas crianças, recusando os princípios que castram nossos desejos e impedem o nosso caminhar em busca da concretização de nossos ideais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 16.ed. São Paulo : Cortez, 1993. (Coleção Questões da nossa época; v.12).
- ANDRADE, Mário de. A sério: a seriedade. In: GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. 8.ed. Curitiba : Criar Edições, 1986.
- BASBAUM, Leôncio. *Alienação e humanismo*. 3.ed. São Paulo : Símbolo, 1978.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões; a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo : Summus, 1984. (Novas buscas em educação; v.17).
- BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo : Movimento, 1991. 184 p.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*. 3.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1992.
- CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa : Edições 70, 1988.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 3.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 11.ed. Petrópolis : Vozes, 1994.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo : Perspectiva, 1993.
- JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e linguagem; Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas : Papirus, 1994.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. Campinas : Papirus, 1990.
- PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Em busca do corpo esportista brincante. In: *O lúdico*

*e as políticas públicas: realidade e perspectivas.*  
Belo Horizonte : Prefeitura municipal/Secretaria municipal de Esportes, 1995. p. 43-51.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: outros caminhos.* Porto Alegre : EST, 1990.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. *O uso do corpo pelo jogo de poder na Educação Física.* Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1995. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).

*UNITERMS:* children, sport, amusing.

*ABSTRACT:* The discussion on the role played by children and sports in our modern western society takes as a starting point the reflection upon the adult's will to eliminate childhood, turning the childish playful body into the productive adult one. Therefore, the children's sports life is led into establishing the interests of the adult universe, instead of making it possible to re-discover the meaning of gesture, as well as consolidating the pleasure of playing with the body and sport. Suggesting a new game with amusing characteristics, I announce the utopian dream of an amusing construction of the body and sports, trying to establish a link between the playful human being, sports and our broader sociocultural reality.



# X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

X CONBRACE - Centro de Convenções Goiânica, GO  
20 a 25 de Outubro de 1997

# A CORRIDA PARA A SAÚDE: poluição ambiental no coração do problema\*

Edgard Matiello Júnior\*\*,  
Aguinaldo Gonçalves\*\*\*

**UNITERMOS:** Saúde ambiental; saúde coletiva; atividade física; monóxido de carbono.

**RESUMO:** Recuperado um painel descritivo amplo de relações entre desenvolvimento econômico e desordem ambiental, pontuam-se, em seu interior, determinantes, manifestações e decorrências da interface com Saúde Coletiva e Atividade Física, nomeadamente no que se refere ao sedentarismo e às afecções hipocinéticas. Nesse contexto, configura-se a contaminação pelo monóxido de carbono como um risco insensível, porém perverso. O trato com a matéria, ao explorar perspectivas no manejo da questão, aponta para tendências da epidemiologia no contexto da globalização e pós-modernidade.

## DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E DESORDEM AMBIENTAL

À sombra dos países de acentuado grau de desenvolvimento, o Brasil vem, desde o século anterior, vivenciando importantes e significativas transformações em seu sistema de produção, com incremento, notadamente, do setor industrial. Indubitavelmente, esse avanço repentino tem repercutido em abruptas adaptações, tanto do meio-ambiente, quanto dos nele inseridos. Com efeito, nosso planeta veio mantendo, nos últimos milhares de anos, relações praticamente estáveis, contrariamente ao que se percebe nestes cem anos remanescentes: "Somos parte de um processo de 20 bilhões de anos e nossas células evoluíram nos últimos dois bilhões de anos em um meio com características bem definidas e relativamente estáveis. Neste nunca existiram ruído elevado e constante, poeiras de sílica livre cristalina com 1 micron de diâmetro, metais pesados em formas absorvíveis, benzeno, etc., em contato com nossas células; (...). O nosso desenvolvimento biológico, muito mais antigo e condicionante básico de nossa vida, não suporta tais agressões (...)" (Rocha, Rigotto, Buschinelli, 1993).

Dessa forma, ao menos três ordens de fatos podem ser mencionadas, nesse processo de desenvolvimento, como catastróficas para a capacidade de assimilação humana. Uma ligada ao novo e inerente estilo de vida que se obriga o trabalhador, com jornadas extensas, gestos repetitivos e intensos, coerção para a competitividade, atividades monótonas e exposição aos demais riscos de moléstias e acidentes ocupacionais. Sem exagero, esta forma de "produzir riqueza" é considerada por Breilh (1991) como um dos três principais fatores que tem reduzido drasticamente o nível de qualidade de vida dos povos latino-americanos, eternamente submetidos ao poder dominante, sem maiores chances de escolha.

O outro fato decorrente das mudanças, a ser considerado, já tem sido por demais explorado nas mais diversas áreas do conhecimento recente, referindo-se a hipocinesia, ou processo de sedentarização do homem moderno. Boa parte dos agravos degenerativos têm sido especulados e investigados sistematicamente nesse sentido, dentre os quais os mais constantes são as cardiopatias, doença arterial coronariana, hipertensão, osteoporose, osteoartrose, câncer e diabetes, estudados inclusive e enfaticamente pelas Ciências do Esporte (Gonçalves *et al.*, 1997).

\* Texto a partir de monografia efetuada junto ao II Curso Internacional de Especialização em Vigilância em Saúde Ambiental, ministrado pela Organização PanAmericana da Saúde e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\*\* Docente do Departamento de Ciências Médicas, FEFISO/A.C.M. e membro do Grupo Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física, FEF/Unicamp.

\*\*\* Docente do Departamento de Ciências do Esporte, FEF/Unicamp e Coordenador do Grupo Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física, FEF/Unicamp.

Por fim, o terceiro fator prende-se ao crescimento desordenado das cidades, em detrimento a desocupação do campo e também a degradação do meio-ambiente, como um todo. Segundo Ferraz (1993), a urbanização é fenômeno irreversível em âmbito mundial e, segundo refere, as projeções populacionais veiculadas pela Organização das Nações Unidas preconizam para o ano 2000 cerca de 75% da humanidade vivendo em áreas urbanas, seja em vilarejos, pequenas cidades ou megalópoles. Acrescenta ainda, que dentre as dez maiores aglomerações urbanas do planeta, sete se encontram no hemisfério sul, e que nestes países, a ocupação do espaço é feita de forma caótica e anárquica, sem que hajam necessárias infra-estruturas correspondentes.

Exemplo marcante é relatado por Chan, Hung, Qin (1994), que denunciam o assombroso e recente crescimento econômico de Guangzhou (China), trazendo consigo o aumento de seu tráfego de veículos. Isso apesar da cidade permanecer com suas ruas extremamente antigas e estreitas, causando engarrafamentos e acúmulo de gases tóxicos, diariamente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 1,2 bilhões de pessoas possam estar vivendo em áreas onde a contaminação no ar excede seus limites de recomendação.

Assim, a poluição atmosférica vem se consistindo no maior problema ambiental de alguns países, principalmente nos grandes centros urbanos e áreas industriais. Sua causa é a ampla liberação de poluentes provenientes de atividades comuns dessas localidades, tais como a de produção de energia, processo industrial, combustão doméstica, e a emissão por veículos automotores.

A concentração dos poluentes vai depender de inúmeros fatores. Além do potencial de emissão dos gases e o clima, há variação segundo a hora e a distância que se encontram as fontes de contaminação. Também a configuração das edificações urbanas, bem como as conformações naturais, estabelecem relação direta, vez que podem intervir na dissipação do ar (OPAS, 1983). Nesse sentido, Paola (1985) descreve a proporção estimada pelas principais fontes no Brasil: calcula que 25% da poluição decorre de atividades industriais (são aproximadamente 25000 fábricas em São Paulo e 6000 no Rio

de Janeiro); cerca de 5% cabe ao setor doméstico (incineradores de lixo); outros 30% da queima de óleos combustíveis e os 40% restantes por veículos movidos à gasolina.

## **MONÓXIDO DE CARBONO: um risco insensível**

Os carreadores de oxigênio ( $O_2$ ) nos vertebrados são as proteínas hemoglobina (Hb) e a mioglobina. A Hb contida nas hemácias, além dessa função, também exerce papel vital no transporte de dióxido de carbono e íons hidrogênio. A mioglobina, localizada na musculatura, serve de suprimento de reserva de  $O_2$  e facilita o movimento deste no músculo (Strjer, s.d.).

Dentre os principais gases tóxicos, considerando-se seu volume na atmosfera e poder de ação, encontra-se o monóxido de carbono (CO). É gás incolor, insípido e inodoro, ligeiramente menos denso que o ar e praticamente insolúvel em água. É produto da combustão incompleta de materiais que contenham carbono, tendo as emissões anuais ao ambiente estimadas entre 350 e 600 milhões de toneladas (Belmar, 1993). Sua principal fonte, à semelhança de outros poluentes ambientais, é a proveniente dos veículos automotores (v.g. OPAS, 1980). É tido como risco potencial e asfíxiante químico e apontado como veneno, por bloquear o transporte de  $O_2$  (Strjer, s.d.). A ação tóxica do CO advém da forte ligação que estabelece com o átomo de ferro da fração *heme* da Hb e a cinética da reação se dá com a absorção pelas vias respiratórias. Tem 240 vezes maior afinidade pela Hb do que o  $O_2$ . Em termos práticos, sempre que ele estiver presente, a Hb despreza o saudável convívio com o  $O_2$  para compartilhar de sua companhia; troca nutriente por contaminante. Esta combinação reversível, ou seja, a formação da carboxiemoglobina (HbCO), tem por consequência a redução da capacidade do sangue para transportar o  $O_2$ , desde os pulmões até os demais tecidos. Também ocorre prejuízo da dissociação do  $O_2$  que se ligou a Hb, o que reduz ainda mais a capacidade para a atividade de oxigenação celular (OPAS, 1980).



Se não bastasse, a afinidade pela mioglobina é superior em 37 vezes a do O<sub>2</sub>, dificultando também a fixação deste no músculo.

A concentração do CO pode ser medida no ar atmosférico ou por indicadores biológicos. Na atmosfera, são três os procedimentos mais comuns: i) análise contínua por espectrometria de absorção de infravermelhos não dispersivos; ii) análise semi-contínua de cromatografia de gases, e; iii) método semi-quantitativo com tubos detectores. Tais procedimentos são detalhados em OPAS (1983) e fogem ao escopo deste texto. Importa destacar, entretanto, que no Rio de Janeiro, essa medida é tomada pelo primeiro dos métodos indicados, por unidades móveis, apenas em situações específicas onde é solicitado levantamento junto à Fundação Estadual de Engenharia de Meio-Ambiente - FEEMA.

O importante desta informação é que, ressaltada-se, não vem sendo acompanhada a qualidade do ar em ambientes fechados, por essa instituição. Por isso, volta-se a preocupação não apenas aos logradouros públicos, mas também, particularmente atendendo nossa área de envolvimento, às academias de ginástica, salões de dança, escolas de artes marciais e demais estabelecimentos e atividades afins que possibilitem aglomerações humanas. Sendo localizadas frequentemente em regiões centrais, a falta de controle ambiental pode facultar a extrapolação do limite de tolerância de usuários por metro quadrado, e ainda, a não renovação do ar circulante. Vale dizer, à época de nosso contato, a destacada instituição afirmava não possuir esses indicadores. Entretanto, a Tabela 1 apresenta relações entre a concentração de CO no ambiente e a respectiva formação de HbCO.

Como indicadores biológicos podem ser usados a HbCO ou a concentração de CO no ar expirado. Acredita-se que exista uma boa correlação entre a porcentagem de HbCO no sangue, a concentração de CO no ambiente e a gravidade dos sintomas. Estudos recentes, no entanto, demonstram que algumas vezes a HbCO não reflete adequadamente a severidade da intoxicação. Isto porque, em exposições agudas a elevadas concentrações de CO, o maior nível de HbCO estará, no início, nas coronárias e não no sangue periférico. Este fato leva a subestimação do risco, caso o sangue analisado tenha sido coletado no início do contato com o gás tóxico. São necessárias cerca de oito horas de exposição para que seja atingido o estado de equilíbrio e, portanto, o sangue deve ser coletado sempre

ao final das atividades. A meia-vida biológica do CO é de aproximadamente quatro horas, sendo totalmente eliminado 16 a 24 horas após a exposição, não ocorrendo, assim, acúmulo durante a semana (Leite *et al.*, 1992).

Apesar de se conhecerem as limitações existentes para se estabelecerem limites de tolerância biológicos, os valores adotados no Brasil são de até 2,0 por cento para os não fumantes e de até 6,5 por cento para fumantes. Os valores superiores dos últimos, são devido a eles possuírem normalmente concentrações mais altas de HbCO. A outra forma de se determinar biologicamente o grau de intoxicação é pela medição do CO no ar expirado, indicado apenas nos casos em que o método anteriormente descrito não pode ser realizado. Para análise, deve ser utilizada a parte final do ar exalado, após 15-20 segundos de respiração suspensa, e o valor encontrado deve ser transformado em níveis de HbCO. O limite admitido pela American Conference of Governmental Industrial Hygienist é inferior a 40 ppm (ECO, 1989).

## TOXICIDADE

A importância do CO como tóxico de implicações médico-legais só é superada pelo álcool e pelos barbitúricos (Paola, 1985). A toxicidade de um agente químico pode ser definida como sendo a capacidade desse agente em provocar danos a um organismo.

A introdução do CO em seres humanos é dada pela via respiratória, assumindo dessa forma importância fundamental quanto a toxicidade, motivos estes listados a seguir:

- pelo constante contato que o sistema respiratório mantém com o meio-ambiente externo, realizando a sua função essencial da vida, a respiração. Um considerável volume de ar alcança as vias respiratórias: 5 a 6 litros/minuto, em repouso, e até 30 litros/minuto, a depender da atividade;
- há extensa área pulmonar, com cerca de 90 m<sup>2</sup>, e superfície alveolar de aproximadamente 70 m<sup>2</sup>, mantendo-se, portanto, íntimo contato com os contaminantes presentes no ar;
- é extremamente permeável e ricamente vascularizada, geralmente permitindo rápida e eficiente absorção;

- pela retenção de agentes químicos nas vias aéreas superiores;
- pelo fato de o agente químico absorvido (no caso o CO) poder atingir centros vitais, sistema nervoso e outros órgãos, sem passar pelo sistema hepático (ECO, 1989).

Além das características físicas desse tóxico, que impedem a percepção de sua presença, há ainda que considerar outro aspecto de risco: algumas pessoas com taxas sanguíneas próximas a 30 por cento são assintomáticas ou têm sintomatologia pobre (Paola, 1985). No entanto, Belmar *et al.* (1993) indicam que em concentrações de 2,9 a 5,9 por cento de HbCO há redução da resistência ao exercício em pacientes com desordens coronárias isquêmicas, e que, de 5 a 20 por cento, ocorrem alterações da percepção visual, audição, vigilância, performance motora, sensorial e neuro-comportamental. Níveis sanguíneos acima de 50 por cento podem levar ao coma ou à morte. A gravidade de intoxicação irá depender da quantidade de CO absorvido, tempo de exposição, saturação do oxigênio do ambiente, intensidade e duração da atividade física, capacidade dos sistemas cardiovascular, pulmonar e nervoso, fluxo sanguíneo, número de hemácias, quantidade de hemoglobina e fatores reguladores das trocas de oxigênio entre hemácias e tecidos.

Os danos celulares são causados pela anoxia. Alterações do sistema enzimático de respiração celular poderiam somar-se a anoxia como mecanismo lesional. Nas intoxicações superagudas (agudas rapidamente fatais), os distúrbios anatomopatológicos, quando presentes, restringem-se a hemorragias petequiais cerebrais. A morte, nesses casos, é consequentemente instantânea e decorrente da absorção maciça de CO e do choque que se estabelece quando, associada a inalação desse gás, ocorrem outras lesões (por exemplo: queimaduras).

Nas intoxicações agudas, a morte advém em poucas horas e o quadro clínico se inicia com cefaléia, náuseas, vômitos e depois, coma profundo. Quando o paciente sobrevive algum tempo, após a intoxicação, os resíduos lesionais no sistema nervoso central consistem, essencialmen-

te, em dilatação vascular, edema, hemorragias perivasculares, degeneração e morte de células ganglionares, desmielização focal e áreas focais de necrose. Estas e outras alterações são causadas, direta ou indiretamente, pela diminuição do suprimento de O<sub>2</sub> no cérebro. Zimmerman (1992) acres-

***A gravidade de intoxicação irá depender da quantidade de CO absorvido, tempo de exposição, saturação do oxigênio do ambiente, intensidade e duração da atividade física, capacidade dos sistemas cardiovascular, pulmonar e nervoso, fluxo sanguíneo, número de hemácias, quantidade de hemoglobina e fatores reguladores das trocas de oxigênio entre hemácias e tecidos.***

centa que o CO é altamente pernicioso para a circulação coronariana, o coração e para o desenvolvimento de aterosclerose, com efeitos hipóxicos potencializados pelas grandes altitudes (devido às baixas tensões de O<sub>2</sub>). Alerta ainda aos tabagistas, que o CO provocado pela utilização de um único cigarro diminui a visão em grau semelhante ao de uma altura de 1000 metros. Essa e outras consequências desse há-

bito devem ser consideradas, uma vez que no Brasil, em 1988, o consumo foi da ordem de 157 bilhões de cigarros (Chapmans, Leng, 1990), e que se tem encontrado, frequentemente, níveis de 15 por cento de HbCO para este grupo (OPAS, 1980).

Nesse sentido, a Organização PanAmericana de Saúde (OPAS, 1983) descreve os efeitos do CO pontualmente: i) desenvolvimento de enfermidades cardiovasculares ateroscleróticas; ii) agudos em enfermidades cardíacas já existentes; iii) agudos em enfermidades vasculares já existentes; iv) alterações no sistema nervoso, e; v) na capacidade de trabalho. Reitera ainda que os grupos submetidos a maior risco são os portadores de coronariopatias, afecções cerebrovasculares, anêmicos, aqueles com doenças pulmonares e os residentes em grandes altitudes. Em situações onde desordens semelhantes estão instaladas sem a prévia detecção, ocorre da mesma forma risco ampliado, como no caso das gestantes, recém-nascidos ou mesmo no feto em desenvolvimento. Ademais, o grupo mais vulnerável, de forma geral, é compreendido pelas crianças e idosos.

Apesar de os efeitos agudos serem bem conhecidos, o mesmo não ocorre com os efeitos decorrentes de exposição a longo prazo. Estudos sugerem disfunções cognitivas e arteriosclerose como exemplos de efeitos crônicos (Leite *et al.*, 1992).

Por fim, a Tabela 2 demonstra quanto tempo de exposição ao gás é necessário para se adquirir diferentes graus de intoxicação.

## VIDA MODERNA E ATIVIDADE FÍSICA

Reflexo do avanço tecnológico proveniente da revolução industrial é a tentativa de se buscarem compensações para o estilo de vida sedentário que o homem vem forçosamente assumindo, quer por sua substituição nas tarefas mecânicas, quer pela busca constante de sua própria comodidade. Nas alternativas inclui-se a atividade física (AF), através de propostas oriundas de múltiplos interesses, visando a mudança do estilo de vida do indivíduo, na medida de suas possibilidades e limitações. Influenciados por toda sorte de estimulações, a "corrida para a saúde" tem surtido efeito considerável, ao menos em termos de mobilização para tal. Embora não se tenha precisão sobre a adesão de popula-

res à AF, é notável sua presença em eventos formais e não formais. Somente nos Estados Unidos, desde 1975 o número de participantes no jogging foi ampliado em 400 por cento, acreditando-se que no início da década de 80, os adeptos tenham chegado a 30 milhões (Honigman, Cromer, Kurt, 1982). Nos eventos internacionais organizados, há participação também intensa e marcante. Na Maratona de Boston são 16000 participantes; em Montreal, 10000; New York, 17000 e na L'EGGS Mini-Marathon, 6500 mulheres (Solomon, 1991).

### ADAPTAÇÕES ORGÂNICAS EM EXERCÍCIO PERANTE O MONÓXIDO DE CARBONO

*"Alguma coisa acontece no meu coração, e só quando cruzo a Ipiranga com a Avenida São João..." (Sampa, Caetano)*

Na "corrida para a saúde" tem sido frequente ocorrer exageros e ou impropriedades. Em nosso meio é comum presenciarmos a AF em condições ambientais desfavoráveis, desde em ambientes de temperatura extrema, em solo de reduzida absorção de impacto, esburacado, derrapante, sem ven-

tilação e segurança adequadas (Gonçalves *et al.*, 1997). Situação curiosa pode ser observada na tradicional Prova de São Silvestre, corrida de fundo realizada no último dia do ano, em São Paulo. Nesta, o desgaste (nitidamente visível nas expressões fisionômicas dos líderes da prova) pode estar sendo acentuado pela poluição característica daquela metrópole, além daquela proveniente das motocicletas dos "batedores", que contraditoriamente ali estão para a proteção dos corredores. Há também que se lembrar da frequente localização de ciclovias, quadras desportivas, pistas de danças, e

academias de ginástica em regiões centrais e poluídas das grandes cidades.

Em termos aplicados, a função básica do sistema cardiovascular é proporcionar fluxo sanguíneo necessário para manter a homeostasia dos vários tecidos. Submeter-se

ao exercício máximo pode fazer com que a absorção do O<sub>2</sub> por todo organismo aumente em até vinte vezes ao valor de repouso, de tal modo que o sistema de transporte tenha que responder a uma grande demanda (OPAS, 1983). Entre os órgãos do corpo, o músculo cardíaco é o que mais extrai o O<sub>2</sub>. Quando o CO entra na corrente sanguínea, competindo com o O<sub>2</sub>, ele faz com que o coração trabalhe mais enérgica e frequentemente, para distribuir mais sangue e compensar a baixa concentração de O<sub>2</sub> na circulação. Mesmo pequenas elevações de HbCO são suficientes para enérgicas adaptações fisiológicas no sistema circulatório.

Para que se visualizem de fato estes riscos, Stamford (1990) descreve que os exercícios exaustivos em locais de tráfego intenso, efetuados por trinta minutos, podem causar contaminação equivalente a dez cigarros. Acrescenta que fumar ou respirar ao lado de pessoas fumando imediatamente após a realização de exercício intenso também pode acelerar o movimento de CO para dentro da circulação sanguínea.

Não sendo frequente o estudo da relação AF e contaminação pelo CO, podem-se considerar para comparação estudos pertinentes ao interesse da área. Rumel, Riedel *et al.* (1993) apontam que "muito se tem publicado e discutido acerca de fatores de risco ligados a estilo de vida e a fatores

hereditários em Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Infarto do Miocárdio (IM)", mas que a influência de fatores ambientais como poluição pelo CO e temperatura na determinação dessas patologias ainda é pouco discutida. Assim, empreenderam estudo para verificar a associação existente entre valores de temperaturas máximas diárias e valores médio e máximo diários de CO, relacionados com a ocorrência de AVC e IM em São Paulo. Os dados foram coletados de forma retroanalítica, dos casos novos em serviços de Saúde, e relacionados aos índices diários de poluição ambiental dos últimos dois anos. O CO foi apontado pela média diária, valor médio dos oito maiores valores em 24 horas e concentração máxima diária de uma hora.

Como resultados principais, obtiveram-se 7798 casos de IM e 4654 de AVC. A elevação de temperatura a níveis acima de 26 graus centígrados, relacionada com o CO (uma hora) abaixo de 16,05 ppm, proporcionou aumento de 4,9 por cento dos casos de IM. Concluem que 2,1 por cento das internações anuais por IM são devidas à poluição atmosférica e 4,9 por cento a altas temperaturas, e que, embora as cifras não sejam elevadas, recomendam constante vigilância quanto a exposição e monitoramento desses riscos.

Chan, Wu (1993) estudaram na China a exposição à poluição provocada pelo tráfego de veículos, em quatro distritos, com características de urbanização distintas. Resultados apontaram para diferenças de níveis de concentração, medidos dentro dos ônibus para dias da semana diferentes. Também a concentração de poluentes dentro dos veículos foi apontada como superior ao dos logradouros. Fato relevante, vez que AF costuma ser realizada, frequentemente, em ambientes interiorizados e com as portas fechadas.

Já o Centers for Diseases Control (CDC, 1994) relata as concentrações de CO durante eventos esportivos em circuito fechado. Durante três espetáculos de veículos adaptados ("tractor" e "monster-truck jumps", por exemplo), verificou-se em cada um deles a presença de aproximadamente 6.500 espectadores. Apresentam-se em torno de 10 a 15 veículos, movimentando-se durante duas a três horas, tendo-se que num desses eventos o nível médio de CO foi de 13 ppm, antes mesmo do início das provas, e de 79 ppm (pico máximo 140 ppm) durante as mesmas. Em outro acompanhamento mensal, o nível médio durante as provas foi de 140 ppm, chegando a atingir até 283 ppm, durante

quase uma hora e dez minutos de atividade. Aqui também se faz menção acerca dos efeitos agudos já elencados anteriormente, com grau de contaminação até mesmo inferior ao agora descrito.

Honigman, Cromer, Kurt (1982) avaliaram adultos não-fumantes (29 homens e 7 mulheres), testados em sete dias de diferentes concentrações de CO. Três percursos foram estabelecidos para corridas na cidade de Denver (1610 metros de altitude). Um nas ruas centrais da cidade; o segundo em circuito fechado, num clube local, e o outro num parque, a aproximadamente uma milha de distância dos outros dois. Amostras de HbCO foram dadas pelo ar expirado: antes de iniciarem os exercícios; após vinte minutos de corrida; e após 40 minutos de prática. CO ambiente foi medido para uma hora (durante as atividades) e média de oito horas.

Dentre os resultados, destacam-se: i) quando a concentração de CO no ambiente era baixa, nas medições de 20 a 40 minutos a HbCO baixava, comparada ao resultado inicial, e; ii) quando o nível de CO ambiente chegava a 7 ppm, os corredores começavam a acumular HbCO. Faz-se aqui referência, portanto, quanto ao grau de contaminação do ambiente e o tempo de exposição ao poluente.

Aronow, Cassidy (1975) submeteram dez pessoas a exercício máximo em esteira. Logo após, descansavam por 15 minutos e eram randomicamente selecionados para respirarem 100 ppm de CO, ou ar puro, durante uma hora. Concluiu-se que: i) a média de HbCO aumentou significativamente após a respiração de 100 ppm de CO; ii) a média de HbCO reduziu significativamente após respiração de ar purificado, e iii) com o CO, reduziu-se significativamente a capacidade de exercício.

Finalmente, Chan, Hung, Qin (1994), novamente na China, averiguaram a exposição de ciclistas à poluição ambiental, concluindo que os três maiores fatores de exposição ao CO são: a configuração das ruas, o volume do tráfego e, por fim, a velocidade dos veículos.

## COMENTÁRIOS E PERSPECTIVAS

Que lições para a vida podemos apreender de tudo isto? Ou, mais pragmaticamente, é possível reverter esses riscos? Ou ainda, nestes tempos de modernidade da globalização, já foi atingido o ponto

do não retorno? A Organização Mundial da Saúde sugere "Pense globalmente e atue localmente", a que os sanitaristas brasileiros contra-argumentam com o "Pense e atue global e localmente". Epidemiologicamente, Breilh (1990) aponta para a transformação social como única alternativa, mas, questionando a onipotência do social, Fleury (1992) contra-ataca, mostrando que o desafio da pós-modernidade não comporta uma resposta de trajetória monoliticamente pré-configurada, arrolando na fundamentação de sua tese, a recuperação, de forma singular, pelas pessoas, da construção da cidadania, da apropriação do saber, da consciência de sua própria corporeidade. De fato, na Epidemiologia da Atividade Física estamos em locus privilegiado, tanto para a reflexão quanto para a ação. Nosso espaço de gestão nos coloca no vórtice da academia e dos serviços, na mediação das políticas públicas.

No dizer de Carvalho (1996), "Na verdade, o quadro epidemiológico atual exige um modelo explicativo e terapêutico que pense os indivíduos diante da doença e da morte como o que de fato são: sujeitos sociais lidando com os resultados de suas escolhas e de sua intervenção, fruto de sua competência reformadora da vida natural, à qual deverão recorrer para enfrentar os desafios ora postos. (...) Na sua relação com o social, ou como prática social, trata-se de ultrapassar as prescrições normativas, retóricas, impotentes contra as desigualdades sociais e de saúde, e assumir abordagens que, interdisciplinares no conteúdo e intersetoriais na ação, mobilizem os recursos cognitivos e materiais necessários a seu escopo".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOW, W.S., CASSIDY, J. Effect of carbon monoxide on treadmill exercise: a study in normal persons. *Ann.Int.Med.* v.83, p.496-499, 1975.
- BELMAR, R. et al. Air pollutants. In: FINKELMAN, J. et al. (Eds.): *Environmental Epidemiology: a project for Latin American and the Caribbean*. Global Environmental Epidemiology Network. World Health Organization, 1993.
- BREILH, J. A reprodução social e a investigação em saúde coletiva: construção do pensamento e debate. In: Costa, D. M. *Epidemiologia: teoria e objeto*. São Paulo : Hucitec, 1990.
- BREILH, J. *La triple carga: trabajo, práctica doméstica y procreación*. Deterioro prematuro de la mujer en el neoliberalismo. Quito : Ceas, 1991.
- CARVALHO, A. I. Da Saúde Pública às políticas saudáveis - saúde e cidadania na pós-modernidade. *Ciência & Saúde Coletiva*. v.1, n.1, p.104-121, 1996.
- CDC (CENTERS FOR DISEASES CONTROL). Carbon monoxide levels during Indoor Sporting Events - Cincinnati, 1992 - 1993. *MMWR* v.43, n.2, p. 21-23, 1994.
- CHAN, L. Y.; HUNG, W. T., QIN, Y. Vehicular emission exposure of bicycle commuters in the urban area of Guangzhou, South China (PRC). *Env.Int.*, v.20, n.2, p.169-177, 1994.
- CHAN, L. Y., WU, WY. A study of bus commuters and pedestrian exposure to traffic air pollution in Hong Kong. *Env.Int.*, v.19, p.121-132, 1993.
- CHAPMANS, S., LENG, W. W. Tobacco control in the Third World - a resource atlas. Malasya, Int. Org. of Consumer Unions, 1990. In: GADELHA, M.I.P. Tabagismo e câncer. *J. Bras. Med.* v.59, n.3, p.24-38, 1990.
- ECO (CENTRO PANAMERICANO DE ECOLOGIA HUMANA E SAÚDE). *Noções gerais de toxicologia ocupacional*. México, 1989.
- FERRAZ, S. T. A pertinência da adoção da filosofia de cidades saudáveis no Brasil. *Saúde em debate*, v.41, p. 45-49, 1993.
- FLEURY, S. *Saúde Coletiva: questionando a onipotência do social*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1992.
- GONÇALVES, A., FELIPE FRANCO, A. C., ARAÚJO JÚNIOR, B. et al. *Saúde Coletiva e urgência e Educação Física e Esportes*. Campinas : Papyrus, 1997.
- HONIGMAN, B., CROMER, R., KURT, T. L. Carbon monoxide levels in athletes during exercise in an Urban Environment. *APCA*, v.32, n.1, p.77-79, 1982.
- LEITE, E.M.A. et al. *Guia prático de monitorização biológica de trabalhadores expostos a substâncias químicas*. Belo Horizonte : Ergo, 1992.
- OPAS (ORGANIZACION PAN-AMERICANA DE LA SALUD). *Manual de calidad del aire en el medio urbano (Publicacion científica 401)*. Washington, D. C., 1980.

OPAS (ORGANIZACION PAN-AMERICANA DE LA SALUD). *Critérios de salud ambiental* (13): monóxido de carbono. Washington, D. C., 1983.

PAOLA, D. *Câncer e meio ambiente: introdução à patologia do desenvolvimento social*. Rio de Janeiro : Ed.Médica e Científica, 1985.

ROCHA, L. E., RIGOTTO, R. M., BUSCHINELLI, J. T. P. (Org.). *Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalho no Brasil*. São Paulo : Vozes, 1993.

RUMEL, D., RIEDEL, L. F., LATORRE, M. R. D. O. *et al.* Infarto do miocárdio e acidente cardiovascular cerebral associados à alta temperatura e monóxido de carbono em área metropolitana do sudeste do Brasil. *Rev.Saúde Pública*, v.27, n.1, p.15-22, 1993.

SOLOMON, H. A. O mito do exercício. São Paulo : Summus, 1991.

STAMFORD, B. Exercise and air pollution. *The Phys.Sportsm*, v.18, n.9, p.153-154, 1990.

STRJER, L. *Bioquímica*. Rio de Janeiro : Guanabara-Koogan, s.d.

ZIMMERMAN, J. R. Tabagismo: implicações na saúde e segurança do aeronavegante. *Rev. Pulmão*, v.1, p. 21-23, 1992.

## TABELAS

TABELA 1 - Relações entre as concentrações ambientais de CO, tempo de exposição e níveis de HbCO(a)

CO ambiente ppm	Nível de HbCO (%)	
	1 hora	8 horas
100	3,6	12,9
60	2,5	8,7
30	1,3	4,0
20	0,8	2,8
10	0,4	1,4

(a) Valores calculados em indivíduo que emprega atividade moderada, com valor inicial "basal".

Fonte: adaptado de: OPAS (ORGANIZACION PAN-AMERICANA DE LA SALUD), 1980.

TABELA 2 - Concentrações de CO necessárias para alcançar nível de HbCO de 4 %.

Tempo Horas	CO ambiente ppm
24	25
8	30
1	100

Fonte: OPAS (ORGANIZACION PAN-AMERICANA DE LA SALUD), 1980.

**KEY WORDS:** Environmental health; public health; physical activity; carbon monoxide.

**ABSTRACT:** Connections between economical development and enviromental disorder are considered in order to build an wide body of reference, taking into account relations to Public Health and Physical Activity. Sedentarism and hypokinetic conditions are particularly considered, as well as carbon monoxide contamination, an insensible but perverse risk. Perspectives on the matter point out to epidemiologic thinking and action in the context of globalization and pos-modernity.

**RESUMO:** Este artigo faz algumas considerações sobre a trajetória da racionalidade no ocidente, apontando para a perspectiva de que, nas sociedades industriais modernas, o trato com a *natureza externa* é regido pela razão subjetiva ou instrumental, tal como com a natureza interna, o que confere uma forte dimensão de (auto)dominação e fragmentação a todo conhecimento produzido, com repercussões no entendimento de corporeidade e na chamada "crise ecológica" atual.

A urgência e a globalidade da questão ambiental têm imposto as mais variadas disciplinas, a necessidade de refletir acerca das repercussões sobre o seu campo de trabalho, bem como sobre suas possibilidades de contribuição nas intervenções a serem realizadas para a solução dos problemas ambientais. Por suas próprias características, as discussões sobre o meio ambiente devem levar a uma revisão dos fundamentos necessários para uma aproximação ao tema, como a percepção da *totalidade e da complexidade* envolvida, além da revisão das noções de espaço e tempo. Isso porque, já não se trata de resolver problemas isolados de poluição ou de destruição da condição de saúde de alguma população, mas de retomar o eixo civilizatório que está levando o planeta e seus moradores ao caos e à destruição.

Do ponto de vista da área da Educação Física, algumas questões têm se mostrado de forma mais contundente, como a técnica que fundamenta as ações humanas, as formas de intervenção sobre o corpo com vistas a saúde e a beleza, e o lazer no contato com o meio natural através dos denominados esportes radicais.

Entre outras coisas que carecem ser discutidas, o que se recoloca em causa a partir de então, é a necessidade de rever uma forma específica de racionalidade que fundamenta os paradigmas tradicionais da ciência, os quais contribuíram grandemente, para a existência dos problemas ambientais, ao mesmo tempo em que têm se mostrado incapazes de superá-los.

## UM EXCURSO SOBRE A RACIONALIDADE NO OCIDENTE

Ao longo de sua história sobre a Terra, o ser humano vem ampliando sua capacidade de pensar. As aventuras vivenciadas no potencializar a sua (sub)existência, o tem levado ao exercício da reflexão e da antecipação da ação. O pensamento exerce, ao longo desta história, o objetivo de iluminar a realidade. Num primeiro momento de sua existência, é o mitológico que predomina. Os rituais e a magia são a forma do ser humano fazer frente aos espíritos, deuses e demônios que povoam toda a Terra. Seus sentimentos predominantes são o medo e a incerteza, frente a estas forças que não pode controlar. Sua relação com estas forças que se encontram espalhadas pelo mundo ocorre, a princípio, como uma adaptação orgânica à natureza, numa mimese propriamente dita, passando depois para uma fase de ordenamento do comportamento mimético em função dos fins a atingir, até chegar a estabelecer esta relação a partir do trabalho racional.

Esta é a perspectiva da trajetória do pensamento, tal como a percebem Adorno e Horkheimer (1985). Para eles, esta trajetória é marcada pelo domínio progressivo do ser humano sobre a natureza, ao mesmo tempo em que ocorre o crescimento do Ego, da individualidade humana como que separada da natureza. Ambas as dimensões desta trajetória acabaram por gerar a possibilidade de

<sup>1</sup> Professora do DEF/CDS/UFSC, integrante do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física e aluna do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

objetivação da natureza, enquanto não-racional. A ruptura com a natureza instala-se neste processo.

*"No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo."<sup>2</sup>*

O que se percebe nessa trajetória, é o abandono de uma concepção abrangente de vida humana, tal como aquela característica da Grécia antiga. Na concepção grega, a harmonização com a totalidade dos seres e seus fins era o pressuposto para determinar o grau de racionalidade da vida humana, inclusive no âmbito do cuidado de si e da auto-preservação, além da relação com o cosmos. Essa compreensão de racionalidade vinculada à avaliação da harmonia com o todo é denominada por Horkheimer (1976) de razão objetiva, e o que se percebe é uma mudança profunda de concepção, ao longo destes últimos séculos, onde os aspectos subjetivo e formal da razão é que passam a predominar. Natureza externa e natureza interna podem ser coisificadas e controladas, exigindo, para isso, que o ser humano se distancie do mundo e de si próprio, enquanto um organismo; este distanciamento do objeto a ser conhecido gera a fragmentação e a simplificação do conhecimento produzido.

Uma outra dimensão do processo de individualização e do crescimento do Ego diz respeito ao interesse por si mesmo. Essa que era, apenas, mais uma categoria no interior de uma percepção da totalidade e de uma verdade objetiva para além dos seres humanos, torna-se uma categoria fundamental na nova ordem social e econômica que se instala na modernidade, superando e, gradativamente, eliminando as demais questões fundamentais ao funcionamento da sociedade. O interesse pessoal, fundamento do Liberalismo, é considerado por Horkheimer<sup>3</sup> como um princípio

abstrato, fruto de um "imperialismo intelectual", que impede uma coesão social mais consistente, porque o "particular tomou o lugar do universal" e a razão perdeu sua autonomia, em face de sua subjetivação; a partir de então, os interesses subjetivos e individuais é que passam a predominar.

No que diz respeito ao trato com a natureza interna, a racionalidade subjetiva ou instrumental cria uma nova perspectiva. O cuidado de si, conceito que se baseava no pressuposto de que o ser humano

***Com a revolução industrial e a estruturação do modo de produção capitalista, se estabelece uma ruptura capaz de criar técnicas de adestramento e cultivo do corpo, fundadas na ideologia do Liberalismo e que se tornam incoerentes e desconectadas com o conjunto da existência humana.***

fazia parte da totalidade, é abandonado, ao longo da história ocidental. Com a revolução industrial e a estruturação do modo de produção capitalista, se estabelece uma ruptura capaz de criar técnicas de adestramento e cultivo do corpo, fundadas na ideologia do Liberalismo e que se tornam incoerentes e desconectadas com

o conjunto da existência humana.<sup>4</sup> A criação destas técnicas de cultivo do corpo, ao mesmo tempo em que se fundamentam no interesse do indivíduo por si e para si, atendem a uma demanda de mercado que se expande continuamente e que se utiliza da mediação desempenhada pelos meios de comunicação de massa para cristalizar essa forma de relação do indivíduo com sua própria natureza e com a totalidade.

Neste período de estruturação do capitalismo, inicia-se uma valorização do conhecimento inexistente até então. Solidifica-se a idéia de que se pode fazer a aplicação de leis gerais e que, por isso, o mundo é manejável através da ciência, passando a se constituir como um sistema de controle. A dominação do mundo trata a complexidade nele existente como um fato aparente, já que há leis universais que regem todo o movimento. Esta síntese, que pode ser identificada com o pensamento newtoniano, expressa a idéia de que o ser humano não apenas se separa do mundo, como também, se coloca como seu senhor e proprietário.

É esta forma de racionalização que se estende a vários setores da sociedade, especialmente, aqueles mais vinculados ao progresso científico e tecnológico que vai ocorrendo. A ciência e a técnica

<sup>2</sup> Adorno e Horkheimer, 1985:19.

<sup>3</sup> Horkheimer, 1976:28.

<sup>4</sup> Cf. Silva, 1996.



que se estruturam a partir desta interpretação da realidade e do que se supõe ser a verdade, passam a ser, em função de sua influência sobre todos os setores sociais, um definidor daquilo que verdade e realidade devem ser. A ciência, por seu caráter pragmático e reprodutor perante a realidade, não incluindo a tarefa de reflexão sobre o seu próprio pensar, reduz, grandemente, a capacidade ética do ser humano. Sua estrutura organizada em torno dos fins se prende à escolha da melhor forma de dar consequência ao seu objetivo, eliminando a reflexão sobre os interesses e valores mais radicais da humanidade e a sua harmonia com o todo.

Entre as questões derivadas desta problemática e que merecem um estudo mais aprofundado por áreas como a Educação Física, está a da técnica das ações, já que o fenômeno técnico se caracteriza como a principal forma de relação entre o homem e a natureza. A cultura de movimento, com suas várias manifestações, se constitui num grande campo de análise, onde as técnicas próprias do mundo do esporte, das práticas corporais provenientes das academias entre outras, tendem a se difundir globalmente, homogeneizando as formas de expressão humana e de atuação no meio ambiente. Milton Santos aponta para o fato de que a técnica leva à produção de modelos e normas, reduzindo os fatos, os instrumentos, as forças e os meios envolvidos em cada situação. As ações baseadas na técnica tornam-se ações codificadas, presas à imediatez e sem uma perspectiva teleológica.

*“A racionalidade resultante se impõe às expensas da espontaneidade e da criatividade, porque ao serviço de um lucro a ser obtido universalmente. É dessa forma que a técnica se torna autopropulsiva, indivisível, auto-expansiva e relativamente autônoma, levando consigo a respectiva racionalidade a todos os lugares e grupos sociais.”<sup>5</sup>*

Nesta perspectiva, o estabelecimento de novas relações entre a sociedade e meio ambiente não poderia se dar sem a revisão das técnicas de ação que se fundamentam sobre esta racionalidade.

## A RAZÃO E A ANOMIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O objetivo da racionalidade de libertar os seres humanos do medo e da incerteza mitológicos se apresenta, cotidianamente, como incapaz de se concretizar. O ousado projeto de colocar a racionalidade como fundamento da vida em sociedade em substituição às crenças divinas, aos rituais, aos sentimentos, às intuições e às sensações, mostra-se agora, mais do que em qualquer período anterior, como uma nova forma de dominação humana. A racionalidade que se propôs a organizar o mundo, transformou-se numa segunda natureza do ser humano, ao mesmo tempo em que alterou a conformação do mundo a sua volta, tal como a mitologia o fazia anteriormente.

No decorrer deste processo, a razão não refletiu acerca do componente negativo presente no seu próprio desenrolar e nas consequências do que viria a se chamar progresso. Não abriu para a reflexão sobre os seus próprios objetivos, enquanto portavoz de uma humanidade que buscava se emancipar de seus temores. Com a organização das modernas sociedades industriais se estrutura uma racionalidade ainda mais pragmática, voltada, essencialmente, para a obtenção dos fins a que se propõe, num processo de especialização e abstração que se acentua cada vez mais. O modo de produção capitalista é a própria representação desta nova razão, em toda dimensão em que esta poderia se constituir, criando novos motivos para o medo humano.

A economia característica deste modo de produção foi destruindo as bases naturais da vida humana, com uma substituição gradativa do meio natural por outro artificial. Na medida em que ocorre esta troca, não sendo mais a sociedade que se instala na natureza, provocando poucas alterações, mas os eventos da natureza que ocorrem em espaços existentes neste meio cada vez mais artificializado, transforma-se a relação entre estes componentes. O pensamento de Santos aponta para uma questão importante, quando afirma que “os eventos naturais se dão em lugares cada vez mais artificiais, que alteram o valor, a significação dos acontecimentos naturais”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Santos, 1996:172.

<sup>6</sup> Idem, p.117.

Esta afirmativa é importante na análise dos fenômenos da cultura de movimento por duas razões, em especial. Primeiramente, porque, cada vez mais, eles ocorrem em espaços artificializados, o que pode dificultar as possibilidades de criação de novas atitudes e formas de ação, já que os objetos que constituem o espaço são portadores de normas e modelos pré-definidos de utilização. A segunda razão é porque, mesmo as práticas corporais e os chamados esportes radicais praticados mais próximos da natureza ampliam esta alteração do próprio espaço em que acontecem. O significado daquele evento natural, seja uma cachoeira um refúgio ou uma montanha se modifica na medida em que ele passa a ser instrumentalizado para fins cada vez mais diversos; passa a ser utilizado como meio para melhorar o condicionamento físico, buscar entretenimento, ampliar conhecimento ou aumentar o número de amigos e de aptidões e habilidades. A relação com a natureza se dá muito mais na forma de confronto de objetivos do que de reencontro, tal como na perspectiva romântica que a mídia divulga. Este confronto é existente, especialmente, quando a atividade pressupõe objetos e ações que se fundamentam nesta técnica, o que dificulta o exercício de outras finalidades humanas e da própria capacidade teleológica.

A ciência moderna, também ela vinculada a esta economia e a este modo de produção, separou-se da ética e da moral, reforçando as novas fontes de medo que vão surgindo. A desestruturação da vida está presente no cotidiano e nos próprios seres humanos, sem que eles percebam sua origem ou possam compreender sua própria racionalidade.

*"As explicações dos fenômenos sociais tornaram-se mais fáceis e, ao mesmo tempo, mais complexas. Mais fáceis porque o econômico determina os homens de forma mais direta e mais consciente e porque a força relativa de resistência e substancialidade das esferas culturais se encontram num processo de desaparecimento. Mais complexas porque a dinâmica econômica desenfreada degrada a maioria dos indivíduos à condição de meros instrumentos e traz constantemente, em curto espaço de tempo, novos espectros e infortúnios."*<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Horkheimer, 1980:151.

<sup>8</sup> Brüseke, 1995.

<sup>9</sup> Dubiel, 1994:85 e sgts.

Em todos os âmbitos da atividade humana, como a organização do Estado, da ciência e da técnica, da cultura, da igreja e do mercado, percebe-se, reiteradamente, as contradições existentes, onde o que se considera progresso demonstra sua face destrutiva. O modo de produção característico das sociedades industriais modernas está, nesse momento mais do que em outros, no centro do processo de desagregação social. Brüseke<sup>8</sup> indica que a grande maioria da população mundial encontra-se num estado caótico, separada, ao mesmo tempo, de suas instituições tradicionais e dos meios de acesso aos bens que a modernidade propôs.

Nos vários campos da atividade humana novas fontes de incerteza e medo se apresentam, tal como Dubiel<sup>9</sup> aponta em quatro terrenos distintos - tecnologia, cultura, política e economia. No campo da tecnologia o medo das catástrofes naturais foi substituído pelas catástrofes do controle da alta tecnologia sobre os elementos da natureza; tecnologia que se apresenta como ilimitada e independente da ética e da consideração ecológica. Na cultura, o medo provém da profunda e incessante dissolução dos laços de solidariedade, motivados, basicamente, pela sociedade de mercado e pela democracia liberal, incapazes de reproduzir em seu interior, a moral necessária à estabilidade social. No que diz respeito à política, o rompimento provém do fim da delimitação espacial com o surgimento das empresas supraestatais e a união econômica transnacional, além do turismo maciço e da globalização dos meios de comunicação de massa. Por último, na economia, o medo provém do desemprego em massa e da falta de acesso e garantia dos sistemas de seguridade social. Este resumo esquemático demonstra as novas incertezas que tiveram origem, nestes dois últimos séculos, nas modernas sociedades industriais.

Entre as fontes de medo geradas mais recentemente pela ciência e pela tecnologia, se encontram aquelas que se referem à manipulação dos seres vivos de maneira geral. Nesta atuação da ciência, mais claramente do que em outras, pode-se perceber o dilema ético e os riscos implicados, tal como alerta Jonas:

*"A técnica moderna converteu-se em ameaça (...). A submissão da natureza com vistas à felicidade dos homens, acar-*

*retou, pela enormidade do seu êxito, o qual se estende agora à natureza do próprio homem, o maior desafio para o ser humano jamais ocasionado por suas ações*.<sup>10</sup>

A desestruturação das instituições tradicionais têm demonstrado o acirramento de um processo de anomia, enquanto ausência de regras que auxiliem o indivíduo a compreender as relações que trava em sociedade. Brüseke admite que a anomia pode levar o indivíduo a vivenciar situações onde não se sinta com a capacidade de decidir entre o Bem e o Mal, o Certo e o Errado. No limite, estas situações vão se tornando mais freqüentes, a partir do processo de desestruturação das instituições, mas, podem ocorrer com indivíduos que ainda estejam vinculados a elas. Como a razão instrumental é a que prevalece em vários campos de atividade humana e ela é incapaz de refletir sobre si mesma e de gerar uma ética que seja fruto da interação entre os indivíduos, nada mais tem valor moral e, por isso, nada mais faz sentido para o indivíduo. Frente a este quadro, este autor faz uma afirmação significativa, dizendo que é possível que o ser humano possa "decidir-se contra o coletivo, contra a moral social e, conseqüentemente também contra um desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente inofensivo".<sup>11</sup>

A presença dos indivíduos dentro de uma ordem maior constituída por instituições tradicionais, com todos os limites que estas pudessem ter, assegurava uma normatividade para o comportamento humano, sobretudo, uma certa segurança. Com a desestruturação destas instituições, não há mais umnexo de regras no qual os indivíduos possam basear sua conduta. Essas instituições, ou se encontram em franca dissolução ou o indivíduo foi delas excluído. A perda do sentido frente a este novo contexto, tende a acirrar o caos existente. A racionalidade, que em tudo se dispõe a ver a regularidade e a ordem, se encontra agora, mais do que antes, incapaz de compreender a realidade que ela própria ajudou a construir. Para o indivíduo, esse caos denunciador do sofrimento alheio e de seu próprio adquire o caráter de indiferença, enquanto falta de um contraste que poderia ser julgado a partir de regras morais.

<sup>10</sup> Jonas, apud Ferry, 1994:114.

<sup>11</sup> Brüseke, 1995:05.

<sup>12</sup> Ferry, 1994:115 e sgts.

<sup>13</sup> Morin, 1977:192.

## PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO: em busca de uma reconciliação

A racionalidade e os descaminhos do medo humano se vêem frente a uma nova questão: As relações Sociedade e Natureza precisam ser superadas enquanto mais uma dualidade criada por um tipo específico de razão, razão esta que gerou uma ciência e uma técnica fundamentadas no domínio absoluto dos seres humanos. Este domínio, para além da impossibilidade ética de mantê-lo, ampliou os campos de incerteza para a vida humana e para a existência do planeta como um todo. Há que se construir uma nova perspectiva de relação com a natureza ou, como aponta Ferry,<sup>12</sup> instaurar um "terceiro poder", onde o domínio da natureza pudessem ser dominado. Este autor indica, também, que o medo humano deve assumir uma função ética e teórica nesta nova perspectiva, tornando-se um "dever moral" para com todos os seres vivos e um "princípio de conhecimento" que busca evitar riscos que alterem o equilíbrio na relação entre estes seres e as forças naturais.

Uma outra possibilidade de avançar na discussão do tema proposto é retomar a idéia de complexidade, presente na preocupação com a totalidade, indicando elementos que possam subsidiar uma superação da concepção que fundamenta tanto a relação do indivíduo com sua natureza interna, como com relação à natureza externa e o cosmos. Morin indica que, para tanto, não basta partir da idéia de que o todo é mais do que a soma das partes. É preciso conceber que cada parte só existe na dependência do todo e de suas determinações sobre sua própria organização, inclusive sobre suas características que lhe dão uma relativa individualidade e independência; assim como o meio é permanentemente recriado por suas partes constituintes e interrelacionadas.

*"Estes seres só podem construir e manter a sua existência, a sua autonomia, a sua individualidade e a sua originalidade na relação ecológica, isto é, na e pela dependência em relação ao meio; donde a idéia alfa de todo o pensamento ecologizado: a independência de um ser vivo exige a sua dependência em relação ao meio."*<sup>13</sup>

A partir desta concepção, a afirmação da independência do sujeito é sua própria negação. O individualismo é a negação do humano, enquanto expectativa de separação do todo que lhe conferiu sua especificidade e sua sobre/subexistência. O interesse hegemônico por si e para si, que tem conseqüências como o culto e o adestramento do corpo e a desconsideração para com a natureza, representa mais uma faceta desta racionalidade subjetiva ou instrumental que caminha na perspectiva de um desligamento da totalidade.

Um outro prisma desta mesma temática que vem se afirmando, há algumas décadas, é o movimento ecológico ou ambientalista, especialmente a partir dos momentos críticos pelos quais vem passando o planeta. Este que é considerado um tema fundamental neste fim de século, se coloca tanto como uma profunda reflexão teórica, como uma possibilidade de intervenção concreta na realidade. A intenção desta reflexão não é fundamentar uma ecologia da atividade física ou da corporeidade. Dois equívocos básicos poderiam estar sendo cometidos nessa questão: o primeiro seria reforçar a lógica posta por um modelo de ciência e de ordem econômico-social que aponta, cada vez mais, na direção da especialização dos saberes e funções e a concomitante desvinculação com a totalidade. O segundo equívoco em se propor uma tal ecologia seria porque, neste caso, se apresentaria um tratamento incorreto do conteúdo de ambos os termos - ecologia e corporeidade.

A discussão caminha no sentido da preocupação expressa por Guattari,<sup>14</sup> que apresenta uma contribuição para a superação desta perspectiva de racionalidade e ciência. O que, de fato, está em causa, é a maneira de viver e não a solução de questões específicas em áreas específicas. Ele indica que apenas uma "uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)" que ele denomina de "ecosofia", pode analisar e encaminhar corretamente as problemáticas em discussão, sem o perigo de redução ou simplificação, comuns na perspectiva atual. Necessária se faz, então, uma revolução profunda no modo de pensar, no modo de agir, nas relações sociais, na organização humana sobre a Terra.

<sup>14</sup> Guattari, 1993:08 e 09.

<sup>15</sup> Assmann, 1993:76.

Uma revolução que abarque as "forças visíveis em grande escala" como, também, os "domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo". A articulação entre os três registros é essencial na análise e intervenção de cada questão específica; recoloca em jogo o conjunto dos valores da modernidade.

***A articulação entre os três registros é essencial na análise e intervenção de cada questão específica; recoloca em jogo o conjunto dos valores da modernidade.***

A corporeidade e sua organização é uma destas questões que deve ser analisada a partir da articulação destes registros. Nesta perspectiva, áreas como a saúde, a estética e a educação podem ter, na corporeidade, uma referência central. Essa referência pode se colocar como uma das potencialidades que apontam para uma tentativa de superação da perspectiva posta pelo modelo de racionalidade e de ciência dominante e que fundamentam, em grande medida, os valores e forma de vida da modernidade. A afirmação de Hugo Assmann se mostra enriquecedora para o tema:

*"Exaltar a Qualidade de Vida desde a corporeidade, sem incluir a solidariedade, como elemento definidor da saúde e da felicidade coletivas, me parece não apenas cínico, mas ignorância fatal daquilo que a Corporeidade reclama, com solidariedade sócio-humana e como criativiver sábio e saboreante".<sup>15</sup>*

Referenciar-se na corporeidade é retomar a necessidade de reconhecer os corpos criados pelas várias culturas e ideologias, ultrapassando os corpos imagéticos e generalizáveis. Retomar, ainda, a necessidade de reconstrução das relações do sujeito com sua própria natureza e com a totalidade; da superação das homogeneidades e modismos; da exaltação dos corpos e do dualismo; do desinteresse por tudo que for o não-eu.

Nesta nova fase da modernidade, a corporeidade também pode ser percebida como fonte de equilíbrio, frente as exigências do processo de globalização. A racionalidade característica desta fase, por ampliar a transformação do meio ambiente e por alterar as várias instâncias de atuação humana, especialmente através da implantação dos meios técnico-informacionais, encontra poucos

limites para instalar-se completamente entre os seres humanos. Com esta perspectiva, Santos afirma que o mundo das coisas e dos seres humanos, a partir de sua materialidade e objetividade, resistem e reagem a este novo espaço-tempo, remetendo a um novo valor para a corporeidade, como segue em suas palavras:

*"Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender".<sup>16</sup>*

Os seres humanos interessados na transformação da realidade são convidados a refletirem acerca da necessidade de "alterar os eixos civilizatórios da sociedade contemporânea", tal como o disseram Leis e D'Amato.<sup>17</sup> Para que essa reflexão possa ocorrer, no entanto, esses autores fazem uma outra indicação importante: há a necessidade de ocorrer uma deflação da personalidade e um redirecionamento desta energia para outras funções. A superação da questão do Ego como ponto de partida é necessária, inclusive, para enfrentar os desafios derivados do ambientalismo, nos quais a totalidade dos seres, suas interações e seus interesses possam estar sendo tematizados concomitantemente. A insatisfação perante o existente, parte de uma inquietação de fundo ético e existencial que começa a permear este período, há que despertar os seres humanos para a concretização de uma nova ordem, à beira do século XXI, terceiro milênio desta era.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.
- ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. Piracicaba : Unimep, 1993.
- BRÜSEKE, Franz Josef. *A lógica da decadência: desestruturação sócio-econômica, o problema da anomia e o desenvolvimento sustentável*, 1995 (mimeo).
- DUBIEL, Helmut. *Qué es ser de izquierda, por favor? Cuadernos del Claeh*. Montevideo, 1994.
- FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal, o homem*. São Paulo : Ensaio, 1994.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas : Papyrus, 1993.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Teoria tradicional e teoria crítica. Textos escolhidos*. São Paulo : Abril, 1980.
- LEIS, Hector & D'Amato. *Para uma teoria (da prática) do ambientalismo*. Trabalho apresentado no Seminário "A economia da sustentabilidade: princípios, desafios e aplicações". São Paulo, 1994.
- MORIN, Edgar. *O método: a natureza da natureza*. Porto : Europa América, 1977.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.
- SILVA, Ana Márcia. *Das práticas corporais ou porque "Narciso" se exercita*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis : CBCE/ UNIJUI, 17(3), p. 244-251, maio/1996.

**ABSTRACT:** This paper examines the trajectory of the reasoning in the West, pointing to the perspective that, in the modern industrial societies, the treatment given to the external nature as well as to the internal nature, is governed by either the subjective or the instrumental reason, which gives a strong dimension to the (self) domination and fragmentation to all the produced knowledge, with repercussions to the understanding of the "Body Awareness" and also to the presently so-called "Ecological Crisis".

<sup>16</sup> Santos, 1996:251.

<sup>17</sup> Leis e D'Amato, 1994:08.

### A IDEOLOGIA DA SAÚDE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Sandra Soares Della Fonte,  
Róbson Loureiro\*

**UNITERMOS:** Educação Física, Saúde, Ideologia.

**RESUMO:** A concepção que a prática de atividades corporais promovem saúde é bastante disseminada e, ainda, aceita em nossa sociedade. Geralmente essa afirmação é embasada por concepções ideológicas de saúde (saúde enquanto ausência de doença ou estado de completo bem-estar físico, mental e social). Atualmente o conceito de saúde que está se consolidando na Educação Física é o de saúde enquanto mercadoria. Longe de excluir os outros conceitos, esta concepção os resgata sob a perspectiva do mercado. Uma perspectiva alternativa de saúde deve necessariamente entendê-la como expressão das relações históricas que o ser humano estabelece com o meio natural e com o meio social.

A afirmação "Educação Física promove saúde" é bastante corriqueira e, hegemonicamente, aceita por grande parte dos professores de Educação Física e pela maioria da população. Ainda hoje, quando se questiona a importância da prática de atividades corporais, ou seja, quando se busca legitimar a Educação Física nos mais variados espaços (escolas, clubes, academias,...), recorre-se a essa premissa.

Se analisarmos o processo histórico da Educação Física no Brasil, perceberemos que esse tipo de legitimação das práticas de atividades corporais é bastante antiga. Soares (1994) afirma que as primeiras tentativas de incluir a Educação Física no universo escolar foram em nome da promoção da saúde, da higiene física e mental, da educação moral e da eugenia. Já Ghiraldelli Jr. (1989, p. 17) sublinha que todas concepções de Educação Física (com exceção da tendência popular) têm como ponto em comum a idéia de promoção de saúde. Acrescenta, ainda, que o sentido ideológico da saúde não ficou estático, mas se modificou de acordo com as condições materiais.

O objetivo desse trabalho é desvelar possíveis concepções ideológicas de saúde que se revelam e se ocultam no famoso slogan "Educação Física promove saúde". Para tanto, analisaremos algumas concepções de saúde (saúde enquanto ausência de doença; saúde enquanto estado de bem-estar físico, mental e social; saúde enquanto mercado-

ria), buscando compreender seus sentidos, seus limites, avanços e sua inter-relação com o slogan que pretendemos desmistificar.

#### SAÚDE COMO AUSÊNCIA DE DOENÇA

Essa definição de saúde era adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Singer et alii (1981) definiram esta abordagem como um conceito ideal negativo de saúde pois pressupõe um paradigma de normalidade biológica e psicológica para apreciar a saúde de uma população concreta. A adoção de um critério de normalidade confere o caráter científico na determinação de um estado ótimo de saúde (estado ideal). Os desvios da norma são considerados morbidades. Assim, mais saúde significa menos morbidade, mais morbidade significa menos saúde. A caracterização da saúde se faz definindo o que ela não é.

Este tipo de compreensão vincula-se a um modelo funcionalista no qual a sociedade é entendida como um todo orgânico que funciona harmonicamente. A doença é um desvio, um desequilíbrio que ameaça a organização social, pois impossibilita o cumprimento dos papéis e obrigações sociais.

\* Mestres em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (SP).

Segundo Luz (1979), falar de saúde, referindo-se à doença, remete ao conceito de medicalização preventiva ou curativa. A Saúde (com S maiúsculo) torna-se sinônimo de medicalização (extensão da medicina a várias áreas da vida individual como forma de controle político e social da classe trabalhadora), reportando-se a Instituições do Estado que se ocupam da prevenção e cura das doenças da população.

*Assim, a Saúde com S maiúsculo, setor do Estado que deve se encarregar da doença da população (ou setores dela) tem sido marcada na sociedade brasileira, como nas demais formações sociais capitalistas, por esta ambigüidade profunda: ser por uma lado repositora (ou substituta) de algo que a própria estrutura social subtrai: por outro lado ser projeto de medicalização que nunca se estende como quereria, como deveria, para suprir - medicamente - a carência de saúde da população. Ser, portanto, doença relativa. (Luz, 1979, p.166)*

Lefèvre (1991) afirma que o entendimento da saúde enquanto não-doença tende a expandir e a associar o próprio sentido de doença a qualquer componente semântico negativo ou indesejável, como infelicidade, dor, homicídio, gula, angústia, entre outros. A saúde passa a ser compreendida dentro de uma tensão entre o bem e o mal: o "bem" é o estado de satisfação, de saúde; o "mal" corresponde à doença, à carência ou necessidade de saúde.

Isso pode ser observado no caso dos aidéticos. Eles representam um "mal" social pois contraíram a doença, geralmente, por ações condenadas pelo moralismo conservador. Enfim, são seres considerados "desprezíveis" do qual, no máximo, a sociedade se compadece sem, contudo, esquecer o seu comportamento ou estilo de vida "desregrado".

Em nome dessa concepção de saúde de cunho funcionalista, considera-se doente não só aquele acometido por uma doença infecto-contagiosa, nutricional ou degenerativa, mas também aquele que transgredir as normas socialmente aceitas. Este caso caracteriza o "doente mental", pois seus

sintomas são os comportamentos socialmente perturbadores, o desajustamento ao estilo de vida da sociedade em que se encontra.

A morbidade é percebida como um problema exclusivamente individual. O modelo funcionalista não possibilita o questionamento do "desajuste" ou a insanidade da própria sociedade por supor antecipadamente que ela é harmônica e sadia.

Podemos observar que a estrutura social capitalista determina e legitima várias idéias, valores e atitudes altamente patológicos. Por um processo de naturalização, essas patologias são apresentadas como inerentes ao ser humano. Longe de serem compreendidas como patologias, elas são tidas como qualidades. Assim, aceita-se como normal a busca do lucro como objetivo de toda atividade econômica, a exploração do homem pelo homem, o individualismo, a competitividade e a ambição como valores modernos, a repressão de idéias e sentimentos rotulados como tabus, a satisfação imediata de desejos como tradução da felicidade, a reificação das pessoas e das relações sociais e a alienação.

O processo de normalização (naturalização) das patologias sociais acontece quando a maior parte da sociedade é atingida pela mesma patologia (há a partilha da mesma atitude ou princípios mórbidos por muitas pessoas). Essa patologia transforma-se num "defeito socialmente modelado". (Fromm, 1983, p. 28)

Ocorre, portanto, uma inversão: sadio é aquele que possui um "defeito socialmente modelado", aquele que é igual à maioria; doente e patológico é considerado aquele que não apresenta tal defeito, ameaçando os valores vigentes. "Em realidade, o seu próprio defeito poderá ter sido elevado à categoria de virtude pela sua cultura, podendo, assim, proporcionar-lhe uma intensa sensação de êxito." (Fromm, 1983, p. 29)

Por esse processo, há a formação do caráter social, isto é, do "... núcleo da estrutura do caráter compartilhada pela maioria dos indivíduos da mesma cultura ..." (Fromm, 1983, p. 86) cuja função "... consiste em moldar e canalizar a energia humana em uma determinada sociedade, para que esta possa continuar funcionando ..." (Fromm, op. cit., p. 87). A partir da análise do caráter social que se avalia a sanidade mental dos indivíduos da sociedade.

A concepção negativa funcionalista de saúde possibilita a construção de algumas argumentações sobre a importância das práticas corporais para a saúde. A elaboração desse discurso parte da análise da sociedade moderna, defendendo que a mecanização e o desenvolvimento tecnológico trouxeram considerável progresso humano. Entretanto, esse progresso veio acompanhado de alguns efeitos colaterais ("desvios"): a agitação e a tensão dos centros urbanos ocasionam o *stress* e o sedentarismo.

A prática da Educação Física funcionaria como soluções para esses "males" da vida moderna. Reproduzimos, logo a seguir, citações que ilustram essa afirmação:

*... o sedentarismo provoca uma decadência biofuncional progressiva, envelhecimento e oportuniza o aparecimento de doenças crônico-degenerativas - cardiopatias (...) Estudos recentes estimam que 70% dos brasileiros não fazem qualquer exercício regularmente (...) Para se ter uma idéia do que essa situação acarreta para o país, basta observar alguns fatos. O Jornal Americano de Saúde Pública divulgou que o sistema médico hospitalar do Estados Unidos economizou US\$475 bilhões, a partir do momento em que o fitness virou mania nacional. (...) A população "ativa" adocece menos ou de forma mais amena do que os sedentários (...) em relação à produtividade e exercícios, outras fontes norte-americanas relatam que o stress é responsável por um prejuízo anual de US\$150 bilhões na capacidade do país gerar riquezas (...) Os trabalhadores e executivos estressados mantêm um potencial diminuído, que resulta nesse prejuízo. Como se sabe, a prática esportiva e o lazer são as eficazes 'vacinas' e tratamento para o stress. (Rezende, 1991, p.78)*

*O sedentarismo tem levado à chamada doença do século: a hipocinesia. Esse sintoma da sociedade moderna, ao levar os homens a uma perda da qualidade de vida, fez com que esse homem percebesse a valorização da vida. E foi na busca dessa valorização da vida que surgiu a necessidade de um aproveitamento mais adequado do ócio e do tempo livre de trabalho, surgindo o esporte-popular ... (Tubino, 1987, p.56)*

A primeira observação que gostaríamos de destacar refere-se à superficialidade das reflexões: o *stress* e o sedentarismo são apontados como "disfunções sociais"; são desequilíbrios de uma sociedade "equilibrada". Esses estados mórbidos não nascem da estrutura industrial capitalista, mas são um desvio da harmonia dessa sociedade. Isso é perceptível nas citações, pois nenhuma delas questiona ou propõe transformações na organização social como forma de tratamento das morbidades.

Realmente, o *stress* social e psicológico, assim como o sedentarismo, podem estar associados ao desenvolvimento de várias doenças, principalmente, às doenças crônico-degenerativas (cujo número de acometimentos vem crescendo muito desde o final do século passado, nos países desenvolvidos, e após a 2ª Guerra Mundial, nos países subdesenvolvidos).

Para Singer et alii (1981), a tensão (*stress*) social e psicológica resulta das contradições sociais aguçadas nos países industriais e do modo de organização da produção que requisita um estilo de vida competitivo. Já o sedentarismo reflete a marginalização daqueles que "perdem" na competição da vida (do mercado). Para estes, a vida é um "vegetar destituído de sentido".

O sedentarismo pode ser compreendido também como uma das reações à alienação do trabalho. O trabalhador não se reconhece no produto que cria e não relaciona o que produz com as suas necessidades reais. O trabalho torna-se sinônimo exclusivo de sobrevivência. Fromm (1983) afirma que, frente a isso, há duas reações possíveis: a hostilidade para com o trabalho e a vontade de ociosidade total. Esta última é expressa pelo ideal de "viver com o mínimo de esforço", bastando apenas atitudes típicas da vida sedentária, como "apertar o botão", "ligar a máquina elétrica", entre outras.

O benefício da Educação Física à saúde, então, é enaltecido enquanto elemento vinculado diretamente à ausência da doença, como uma "vacina" eficaz para o tratamento do *stress*, como possibilidade de adoecer menos ou mais amenamente, como forma mais econômica de medicina social, como o remédio contra o envelhecimento e as doenças degenerativas, como a recuperação psicossomática do trabalhador para um aumento da sua produtividade. O fim último dessas preocupações é sempre a readaptação social.



Outro fato que gostaríamos de salientar é que o esporte não-formal não foi uma necessidade natural e espontânea do homem moderno na busca da "valorização da vida". Ao contrário, principalmente a partir da década de 70, forjou-se, sob a aparência de democratização esportiva, sociabilização e promoção de saúde, uma demanda social pelo esporte-popular (não-formal) através dos meios de comunicação de massa como forma de controle político, econômico e ideológico do tempo disponível do trabalhador. (Cf. Cavalcanti, 1984)

Diante de todas essas reflexões, observamos que a concepção de saúde como ausência de doença visa impossibilitar o questionamento das condições globais da vida, ocultar as contradições da organização social capitalista. Nessa perspectiva, qualquer intervenção na realidade, seja dos vários serviços de saúde ou mesmo da Educação Física, tem por finalidade o controle social, evitando "... que contradições, seja no plano econômico, social ou mesmo natural, venham a perturbar a produção ou o consumo dos bens (materiais ou imateriais) dentro da ordem constituída." (Singer et alii, 1981, p. 13)

## SAÚDE COMO ESTADO DE BEM-ESTAR FÍSICO, MENTAL E SOCIAL

Esta é a definição atual de saúde da OMS. A reformulação conceitual objetivou alertar que a saúde não se caracteriza, unicamente, pela ausência de doença ou de enfermidade; há outras variáveis que se devem considerar na avaliação da sanidade.

Singer et alii (1981, p. 68-69) denominaram essa concepção de *conceito ideal positivo*, pois ela define a saúde *pele que ela é*, apesar de continuar sustentando a existência de um estado ótimo de saúde (estado ideal) como critério de avaliação da sanidade da população.

O grande avanço dessa abordagem é considerar a dimensão social da vida: "... (o) conceito de saúde, adotado pela OMS, tem pelo menos o mérito de reconhecer que é paradoxal ser considerado portador de boa saúde quando é afetado por pobreza, discriminação ou repressão." (Singer et alii, 1981, p. 68)

Entretanto, esse conceito apresenta algumas limitações. Sua ampliação torna-se muito subjetiva: como medir e avaliar o estado de bem-estar social? Frente a essa dificuldade, surgiram os *indicadores sanitários* que, através de dados estatísticos, buscam visualizar a situação sanitária de determinada região por um período de tempo (renda per capita, urbanização, alfabetização, mortalidade proporcional, coeficiente de mortalidade geral, esperança de vida, coeficiente de mortalidade infantil, poluição ambiental, etc.). (Cf. Dallari, 1987, p. 21-30)

***Como medir e avaliar o estado de bem-estar social? Frente a essa dificuldade, surgiram os indicadores sanitários que, através de dados estatísticos, buscam visualizar a situação sanitária de determinada região por um período de tempo.***

Por sua vez, apesar de necessários, os *indicadores sanitários* possuem algumas falhas como a existência de registros inadequados e a de não revelar o nível de saúde e sim, o nível de doença e morte da população. A saúde permanece, desta forma, como ausência de doença. Além disso, a redução de fatores estruturais a indicadores estatísticos pode, também, apresentar uma análise

empobrecida quando não associada à análise das relações sociais.

Outra crítica feita a atual definição de saúde da OMS relaciona-se ao termo *estado*. Abstraímos essa crítica tendo como base a diferença entre *ser saudável* e *estar saudável* esboçada por Lefèvre (1991, p. 89-93). Podemos, em muitas situações, conviver com o *ser doente* sem eliminá-lo, isto é, podemos reproduzir permanentemente (por exemplo, através do medicamento) um *estar saudável* sem eliminar o *ser doente*. Neste sentido, pode-se deduzir que um "*estado* de completo bem-estar físico, mental e social" pode não corresponder a um *ser saudável*. O termo *estado* assume uma característica de período momentâneo.

Por fim, a última crítica que pretendemos abordar diz respeito à tradição filosófica de compreensão do homem como um ser fragmentado ou em duas partes (corpo/ mente) ou em três (corpo, mente e espírito). Essa herança filosófica é condicionada pela divisão social do trabalho que nos impele a uma visão fragmentada da realidade, do mundo concreto e do próprio ser humano. A consequência dessa determinação é a não compreensão da conexão entre o "bem-estar físico", o "bem-estar mental" e o "bem-estar social"; esses "bem-estares" são vislumbrados como entidades estanques que podem ser utilizadas separadamente.

Assim, ouve-se falar que “físicamente se está saudável, mas mentalmente se está doente”, “psicologicamente se está são, mas socialmente se está mórbido”. Esta situação chega ao extremo com a crescente especialização da medicina e tratamentos específicos de certo órgão do organismo dissociados da totalidade corporal.

Em relação a essa problemática, nos alerta Fromm (1983, p.262):

*O ser humano é uma unidade: seu pensamento, seu sentimento e sua prática da vida são inseparavelmente unidos. Ele não pode ser livre em pensamento, quando não é emocionalmente livre; não pode ser emocionalmente livre, quando é dependente e sem liberdade em sua prática de vida, em suas relações econômicas e sociais.*

## SAÚDE COMO MERCADORIA

Essa definição de saúde é abordada mais comumente por estudos relativos à indústria farmacêutica que buscam explicar o fenômeno do consumo de medicamento (prática terapêutica dominante em nossa sociedade). Frente a essa questão, algumas reflexões caracterizam esse fenômeno como revelador da mercadorização da saúde, da sua transformação numa coisa, num produto a venda no mercado. (Cf. Lefèvre, 1991; Cordeiro, 1985)

Segundo Lefèvre (1991), para que isso ocorresse, a saúde passou por um lento processo histórico de expropriação, de perda da sua condição de “Premissa Existencial” humana para se transformar em algo apenas recuperado e recuperável no mercado.

*A Saúde foi então, historicamente, adaptando-se à lógica do mercado. É o processo que aparece, no pensamento sanitário, sob a rubrica de ‘medicalização’ sociedade, mas que é, em geral, mal compreendido porque está vinculado à noção funcionalista de ‘disfunção social’ ou ‘desvio’ (a ser corrigido por bem-intencionados sanitaristas) e não aos mecanismos estruturais, ligados à ampliação e generalização do ‘mercado’. (Lefèvre, 1991, p.21)*

Os produtos da saúde relacionam-se ao que se pode chamar de consumo médico (qualquer ação ou bem direcionados à promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças). A saúde é expressa, no mercado, por serviços e mercadorias, produtos (iogurtes, medicamentos, alimentos “light”, ...) e ações (massagens, aulas de ginástica, estética,...).

Nesses produtos e nessas ações, a saúde torna-se uma representação concreta, materializa-se. Em contrapartida, eles passam a representar a saúde, transformam-se nos seus símbolos (pois concretizam a entidade vaga e abstrata que é a saúde): “As mercadorias de saúde (...), numa sociedade onde a mercadoria pontifica, passam então a incorporar a saúde em si, passam a representá-la, a simbolizá-la.” (Lefèvre, 1991, p. 49)

Desta forma, a venda de medicamentos, o consumo de sessões de massagens, de aulas de ginástica ou outras atividades corporais, são facilitados porque simbolizam e expressam uma realidade de saúde. Portanto, consumir uma mercadoria é também consumir o seu símbolo, o significado que lhe é conferido socialmente.

Além de consumir a idéia saúde materializada na coisa/símbolo (mercadoria), há o consumo ideológico de determinada concepção de saúde condizente com os interesses capitalistas.

*... podemos estar diante de símbolos que não estejam sendo usados, explicitamente (ou não estejam sendo apenas usados) como instrumentos para comunicar a idéia de saúde, mas como instrumentos para fazer com que seja consumida (e confirmada pelos resultados) uma determinada visão de saúde (a da saúde reificada). (Lefèvre, 1991, p.55)*

Para se oferecer a saúde como mercadoria, é preciso que se amplie o seu grau de necessidade. Além disso, é importante que essa necessidade seja percebida como algo natural, abstrato, igual para todas as classes sociais. Desta forma, o consumo transforma-se num ato unicamente individual de satisfação de necessidades dentro do poder aquisitivo de cada um.

Entretanto, a simplicidade deste raciocínio dissimula que, no capitalismo, o que prevalece são as necessidades historicamente determinadas pela indústria pois, como afirma Marx (1975, p.74), “A

produção não se limita a fornecer objectos materiais às necessidades, fornece também uma necessidade aos objectos materiais.”

O capitalismo forja, incessantemente, novas necessidades, veiculando-as como *naturais* de acordo com os interesses do mercado. Desta forma, há o controle e a manipulação do consumo.

A análise da necessidade da saúde vincula-se a esse contexto. Para que os produtos das indústrias de medicamentos, de alimentos dietéticos, “indústrias” de cultura corporal sejam oferecidos na esfera de trocas (no mercado), eles precisam estar ligados a satisfação de alguma necessidade. Surge, então, a saúde, pressuposto existencial que garante facilmente a transferência de sua necessidade básica às mercadorias a que se vincula. Há, então, um processo complexo de construção de “necessidades” fetichizado pela ideologia do consumo.

Segundo Cordeiro (1985, p. 17), “A ideologia do consumo e das necessidades naturais ou primárias é o obstáculo a ser vencido, por ser a representação imediata da ‘realidade’ e por encobrir as suas determinações complexas.” Nesta concepção imediata e dissimuladora da realidade, “...até os mais patológicos desejos podem ser subjetivamente sentidos como aquilo de que a pessoa mais necessita.” (Fromm, 1983, p.32)

Para se aceitar que a saúde está materializada num determinado produto ou ação, é necessário descartar o pressuposto de que a saúde relaciona-se às condições globais da vida. A saúde deve reduzir-se a aspectos individuais, psicológicos e, principalmente, orgânicos. Portanto, dentro da ótica mercadológica, há o resgate do sentido da saúde como ausência de doença (ausência de mal-estar) e como estado de “bem-estares” fragmentados.

Frente à presença de um mal-estar ou morbidade, postula-se a crença de que a saúde somente será obtida mediante o consumo de bens e serviços que a simbolizam. Aqui encontramos o paradoxo da saúde: ao mesmo tempo que a sociedade produz agravos e ameaças à sanidade (devido a sua organização sócio-econômica), ela também produz mercadorias com o objetivo de proteger e manter a saúde de seus membros.

## EM BUSCA DE UMA NOVA ABORDAGEM DE SAÚDE

As concepções de saúde que abordamos apresentam várias limitações e lacunas, o que as tornam potencialmente ideológicas e eficientes no ocultamento das contradições sociais. Elas hipertrofiam a dimensão orgânica (e mental) do ser humano como forma de avaliar a sanidade sem reportar-se à organização patológica do sistema capitalista. Por sua vez, a tentativa de considerar a dimensão social é quase sempre ingênua, pois acaba se reduzindo a indicadores estatísticos abstratos que se esforçam em demonstrar que o fator “pobreza” determina o baixo nível de saúde da população. Associa-se a essa situação, o processo de reificação da saúde que transforma a luta pelo direito à saúde numa simples reivindicação de

acesso às mercadorias/símbolos de saúde.

Não pretendemos, na tentativa de superar a superficialidade dessas aborda-

gens, desconsiderar a dimensão biológica e psicológica da saúde. Objetivamos ampliá-las e contextualizá-las na rede de relações sociais que compõe a totalidade social.

Nessa perspectiva, a saúde expressa o arranjo de relações sociais que o homem estabelece com o meio natural (meio natural externo - a natureza - e meio natural interno - o próprio organismo humano) e com o meio social (relação dos homens entre si). Essas relações sociais não são relações abstratas, iguais em todos os momentos históricos. Elas dependem intrinsecamente da forma como os homens, em um dado momento histórico, produzem os meios para sua sobrevivência. Portanto, a saúde nos remete às condições concretas da existência humana, à produção social.

Luz (1979) se refere a esse sentido de saúde que, para ela, deve ser escrito com s minúsculo em contraposição à Saúde com S maiúsculo, sinônimo de medicalização.

*A saúde como estado positivo é vista por nós como conjunto de possibilidades concretas de a coletividade produzir e se reproduzir como coletividade, isto é, como*

*criação coletiva constante das condições de existência da própria sociedade. Neste caso, saúde remete diretamente às condições globais de vida (alimentação, habitação, repouso, educação e participação decisória nos vários níveis da vida social ...) portanto, às condições em que se dá a produção social. (Luz, 1979, p.165-166)*

Essa compreensão nos permite afirmar que a saúde pode ser entendida como a primeira premissa de toda existência humana ou de toda a história postulada por Marx (1984, p. 33) quando este enfatizou que, para poderem "fazer história", os homens precisam estar em condições de viver. A saúde não expressa, então, a satisfação de uma única necessidade, mas sim a satisfação de um conjunto de necessidades que se confunde com o *existir pleno* do ser humano como agente histórico.

Avaliar a sanidade ou a patologia de uma pessoa ultrapassa o nível exclusivamente individual; requer o questionamento da sanidade da própria estrutura social e a avaliação de como a organização social lida com as condições de existência humanas, com as necessidades do ser humano concreto.

A saúde "...não pode ser definida em termos de 'adaptação' do indivíduo à sua sociedade, (...) pelo contrário, **deve ser definida como adaptação da sociedade às necessidades do homem.**" (Fromm, 1983, p.80).

Essas reflexões nos impelem a denunciar a condição patológica do sistema capitalista que não consegue satisfazer, ao menos, as necessidades mais elementares da coletividade. Como, então, continuar sustentando que a Educação Física promove saúde? Afirmando que ela previne algumas doenças, promove um estado de bem-estar físico e mental (recuperação psicossomática), provoca a socialização (adaptação social)? Essas argumentações são ideológicas e ocultam a mercadorização não só da saúde, mas da cultura corporal e do próprio ser humano.

"Educação Física promove saúde" é uma abstração que eficientemente substitui a saúde en-

quanto *premissa existencial e histórica da coletividade* pela compreensão de premissa existencial e histórica da lógica capitalista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORDEIRO, H. *A indústria da saúde no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- DALLARI, S. G. *A saúde do brasileiro*. São Paulo : Moderna, 1987.
- FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 10.ed. Rio de Janeiro : Guanabara/ Koogan, 1983.
- GHIRALDELLI JR., P. *Educação física progressista - a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 2.ed. São Paulo : Loyola, 1989.
- LEFÈVRE, F. *O medicamento como mercadoria simbólica*. São Paulo : Cortez, 1991.
- LUZ, M. T. Saúde e instituições médicas no Brasil. In: GUIMARÃES, Reinaldo. (org.) *Saúde e medicina no Brasil: contribuição para um debate*. 3.ed. Rio de Janeiro : Graal, 1979. p.157-174.
- MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo : Moraes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Textos Filosóficos*. Lisboa : Estampa, 1975.
- REZENDE, L. *Sonho de Verão*. *Revista Boa Forma*. São Paulo : Editora Azul, n.55, p.78, 1991.
- SINGER, P. (et alii) *Prevenir e curar: o controle social através de serviços de saúde*. Rio de Janeiro : Forense/Universitária, 1981.
- SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas : Autores Associados, 1994.
- TUBINO, M. J. G. *Teoria geral do esporte*. São Paulo : IBRASA, 1987.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. *Guia para normalização de referências bibliográficas: NBR 6023*. Vitória, 1995.

### UNITERMS: Physical Education, Health, Ideology.

**ABSTRACT:** The conception the practice of body activities promotes health is too disseminated and still accepted in our society. Often it is embased by ideological conceptions of health (health as absence of disease or state of complete physical, mental and social well being). Nowadays the conception of health is consolidating in Physical Education is health as a merchandise. This conception does not exclude the others ones, but ransoms them in a mercadological perspective. An alternative perspective of health must understand it as expression of historical relationships that human being establishes with the natural and social ambiances.

# EDUCAÇÃO FÍSICA E ECOLOGIA: Dois Pontos de Partida para o Debate<sup>1</sup>

Humberto Luís de Deus Inácio<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este ensaio tem por objetivo apresentar dois pontos - entre muitos - para dar início a um debate sobre o Meio-ambiente e a Ecologia na área de conhecimentos da Educação Física. Estes pontos são os 'Esportes ecológicos' e 'As práticas esportivas em associações classistas'. A apresentação destes dois pontos objetiva discutir, especialmente, seus potenciais ecológicos.

## INTRODUÇÃO

Já, há alguns anos, temos presenciado largas discussões sobre a questão do Meio-ambiente e a relação que o Ser Humano com ele desenvolve. ONG's ecológicas ou ambientalistas se proliferam; protestos e ações em defesa da natureza ganham espaço na mídia; conferências regionais e mundiais são realizadas; até mesmo na desestruturada escola pública deste país, se fala em Ecologia. Nas universidades se amplia a oferta de cursos específicos nesta área. Assim, observa-se um crescente interesse de todos os campos do conhecimento humano em discutir a questão.

Ao tomarmos ciência do tema proposto para este número da RBCE (Educação Física e Ecologia), vislumbramos a possibilidade de partilhar com os colegas da área algumas questões que, freqüentemente, surgem a nossa frente. São questões que dizem respeito não apenas à Educação Física, ou a sua função social, mas da relação entre a Educação Física e o Planeta, ou seja, entre a Educação Física e a Flora, e a Fauna, e o Ar, e a Água, e os Seres Humanos.

Neste ensaio, ao falarmos em Ecologia ou Ambientalismo, não estaremos nos referindo ape-

nas a outros Animais, à Flora, à Água, ao Ar etc.; estaremos sim, falando de um universo único, onde todas as formas que o constituem - inclusive a humana - se interdependem para sobreviver. Assim, não compreendemos uma Natureza dissociada da Raça Humana, sobre a qual esta última opera, mas como um conjunto infinito de relações entre múltiplos organismos. Tais relações devem ser de respeito e equilíbrio, condição para a preservação da vida no e do Planeta. Além disso, entendemos que a Ecologia propõe um reordenamento geral das relações sociais, apontando valores como solidariedade e cooperação na base desta nova ordem.

No que diz respeito à Educação Física, acreditamos ser este o momento dela perceber que o movimento humano faz parte desta Ecologia e, portanto, com um papel a cumprir para a harmonia da Natureza, o que quer dizer, também, harmonia entre os Seres Humanos. As possibilidades que se apresentam para que a Educação Física desenvolva tal ação são muitas, uma vez que se insere em diversos campos da atividade humana. Nosso objetivo, neste ensaio, não é discutir profundamente a relação entre Educação Física e Ecologia, mas apresentar dois aspectos desta relação para um debate inicial.

<sup>1</sup> Neste texto não aparecerão referências bibliográficas. Não que elas não existam, mas porque todo o texto é fruto de leituras e debates acumuladas ao longo dos últimos anos. Com isso, não pretendemos demonstrar alguma espécie de arrogância acadêmica, mas expressar um agradecimento geral aos muitos que, conosco, escrevem estas linhas.

<sup>2</sup> Licenciado em Educação Física. Mestrando em Educação - UFSC. Membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos - UFSC.

## OS ESPORTES (ASSIM CHAMADOS) ECOLÓGICOS

Há uma nova corrente dentro do polivalente mundo esportivo que apresenta novas modalidades chamadas 'esportes ecológicos' ou 'esportes ecológicamente corretos' ou ainda, 'esportes radicais'. Tais esportes são assim chamados por propiciarem uma interação entre seus praticantes e alguns ambientes diferentes dos rotineiros espaços urbanos. Estes ambientes têm se configurado, grosso modo, de matas pouco exploradas, rios, mares, espaço aéreo e acidentes geográficos tais como cavernas e *canyons*. Exemplos bem conhecidos destes esportes são o *surf*, o *wind-surf*, as diversas modalidades de barcos a vela, a canoagem e o vôo-livre. Alguns dos menos conhecidos são o *treking*, o *rafting* e o *canyoning*.<sup>3</sup> É praticamente inegável que há uma grande possibilidade de o Ser Humano, ao desenvolver tais esportes, redescobrir a interdependência vital entre ele e o restante do Planeta. Contudo, a maior parte destes esportes - só por serem esportes - já surgiram seguindo a lógica de produção e consumo de mercadorias do sistema capitalista, ou passaram a fazê-lo pouco tempo depois de seu surgimento. O *treking*, por exemplo, consistindo em caminhar por trilhas em florestas, não precisaria de mais que a disposição do praticante para ser executado. Aliás, caminhar por trilhas em busca de um contato há muito perdido nem ao menos se definiria por esporte, observadas as características deste último. Contudo, pouco depois de surgir, a caminhada por trilhas virou esporte, com competições entre *trekers*. Roupas, calçados e toda uma sorte de acessórios específicos para o *treking* foram criados, levando o caminhante a dar uma 'passadinha' nas lojas do ramo antes de entrar nas trilhas. Da mesma forma, os outros esportes ecológicos requerem algum investimento em equipamento, geralmente superior ao poder aquisitivo da maioria da população. O *surf* precisa,

***A maior parte destes esportes - só por serem esportes - já surgiram seguindo a lógica de produção e consumo de mercadorias do sistema capitalista.***

no mínimo, da prancha; a vela e o *rafting*, de um barco; o vôo-livre, da asa-delta; o *canyoning*, de cordas e peças especiais de alpinismo, e assim por diante. Pensamos que, para chamar um esporte de ecológico, não basta que o mesmo possibilite um maior e melhor contato entre o Ser Humano e ambientes dos quais a vida urbana o afastou. Aliás, para chamar um esporte de ecológico, ele mesmo deveria se revestir de novos valores, diferentes dos que hoje o caracterizam, uma vez que a Ecologia também rompe com os valores vigentes nas sociedades tais como as conhecemos.<sup>4</sup> Neste sentido, pensamos ser necessário refletir sobre alguns pontos básicos que deveriam ser atingidos para que uma prática corporal possa ser considerada ecológicamente correta. São eles:

- a) a *popularidade* da mesma, ou seja, o seu acesso pela maioria da população. Será correto definir como ecológica uma atividade limitada a pequenas parcelas da sociedade que podem pagar por ela?
- b) a *não existência de competição*. Se o objetivo das práticas corporais ecológicas é promover o reencontro apresentado mais acima, a competição rompe esta possibilidade, uma vez que seus participantes estarão ocupados em sobrepujar adversários, entre os quais, o próprio Meio-ambiente, desviando-se do objetivo primeiro. Será correto definir como ecológica uma atividade dirigida à competição entre Seres Humanos e a dominação do meio ambiente onde se realiza tal atividade?
- c) qualquer lugar ou espaço deveria ser utilizável para o desenvolvimento de uma prática corporal ecológica. Isto é uma consequência de nosso entendimento de Ecologia já explicitado. Os esportes convencionais dificilmente são praticados fora de instalações normatizadas. Da mesma forma, os atuais esportes ecológicos acontecem em ambientes distantes das ruas, das casas, dos

<sup>3</sup> *Treking*: caminhadas por trilhas em matas e florestas. *Rafting*: navegar por corredeiras de rios em barcos de borracha. *Canyoning*: descer através de cachoeiras utilizando equipamento de alpinismo e a técnica conhecida como rapel. Observe-se que todos esses esportes são conhecidos por suas designações em inglês, reforçando o domínio cultural dos países industrializados sobre os outros. Será ecologicamente correto não ter um termo próprio da língua local para designar tais atividades?

<sup>4</sup> Buscando contribuir nesta direção, não mais utilizaremos o termo 'esporte ecológico' neste ensaio. Sem pretender fechar a questão, usaremos o termo 'prática corporal ecológica'. Observe o leitor que, a partir de um entendimento universal de 'Ecologia', todas as práticas seriam ecológicas, mas por hora, vamos nos restringir ao termo apresentado para indicar apenas aquelas atividades hoje denominadas esportes ecológicos.

centros das cidades. Não será possível reencontrar o elo entre os seres humanos e os outros mesmo dentro de uma casa? Ou numa rua qualquer? E, finalmente,

d) a não exigência de técnica. Conquanto que já dissemos, há uma faceta dos esportes em geral e, portanto, também nos ecológicos, que ainda não foi pronunciada: a 'racionalidade' presente em todos eles. Assim como tem acontecido na maioria dos setores da atividade humana, também aqui, a técnica - seja ela na performance do praticante, seja pelos equipamentos utilizados - acaba por suplantam a própria atividade em si. O que importa, por exemplo, não é escalar uma montanha, mas escalar a montanha o mais rápido, mais ágil, mais vitorioso quanto possível. O prazer e a satisfação no desenrolar destes esportes exige, como requisito, a presença determinante da técnica. Nós, profissionais da área da Educação Física, estamos acostumados a encontrar pessoas que não gostam de praticar alguma forma de atividade física mais convencional, o esporte e a dança, por exemplo, pelo fato de não dominarem as técnicas de tais atividades. Partindo deste fato, podemos pressupor que muitas pessoas também não se dispõem a desenvolver as práticas corporais ecológicas por não dominarem as técnicas apropriadas. Assim, tal prática deveria dispensar a obrigatoriedade de uso de aparatos e de conhecimento técnicos.

Como se vê, discutir o potencial ecológico de uma atividade - no caso, esportiva - requer muito mais que uma discussão sobre sua inserção na lógica do sistema produtor e consumidor de mercadorias: requer um debate profundo sobre o ser humano e seu papel no Planeta. Debate este para o qual estas páginas não estão preparadas, o que não nos impede de apontar a necessidade do mesmo.

## PRÁTICAS CORPORAIS EM ASSOCIAÇÕES CLASSISTAS

O outro aspecto que gostaríamos de apontar para um início de debate, diz respeito a prática de atividades físico-desportivas em locais fechados, mais especificamente em associações e clubes de empresa (legalmente denominadas 'associações classistas').

Tais atividades são desenvolvidas por empregados de empresas e, às vezes, por seus familiares e, via de regra, caracterizadas como lazer. Numa época em que se ampliam os debates sobre a ocupação dos espaços, seja pelos que defendem o lazer como um direito do cidadão,<sup>5</sup> seja pelos que o entendem dentro de um discurso falacioso sobre qualidade de vida, as associações classistas constituem significativo tema de discussão. Além disso, se entendemos, como já explicitamos acima, que qualquer espaço possa ser palco de práticas corporais ecológicas, o tema ganha ainda mais importância.

Nos últimos anos, em nossos estudos, temos procurado investigar as relações que se estabelecem dentro destas entidades, especialmente as relações de dominação e alienação do trabalhador, pelo capital, através da oferta de um lazer estereotipado, do empregador para o empregado.

Percebemos, contudo, que nossos estudos, bem como da maioria dos investigadores do tema, relegam a questão ecológica. A partir desta observação, surgiram questões, as quais dividimos agora com o leitor:

a) num espaço onde se privilegiam as práticas esportivas convencionais e as competições, seria possível desenvolver alguma relação que transcendesse o uso passivo e indiscriminado de produtos e serviços, além da interiorização de valores típicos das sociedades de ordem sócio-econômica capitalista?

<sup>3</sup> *Treking*: caminhadas por trilhas em matas e florestas. *Rafting*: navegar por corredeiras de rios em barcos de borracha. *Canyoning*: descer através de cachoeiras utilizando equipamento de alpinismo e a técnica conhecida como rapel. Observe-se que todos esses esportes são conhecidos por suas designações em inglês, reforçando o domínio cultural dos países industrializados sobre os outros. Será ecologicamente correto não ter um termo próprio da língua local para designar tais atividades?

<sup>4</sup> Buscando contribuir nesta direção, não mais utilizaremos o termo 'esporte ecológico' neste ensaio. Sem pretender fechar a questão, usaremos o termo 'prática corporal ecológica'. Observe o leitor que, a partir de um entendimento universal de 'Ecologia', todas as práticas seriam ecológicas, mas por hora, vamos nos restringir ao termo apresentado para indicar apenas aquelas atividades hoje denominadas esportes ecológicos.

<sup>5</sup> Entendemos o espaço de lazer como sendo um espaço de resistência ao trabalho alienante e limitador das possibilidades humanas, com potencialidades no sentido de fazer emergirem novos valores (ou valores esquecidos) de cooperação e solidariedade.

b) Seria possível, nestas associações, construir uma relação pautada no respeito e harmonia entre Seres Humanos e entre estes e o que os cerca? O que temos visto, e também desenvolvido, são ações no sentido de propiciar ao trabalhador, pelo menos, uma maior autonomia na concepção, elaboração e execução das atividades que eles decidam realizar. Acreditamos ser necessário instaurar um debate que aponte estas associações como sendo um espaço propício para o desenvolvimento de práticas que levem o Ser Humano a perceber a Natureza dentro de si mesmo. Este pode ser um ponto de partida para que as pessoas entendam a exploração e o domínio que a Raça Humana tem promovido sobre si mesma e sobre todas as outras formas constituintes do Planeta. Ao perceber tal exploração, pode o Ser Humano, no caso específico, o trabalhador, também se perceber explorado e, assim, buscar novas relações. Ao verificar que existe uma clara distinção, historicamente construída, entre a Raça Humana e todas as outras, o trabalhador pode, também, perceber a distinção entre ricos e

***Seria possível, nestas associações, construir uma relação pautada no respeito e harmonia entre Seres Humanos e entre estes e o que os cerca?***

pobres, entre empregadores e empregados, entre senhores e escravos. É possível, acreditamos, que o trabalhador possa se afastar, através do desenvolvimento de atividades menos normatizadas dos valores predominantes das sociedades modernas: competição, sobrepujança, regras pré-determinadas etc., para caminhar na direção da cooperação e solidariedade, valores básicos para a instauração de uma nova ordem: a ordem da justiça, da igualdade e da fraternidade.

As colocações que acabamos de fazer têm dois objetivos: instaurar uma discussão que ultrapasse os limites do debate entre a Educação Física tradicional e a Educação Física, alguns anos atrás, denominada progressista; e, fundamentalmente, instigar os profissionais da área a ampliar seus olhares sobre as possibilidades de atuação no campo da Educação Física no que diz respeito, especialmente, ao seu papel no equilíbrio planetário. Não porque tenhamos que acompanhar a moda de falar em Ecologia, mas porque repensar o Ser Humano e sua função neste Planeta é tarefa de todos.

**ABSTRACT:** This paper present two points for a debate about Físic Education and Echology: the 'Echological sports' and 'Sport on the Works Associations'. The major objective is to debate his echological value.

## CBCE na Internet

Lembre-se, o CBCE pode ser contatado através da rede Internet. Anote nossos endereços:

- E-mail: [cbce@cds.ufsc.br](mailto:cbce@cds.ufsc.br)
- CBCE: <http://www.cds.ufsc.br/cbce/cbce.html>
- CONBRACE: <http://www.nib.unicamp.br/cev.cbce.conbrace97/html>



## “ESPORTE E LAZER NO MEIO AMBIENTE: O Programa Praias da Prefeitura Municipal de Montevideu - R. O. do Uruguai”<sup>1</sup>

Jorge Fernando Hermida<sup>2</sup>

**UNITERMOS:** Recreação; esporte comunitário; políticas públicas; meio ambiente; cidadania.

**RESUMO:** O presente artigo tem a finalidade de transmitir uma experiência recreativa e esportiva que vem se desenvolvendo desde 1991 nas praias da cidade de Montevideu. A partir da experiência de trabalho do autor, no verão dos anos 1995 e 1996, é analisada a relação que existe entre o Programa Praias e as temáticas de *meio ambiente* e *exercício da cidadania*.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a finalidade de transmitir aos leitores da Revista, uma experiência recreativa e esportiva que vem se desenvolvendo nas praias da cidade de Montevideu. Portanto, antes de tratar a temática, creio pertinente realizar, nesta fase preliminar, uma breve apresentação da cidade.

O Uruguai é um país de 3.000.000 de habitantes e 180.000 km<sup>2</sup>, localizado entre as grandes potências do continente latino-americano: a Argentina e o Brasil. A sua capital, Montevideu, situada no extremo sul do país, conta com uma bela costa marítima e com uma população de mais de 1.300.000 habitantes. A cidade é o principal centro financeiro, econômico, político, esportivo, social e cultural do país.

A população da cidade é -na sua ampla maioria- descendentes de imigrantes italianos e espanhóis, principalmente, e de outras coletividades européias. Essa característica da composição hereditária da população pode explicar o *porquê da intensa atividade clubística e esportiva* que existe hoje na sociedade montevidéana. Os colonos que chegaram até estes lares nos séculos XVIII e XIX trouxeram

consigo não somente seus pertences materiais, também suas diversas artes, enfim sua cultura, e nela aqueles passatempos “*esportivos*” e “*lúdicos*” tradicionais de seus países. Na cidade “se respira” esporte; as diversas modalidades esportivas e culturais que estão organizadas em clubes e são reconhecidas legalmente são aproximadamente 1.800. Um bom exemplo disso são os 48 clubes de Basquete que existem na cidade, filiados à Federação Uruguia de Basquetebol, e os 40 clubes que estão filiados à Associação Uruguia de Futebol<sup>3</sup> (1997).

Por último, é importante destacar que a cidade se caracteriza por ter numerosos “*espaços vazios*” (praças, parques e lugares de passeios públicos), que são utilizados sistematicamente nos momentos de ócio e de recreação pelos montevidéanos, sendo um dos principais e mais procurados as praias.

A importância da atividade recreativa e esportiva nas praias da cidade nem sempre tem sido definida como um fenômeno sociológico em si mesmo, uma vez que ela se enquadra dentro do comportamento global da sociedade uruguia. As praias de Montevideu têm sido historicamente um espaço democrático por excelência, no qual conver-

<sup>1</sup> Para a elaboração do presente artigo, me baseei em algumas temáticas já tratadas por HERMIDA et alii em “Una experiencia de Deporte Comunitario”, publicadas na revista NEXO SPORT em agosto de 1996, na cidade de Montevideu.

<sup>2</sup> Doutorando do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ex professor do Curso de Graduação do Instituto Superior de Educação Física. Maldonado, R.O. do Uruguay.

<sup>3</sup> Cabe aqui lembrar que em matéria de futebol, o Uruguai foi campeão Olímpico em 1924 (quando o referido esporte foi reconhecido como “olímpico” e teve a sua primeira participação como modalidade esportiva), e 1928; campeão da Copa do Mundo de seleções nos anos 1930 e 1950; e a cidade de Montevideu conta com dois clubes de reconhecida fama mundial: o Club Nacional de Football, tri-campeão da Taça Libertadores de América e Bi-campeão Mundial de Interclubes (1971 e 1986); e o Club Atlético Peñarol, cinco vezes campeão de América e três vezes ganhador do Mundial Interclubes.

gem pessoas de todos os estratos sociais e dos mais variados níveis culturais. Ali as pessoas se misturaram e participam sem se importarem com as origens de cada uma delas.

Tradicionalmente, as praias têm sido centro de diferentes atividades esportivas, sejam elas praticadas de maneira organizada, como também de forma espontânea e livre. A atividade esportiva e recreativa -com um forte conteúdo auto-gestionário- tem sido e segue sendo uma constante. Historicamente a criação de espaços esportivos por parte da população tem acontecido permanentemente na cultura física do país. O "fenômeno praias" está intimamente ligado à idiossincracia e maneiras de ser uruguaia, pois é na época do verão que a população requer a demanda massiva de atividades ao ar livre. Também o verão parece ser a época do ano -pelo menos nestas latitudes da América Latina-, onde "todos os males tem cura"; desde o excesso de peso até o estresse acumulado em todo um ano de trabalho ou estudo. Talvez seja essa uma das principais causas pelas quais temos uma grande participação nas atividades desenvolvidas.

Porém, essa intensa atividade recreativa desenvolvida pela população nos espaços livres e nas praias nem sempre mereceu a atenção e apoio dos governos municipais. As mudanças políticas acontecidas nas eleições municipais de 1989 permitiram, em conseqüência, o surgimento de novas políticas públicas em recreação e lazer.

## O SURGIMENTO DAS NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Até o ano 1989, a Prefeitura de Montevideu contava com assessores em matéria esportiva, que eram os encarregados de apoiar e patrocinar distintas atividades ou eventos, sem ter como finalidade a realização de um trabalho de campo direto. Com a ascensão da coligação de partidos "Frente Am-

plio"<sup>4</sup> ao Governo Departamental de Montevideu, criou-se em 1990 a Comissão de Educação Física, Esportes e Recreação (C.E.F.D.y R.), a qual se propôs realizar uma outra experiência, diferente da realizada até então, com o objetivo de aumentar não somente o apoio ao intenso movimento esportivo organizado existente na cidade, senão que também se propôs colocar em prática uma outra mentalidade, começando-se a apoiar, desde o ponto de vista técnico e material, o esporte não formal e comunitário.

A primeira proposta de trabalho comunitário elaborada pela comissão foi o "Programa Praias", criado em 1991. Sua principal finalidade foi o apoio às atividades recreativas e de lazer desenvolvidas até então de forma espontânea e o aproveitamento dos amplos espaços livres que ofereciam as praias da cidade para organizar as atividades com a comunidade. O programa vem sendo colocado em prática com êxito todos os anos, no verão, em toda a zona costeira de Montevideu. No planejamento e administração do programa colaboram também -mesmo sendo de maneira simbólica- o Comitê Olímpico Uruguaio e a Comissão Nacional de Educação Física.

Do ponto de vista programático, o Programa Praias encontra-se filosoficamente ligado a objetivos já delineados no

Programa de Esporte Comunitário e Bairral, que se desenvolve durante todo o ano. Esses objetivos apontam à priorização do trabalho comunitário em recreação, esporte e lazer com propostas adequadas às diferentes realidades encontradas na sociedade montevidiana. Seus três principais objetivos são: a) dinamizar a atividade esportiva e recreativa no bairro, com propostas elaboradas conjuntamente com os moradores, levando-se em consideração as realidades sociais, econômicas e culturais da comunidade; b) promover canais inter-institucionais que permitam gerar novos espaços (públicos ou privados) para o desenvolvimento da atividade recreativa e esportiva; e, c) criação e fomento de formas de organização e participação cidadã, que

<sup>4</sup> O Frente Amplio é uma co-ligação de partidos de esquerda, sendo os principais o Partido Comunista, o Partido Socialista, o Movimento Tupamaros, Partido Trotskista e diversas agrupações políticas de cidadãos independentes.

permitam canalizar inquietudes individuais e coletivas que tragam benefícios e se proponham contribuir ao melhoramento da qualidade de vida da comunidade, através da organização de atividades recreativas, esportivas, sociais e culturais.

Esses objetivos centrais contribuíram para o melhoramento e superação das diferentes políticas públicas surgidas no Programa Praias, onde a participação da cidadania foi fundamental. Foram várias as reformulações realizadas no programa, até delinear-se finalmente a identidade que hoje o caracteriza. Isso permitiu, em poucos anos de experiência, a conquista de uma infra-estrutura material, organizativa e programática, que permite hoje que o programa chegue a vastas camadas da população, de crianças até adultos, deficientes físicos e idosos. (HALTY et alii; 1996).

Em linhas gerais o Programa Praias tem hoje duas áreas de trabalho bem definidas: a) área lúdico-recreativa; e b) a esportiva. Na área lúdico-recreativa, a finalidade é atender as demandas da população através da organização de diversas atividades recreativas, grandes jogos, gincanas, etc., dirigidas preferencialmente a crianças, adolescentes e idosos. As diferentes atividades desenvolvidas nas praias são as elaboradas pela organização do programa e também aquelas sugeridas pela própria comunidade. Na área esportiva, as propostas apoiam-se naquelas atividades tradicionalmente auto-gestionárias desenvolvidas nas praias, tais como voleibol, organizando-se para isso uma infra-estrutura material básica, para que a população possa praticar esportes recreativamente. Como era de se esperar, o tradicional esporte dos uruguaios esteve sempre presente nas praias da cidade: o futebol. Praticado nas modalidades masculina e atualmente também na feminina.

O programa também presta atenção especial àqueles jogos tradicionais criados nas praias. É o exemplo do cabeça-gol. O jogo tem as seguintes características: é realizado na areia numa quadra de nove por nove metros aproximadamente, onde são colocados dois gols na linha final enfrentados entre si; as equipes se constituem em duplas ou individualmente; e tem como objetivo principal fazer o gol no arco rival, impulsando a bola somente com a cabeça.

O Programa Praias da Prefeitura Municipal de Montevideu é desenvolvido em todas as praias da cidade por 26 professores de Educação Física, 2

Coordenadores de Programa e um Coordenador Operativo; todos os cargos são preenchidos anualmente por concurso público.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Continuando, irei realizar algumas reflexões sobre o Programa Praias, tentando desvendar quais relações existem entre a proposta com as temáticas *meio ambiente e exercício da Cidadania*.

O Programa Praias é produto das novas políticas públicas surgidas no Governo de Montevideu a partir de 1989. Dentre outras coisas, as novas políticas elaboradas em recreação, lazer e esporte na comunidade têm, como preocupação central, a valorização dos numerosos espaços públicos vazios existentes na cidade. Essa valorização dos espaços públicos para o lazer da população se enquadra dentro da política geral adotada pelas autoridades municipais de valorização e recuperação do rico patrimônio arquitetônico e natural da cidade. Dentre as políticas mais destacadas, encontram-se o melhoramento e re-organização das diferentes praças e parques; a recuperação do patrimônio histórico e cultural da cidade, através da restauração de antigos edifícios e monumentos de grande valor arquitetônico; e a valorização do meio ambiente das praias da cidade. Nas tarefas de recuperação das praias, foram desenvolvidas campanhas educativas sobre a limpeza e bom uso das mesmas. Foi feito um trabalho de despoluição e saneamento de suas águas e atualmente todas as praias da cidade são próprias para banho.

Em linha geral, se percebe que existe uma preocupação na atual Administração Municipal para que os espaços "cheios" e "vazios" da cidade tenham uma convivência complementar no espaço urbano da cidade. Essa preocupação coincide com as idéias explicitadas por DE PELLEGRINI, pois a autora chama a atenção que na convivência, os espaços urbanos da cidade estão "... *impregnados de significados, trazendo certas implicações para a vida dos cidadãos, inclusive para o lazer enquanto esfera de atuação humana.*" (DE PELLEGRINI; In MARCELLINO; 1996:32).

Outro dos objetivos fundamentais do Programa Praias é a *participação da cidadania*, entendendo esta como a "... *competência humana de fu-*

zer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada.” (DEMO, 1995;1)<sup>5</sup> O Programa Praias tenta desenvolver suas atividades levando em consideração as quatro características que DEMO considera essenciais para um trabalho comunitário significativo: -a representatividade; -a legitimidade; -a participação da base e o -planejamento participativo auto-sustentado (1994b).

O objetivo principal do programa é a participação da Cidadania -neste caso específico através da recreação e do esporte- no processo histórico de conquista de sua auto-promoção. É a partir da participação comunitária que o cidadão vai alcançar o caminho que tem como finalidade metas tais como a auto-gestão, a participação democrática, a liberdade e a convivência comum. Nesta linha de pensamento, concordamos com DEMO, quando o autor descreve o fenômeno participativo da seguinte maneira: “Com efeito, participação é o processo histórico de conquista da autopromoção. É a melhor obra de arte do homem em sua história, porque a história que vale a pena é a participativa, ou seja, com o teor menor possível de desigualdade, de exploração, de mercantilização, de opressão.” (1994a; 25). Sem deixar de lado o fenômeno econômico que rege e determina atualmente o sistema democrático de governo do Uruguai, coincidimos com DEMO que “A arte qualitativa do homem é a sociedade desejável que ele é capaz de criar. É isto passa necessariamente pela participação.” (1994a; 25).

Nesta perspectiva, a idéia é que a participação da Cidadania -através da recreação e o esporte-, seja uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura, tendo como finalidade numa perspectiva gramsciana, aumentar as possibilidades de atuação na vida cultural, estabelecendo um vínculo orgânico com a comunidade para a busca de uma participação cultural efetiva. (MARCELLINO, 1990). Para alcançar essa meta, vem-se priorizando a idéia de identidade cultural comunitária, como força aglutinadora de um grupo humano que busca sua auto-determinação, “...superando sua condição de massa de manobra.” (DEMO, 1990; 26). Chamamos aqui iden-

tidade cultural àquelas formas de manifestação de uma comunidade através de sua linguagem em comum, suas celebrações e festas, suas expressões artísticas, lúdicas e esportivas dentre outras. A identidade cultural é uma obra essencialmente imaterial e intensa, onde está condensada a sabedoria histórica do grupo, não sua ciência (DEMO; 1994a).

**Participação e identidade cultural comunitária** são os dois pilares que sustentam à proposta de trabalho na comunidade. A intenção é poder contribuir, através da recreação e do esporte, para o melhoramento da qualidade de vida, da cidadania. Ao referirmo-nos a este tema, não fazemos menção somente aos benefícios que tradicionalmente emergem da prática de atividades esportivas. Também referimo-nos à qualidade de vida na seguinte perspectiva: “Qualidade é estilo cultural, mais que tecnológico; artístico, mais que produtivo;

lúdico, mais que eficiente; sábio, mais que científico. Não se é feliz sem a esfera do ter, mas é principalmente uma questão de ser. Não é a conquista de uma mina de ouro que nos faria ricos, mas sobretudo a conquista de nossas potencialidades próprias, de nossa capacidade de autodeterminação, do espaço de criação. É o exercício da competência-política.” (DEMO, 1994b; 45).

Admitimos a existência de qualidade na realidade histórica e social. Nossa hipótese de trabalho é que a qualidade de vida da comunidade vai ser alcançada de forma conjunta ao conseguir-se os dois tipos de qualidade possíveis: a formal e a política. A primeira, quando nos referimos aos instrumentos e métodos; a segunda, relacionada aos fins e conteúdos. É importante destacar que uma não é nem mais importante nem inferior à outra. Cada uma delas tem perspectiva própria (DEMO, 1994b).

Procura-se qualidade de vida formal quando o Programa se propõe obter espaços físicos na comunidade para a montagem de complexos recreativos e esportivos; quando oferecemos os materiais didáticos essenciais para a prática esportiva. A qualidade formal é praticável sob bases materiais e quantitativas. Também se procura qualidade

<sup>5</sup> Destaques do autor.

política quando o Programa refere-se a conteúdos culturais; ela é, em conseqüência, histórica: "... qualidade política é aquela que trata dos conteúdos da vida humana e sua perfeição é a arte de viver." (1994b; 40-41). Qualidade política é aquela onde o homem é ator e criador de si mesmo: "Refere-se ao relacionamento do homem com a natureza. (...) Refere-se igualmente ao relacionamento do homem com o homem, no interior do fenômeno do poder...." (1994b; 41). Assim sendo, a qualidade política tem o que é criado pelo homem na sua história e na sua cultura.

Acredito que o exercício da cidadania é um fator de progresso. Pode-se constatar que hoje existe uma preocupação "mais humana" em torno da idéia de desenvolvimento<sup>6</sup>, a qual não se esgota estritamente em questões tradicionais de "mercado". Ela ressalta à cidadania como a raiz dos direitos humanos. No Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), as nações são avaliadas através de indicadores considerados hoje como prioritários: expectativa de vida ao nascer; média de anos de escolaridade; índice de alfabetização; PIB real ajustado *per capita* (U\$) dentre outros. Na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos realizada em Viena em 1993, considerou-se a cidadania como requisito essencial para o combate à miséria econômica. Nessa perspectiva, é no exercício de uma cidadania plena que se poderá encontrar as raízes para o progresso com que tanto sonha nossa América Latina.

## BIBLIOGRAFIA

- BARRÁN, J. P. "Historia de las sensibilidades. La Cultura Bárbara." Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Historia de las sensibilidades. El Disciplinamiento." Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1994.
- DEMO, P. "Avaliação Qualitativa." Campinas: Autores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Pobreza Política." Campinas: Autores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Cidadania tutelada e cidadania assistida". Campinas: Autores Associados, 1995.
- ENIS, D. "El Cuerepo Enseñado." Buenos Aires: Paidós Editores, 1980.
- HERMIDA et alii. "Uma experiencia de Deporte Comunitario". Revista NEXO SPORT N.164. Montevideo, 1996.
- HALTY, G. et alii. "Una experiencia de Arena, Sol, Agua y Gente." Separata de la C. E. F. D. y R. de la I. M. M. Montevideo, 1996.
- MARCELLINO, N. C. "Pedagogia da Animação." 3.edição. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. "Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das Prefeituras". Campinas: Autores Associados, 1996.

**KEYWORDS:** Leisure; community sport; public policy; environment; citizenship.

**ABSTRACT:** In this article we intend to show a work that is being developed since 1991: a experience about both sports and leisure, in the Montevideo city beaches. We also analyze the relation between the Beach Program and the themes of environment and citizenship exercise, from the author work experience in the 1995 - 1996 summers.

<sup>6</sup> Segundo esses indicadores já utilizados no Relatório de Desenvolvimento Humano realizado pela ONU em 1994, o URUGUAI ocupa o lugar número 33 (a melhor colocação latinoamericana), e o BRASIL o 63; tendo-se o CANADÁ ocupando o primeiro lugar. (DEMO, 1995).

# PROJETO ALFABETIZAÇÃO CORPORAL\*

José Ricardo Silva Ramos\*\*

*UNITERMO:* alfabetização.

*RESUMO:* O tema aqui abordado como Projeto Alfabetização Corporal, se configura como relato de uma experiência pedagógica de um professor de Educação Física de CA a 4ª série da Rede Municipal de Ensino de São Gonçalo (RJ). Este trabalho é fruto de uma busca permanente em produzir uma ação pedagógica com sentido, onde o corpo manifeste possibilidades indivisíveis nas relações travadas com o que se aprende dentro e fora da escola. O relato desenvolveu-se a partir de orientações e regulamentações prescritas pelo Concurso Prêmio MEC incentivo à Educação Fundamental. Valendo-nos dessas informações buscamos proposições discutidas e refletidas no curso de Especialização em Alfabetização de Crianças das Classes Populares (UFF) e no Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada UERJ, na literatura especializada e em diversos trabalhos de pesquisa desenvolvidos e orientados pelas professoras dos cursos acima citados.

## PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO CORPORAL

O presente trabalho partiu de minha experiência, em escola pública, enquanto professor de Educação Física. É fruto da minha busca por produzir, juntamente com alunos e professores de classe, um trabalho corporal significativo e com sentido, com o objetivo de incorporar à Alfabetização atividades lúdicas pertencentes ao universo infantil.

Com o objetivo de construir um saber corporal, como prática pedagógica, que aponte para a superação da dicotomia entre o saber mental e o saber corporal; elaborei esta proposta, que pretende instigar a necessidade de compreender o corpo, não mais como simples transportador da mente, ou distante da realidade concreta que nele se faz, mas integrado, inteiro, manifestando possibilidades indivisíveis nas relações travadas com o que se aprende dentro e fora da escola. A Educação Física, então, ultrapassa a perspectiva utilitária que lhe imputam e assume sua dimensão histórica ao incorporar à linguagem do corpo os aspectos afetivos-sociais, cognitivos e culturais junto com as demais disciplinas.

Considerando a interdisciplinaridade como um componente indispensável ao ensino-aprendizagem e conhecimento no cotidiano da escola, penso que, através da apreensão do conhecimento elaborado e na cultura corporal (trabalhada de forma prazerosa, lúdica e contextualizada), os alunos encontrem possibilidades de construir novos sentidos à aprendizagem.

Partindo da perspectiva sócio-interacionista, e entendendo a interação como inerente às relações humanas (as relações dialógicas, estabelecidas pelo movimento de interação e interlocução entre os professores/disciplinas) - procuro intervir no processo ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno externalizar seu pensamento e se expressar corporalmente.

Para se viabilizar uma proposta-pedagógica emergente, a mudança tem que se traduzir em ações concretas. Nesse sentido, a discussão sobre a Alfabetização Corporal, ganha sentido e importância nas atividades contextualizadas que surgem a partir da necessidade e interesse do aluno. Esta atitude pedagógica propõe a intervenção na estrutura, nos valores e na cultura que se materializa na escola. Esta deve considerar que a socialização/

\* Prêmio MEC Educação Fundamental. Este projeto foi orientado por Carmem Lúcia Vidal Perez - Professora da Universidade Federal Fluminense - UFF.

\*\* Pós Graduado em Alfabetização UFF. Especialista em Linguística Aplicada UERJ. Mestrando em Educação Física UGF/Bolsista do CNPQ.

vivência deve ser a mais plena possível. Para isso, deve-se criar novos tempos-espacos e novas formas de fazer emergir as vivências sócio-culturais dos alunos. Nossa escola deve avançar na recuperação de sua função de espaço público privilegiado para as manifestações de conhecimentos, das experiências históricas e culturais da criança.

A motricidade, dimensão narrativa corporal, parte de um princípio de ligação do saber escolar, ou conhecimento científico, com atividades motoras, jogos ou brincadeiras que os alunos conhecem e presenciam. Esta contraposição de saberes é conflituosa, ainda que a criança traga para a escola seu maior conhecimento, que é a linguagem corporal especificada ao tempo que se dedicou a brincadeiras. A função da escola estaria em permitir ao aluno identificar o que já sabe e não ignorar esse conhecimento. A partir do que o aluno conhece de brincadeiras, este saber receberia o "tratamento" de escola, ampliado e incorporado à linguagem universal elaborada. Aplicado à matemática, às ciências biológicas e sociais, este conhecimento, voltaria ao aluno, de forma sistematizada, reelaborado agora de forma significativa por ter sido conquistado a partir de experiências e necessidades.

Numa perspectiva essencialmente dialógica a relação entre professor e aluno se dá, em parceria, na produção do conhecimento. Nesta deve ser reconhecida a expressão vivida e a reflexão corporal da qual foi produzido.

A Educação Física, no contexto histórico do sistema educacional, é caracterizada como atividade que, por meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais e cívicas. Adotada por um paradigma militarista, esta disciplina, no Brasil, não conseguiu libertar-se, no quadro geral da educação brasileira, como uma das linguagens que constituem o universo simbólico do aluno, como uma linguagem que se articula com outras linguagens. É essa articulação que deve ser explorada no ensino das linguagens ditas "nobres", na cultura historicamente construída, ou mesmo na apropriação do conhecimento da cultura corporal.

No interior da sala de aula, qualquer que seja a disciplina, aos alunos é imposto assistir as aulas

sentados, presos às carteiras, em silêncio. Esta é uma orientação tradicional do corpo, a qual os alunos são submetidos ao começarem a vida escolar. Orientação que se caracteriza pela dicotomia mente e corpo, onde o corpo deve se comportar numa posição de imobilidade, para que seja apreendido o conhecimento racional-mental. Desta maneira, repete-se a orientação das escolas medievais que propunham impor, ao corpo, a submissão e disciplina do modelo político-ideológico de então.

***O nosso objetivo deve ser o de orientar a linguagem motora do aluno, de modo que ele reflita sobre o seu movimento. (...) Através da narração dos seus movimentos, devolve-se a voz ao aluno, a quem, historicamente, é negado o direito de manifestar a sua linguagem.***

O que me permite a proposição de um parecer inverso, ao que tem sido reproduzido em nossas salas de aula, e a análise das atividades corporais dos alunos fora desse espaço, no recreio. Neste período reservado ao descanso entre as aulas do dia, a orientação das atividades, que parte dos alunos, é a da liberdade para brincar, se movi-

mentar, conversar e se organizar em grupos de brinquedos (jogos) comuns. Este período é usado, também, com o tempo destinado à merenda, às necessidades fisiológicas, controladas pela coordenação de disciplina. Percebendo as contraposições de atitudes do alunato durante o período diário das aulas, resta ao professor de Educação Física orientar os nossos alunos nas atividades corporais, com muito investimento de motricidade, para compen-sar a opressão de movimentos após suspensão momentânea do trabalho em sala de aula.

O nosso objetivo deve ser o de orientar a linguagem motora do aluno, de modo que ele reflita sobre o seu movimento. Para isso, os alunos são orientados, de forma lúdica, enfocando a língua, a sua oralidade, sua crítica, enfim, o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores. Através da narração dos seus movimentos, devolve-se a voz ao aluno, a quem, historicamente, é negado o direito de manifestar a sua linguagem.

Luria (1987, 22) denominou de *simpraxismo*, formulando uma teoria sobre o entrelaçamento da linguagem com a motricidade, até a separação na busca da linguagem como sistema de signos e por seus significados. Fernandes (1994) vem pesquisando a presença do *simpraxismo* com diferentes características, de acordo com a faixa etária estudada, visto que o caráter *simpráxico* está fortemente ligado à

ação corporal, quando as crianças descrevem suas brincadeiras com movimentos corporais narrando corporalmente.

O aluno não pode ser apenas aquele que executa tarefas solicitadas pelo professor, ou aquele que demonstra, através da oralidade, o seu desempenho motor. O aluno é mais do que isso. Ele é a linguagem.

## CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AOS ALUNOS PARA DESENVOLVER AS ATIVIDADES PROPOSTAS

A escola, enquanto sistematizadora e transmissora de conhecimento, deve fazê-lo chegar ao aluno, através de sua participação ativa e consciente no processo de aprendizado. Parto do pressuposto de que, quando a criança chega à escola, já traz conhecimentos prévios, como competência corporal, que lhe permite interagir com colegas e professores. A aprendizagem da criança, no seu meio social, é anterior à aprendizagem escolar. Seus movimentos são dotados de sentidos, direta ou indiretamente ligados a suas atividades contextuais, onde ela mesma, como sujeito, constrói sua ação e sua própria consciência em interação com a sociedade na qual está inserida. Com relação a isto, Regina Leite Garcia afirma:

*Para nós, alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimentos inerentes a todo ser humano [...] Não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, como querem alguns, mas vem acontecendo desde que a criança nasce. (Garcia, 1993, pps. 10-11)*

No que diz respeito às diferentes formas de linguagem, em que consiste o universo simbólico, que devemos inserir na aprendizagem escolar, a dimensão semiótica estaria presente em cada situação. O gesto, as atitudes corporais, a teatralidade, as brincadeiras, a fantasia tem muita importância

enquanto suporte de uma aprendizagem com sentido. É o sentido que prevalece sobre a aprendizagem escolar - um sentido que emerge das circunstâncias, da interação e da interlocução. E o sentido constitui um favorável ambiente alfabetizador: traz vida à escola.

Na história, que jamais se vê acabada, pelo resgate de uma memória reconstrutora das experiências significativas do passado, da rememoração, fica, então, destacada a centralidade da linguagem. Linguagem que é intrínseca à própria história, já que o discurso histórico é sempre narrativa. Deve-se recuperar a capacidade do aluno de tornar suas experiências comunicáveis, privilegiando a expressão e comunicação.

A partir do que o aluno sabe de si mesmo e do seu universo social fora da escola, forma-se o seu bloco histórico, que deve ser resgatado, ampliado e sistematizado. E, todos nós sabemos que, o maior conhecimento da criança, quando chega à escola é a linguagem corporal - a criança brinca, canta, dança, joga futebol, brinca de pique, amarelinha, corda etc. De posse desse conhecimento, não poderíamos incorporar esta cultura corporal infantil, como componente curricular, como estratégia pedagógica, na alfabetização de nossas crianças.

De posse desse conhecimento, não poderíamos incorporar esta cultura corporal infantil, como componente curricular, como estratégia pedagógica, na alfabetização de nossas crianças.

O desinteresse da criança pela escola é responsabilizado pelo fracasso escolar e este a leva às fileiras dos excluídos sociais. Penso que os conhecimentos construídos na escola devem estar vinculados à vida social do aluno. Devem ser desenvolvidos a partir de sua realidade e experiência para que a vida escolar tenha sentido e objetivo, para este aluno, nesta sociedade excludente.

A principal meta deste processo é permitir ao aluno fazer-se sujeito de sua aprendizagem, de torná-lo autônomo. As pistas para alcançar este objetivo são o conhecimento, que está apenas parcialmente obscuro que pode emergir, garantindo aos alunos o aprendizado, e tornando-os autores deste.

Falar de alfabetização corporal, primeiro, é desconstruir a idéia equivocada de Alfabetização como apenas um caminho para a aquisição de um determinado código. Não estou me remetendo so-



## TAREFAS SOLICITADAS AOS ALUNOS COM JUSTIFICATIVAS

Percebendo a existência do permanente diálogo no discurso interno do aluno, que é povoado por diversas vozes, aprendidas e construídas pela criança no seu cotidiano, e fundamentando minha ação na teoria sócio-interacionista para endossar esta minha proposta e desenvolver tarefas junto aos alunos, em cada atividade, o professor de Educação Física e a professora de classe trabalham junto com o aluno, incorporando o diálogo para a co-construção do saber. O professor é o articulador deste processo, ajudando seus alunos a participarem de um método de aprendizagem onde a ludicidade é necessária para a aquisição do conhecimento. Nesta teoria, o professor tem o papel de criador de zonas de desenvolvimento proximais, dialogando com os alunos, ajudando-os a buscarem, nos seus discursos intrapsíquicos, os conhecimentos em variações ou combinações criativas, e reformulando sua própria vida interior, através da narração.

A ação dos professores é fundamental. As relações de narração dialógica mostram-nos situações de cooperação no momento de sistematização dos conhecimentos espontâneos da criança e, através da utilização da linguagem verbal para registro dos movimentos, mostra-se uma das funções da língua: a de cognição. Os alunos, desta forma aprendem, com liberdade de expressão, a socializar os seus conhecimentos usando a língua como uma dessas possibilidades.

Todas as tarefas partem da cultura infantil, sempre se tratando de brinquedo, de um jogo, de uma história infantil. Para as crianças de Alfa à 4ª séries estas atividades estão impregnadas de sentido. As produções corporais e intelectuais, desta clientela, se fazem pelo corpo: são produções corporais.

As justificativas das tarefas, que proponho, passam por atividades contextualizadas que, com sentido, não podem estar dissociadas da própria cultura do aluno. O objetivo pedagógico é a apreensão

mente à aprendizagem de uma escrita e leitura socialmente compreensíveis, nem a uma aprendizagem que sempre comece do zero. Pelo contrário, ensinar a alguém o mundo das linguagens universais é, primeiramente, considerar que a aprendizagem escolar é precedida por um enorme conhecimento corporal - linguagem privada do corpo infantil - que deve se tornar pública e universal pela aquisição de linguagens elaboradas na escola e, também, permitir seu acesso à cultura corporal patrimônio da história: o futebol, o handebol, a dança etc.

Conforme o mencionado acima, sobre conhecimento da cultura corporal, a seleção do saber escolar exige coerência com a leitura da realidade da criança. São considerados assim, como próprios da cultura infantil, jogos e brincadeiras como amarelinha, corda, roda, elástico e outros que são executados por jovens e crianças das mais variadas idades e segmentos sociais. As habilidades motoras, primeiramente, são conteúdo da cultura corporal, historicamente construída no saber popular. Por outro lado são "conceitos intuitivos" que permitem aos alunos adquirirem outros conhecimentos que ainda não detêm.

A justaposição do conhecimento corporal (conhecimento espontâneo) com o conhecimento elaborado, selecionado pela escola, é fundamental para que, ao longo da escolarização, se provoque, no aluno, o ultrapassar do conhecimento intuitivo de modo que esse seja capaz de construir formas mais elaboradas de pensamento. Não se trata de oposição entre o senso comum e o conhecimento sistematizado, mas de uma relação de continuidade, ao mesmo tempo que interrelacionada, entre conhecimento imediato e conhecimento elaborado. Desta forma, a proposta deste trabalho é criar possibilidades do aluno ter acesso aos diferentes âmbitos científicos. Permeada por fundamentos significativos, a aprendizagem conduz a novas combinações criativas, onde o professor pode variar, para níveis mais elevados, cada situação equilibrada: pode promover verbalizações entre os alunos; pode solicitar descrições de atividades aos praticantes; pode inventariar, com os estudantes, as ações realizadas.

***Não se trata de oposição entre o senso comum e o conhecimento sistematizado, mas de uma relação de continuidade, ao mesmo tempo que interrelacionada, entre conhecimento imediato e conhecimento elaborado.***

são da totalidade que compreende o saber cultural e o saber escolar. Deve-se permitir ao aluno que realize e faça novas descobertas que favoreçam a conquista da cultura elaborada. No caso das operações lógicas matemáticas, desenhos ou conhecimentos da cultura corporal podem ser apreendidos através de atividades como corrida, arremessos, saltos, por exemplo. Isso tudo, dentro do contexto do brinqueado e não de forma isolada.

As nossas tarefas têm, como um dos objetivos principais, promover o desempenho cognitivo dos alunos de modo corporal, sempre na dependência de interações que elas estabelecem com o seu mundo, o mundo adulto e a escola. As atividades não são escolhidas aleatoriamente, e sim pelos alunos, com a ajuda do professor, que é quem deve combinar seus efeitos de modo que resulte satisfatoriamente, quanto aos seus objetivos pedagógicos.

Todo esse processo metodológico, via temas da cultura corporal, pode ser contemplado em cinco etapas explicativas descritas a seguir:

## **Estudo da realidade**

Apresentação e conversação, com os alunos, sobre as noções e conhecimentos da temática corporal solicitada. Resgate do conhecimento do aluno, as suas possibilidades individuais, sem negar interesses e motivações diferenciadas. Deve-se deixar que o aluno coloque sua visão ou a do grupo social com o qual convive.

## **Organização do conhecimento**

É o momento da sistematização mais elaborada do conhecimento corporal:

- Que fundamentos significativos posso enfatizar?
- Qual o fundamento significativo prioritário?
- Que conceitos serão aprendidos?
- Posso utilizar combinações criativas?
- Qual a relação que este brinqueado tem com outro campo do conhecimento humano?

## **Aplicação do conhecimento**

Nesta etapa, procura-se garantir a volta do conhecimento corporal, mais sistematizado, numa linguagem escolar, para o contexto social do aluno, com:

- Uma visão ampliada de mundo do aluno;
- Uma re-admiração natural e social do conhecimento apropriado.

Ao elaborar este esquema, temos o objetivo de fornecer algumas pistas de integração de possíveis temas da cultura e do saber escolar.

## **Outras relações com o conhecimento**

Nas tarefas solicitadas, desenvolve-se um trabalho de experimentação, na ótica da interdisciplinaridade, inter-relacionando o brinqueado com o conhecimento institucional, na busca de uma unidade de ação. Isto significa que as professoras de classe devem estar envolvidas no projeto pedagógico de Alfabetização Corporal.

## **Alguns recortes**

Podem ser reconhecidos como indicadores de algum conteúdo disciplinar, determinando um sinal claramente observado na matéria escolar. Esses recortes buscam fragmento dentro da totalidade interdisciplinar, algumas conseqüências que podemos levantar como hipóteses no processo de aprendizagem do aluno. (ver esquema)

Embora, de maneira fiel, não tenha sido possível descrever o trabalho que venho desenvolvendo na escola que trabalho, devo dizer que as tarefas foram feitas por todas as crianças, quando realizavam suas aulas de Educação Física.

Procurando estabelecer o vínculo teoria e prática, procurei, através do esquema esclarecedor, descrever o procedimento que deve seguir o professor, interessado em aplicar a proposta da Alfabetização Corporal, junto a seus alunos. Portanto, penso que este esquema é a descrição do que podia ser descrito. Neste sentido, o esquema esclarecedor mostra-nos como cheguei à descrição dos acontecimentos, turma por turma, para alcançar as reduções do trabalho e representar o aspecto qualitativo deste projeto.

## ESQUEMA ESCLARECEDOR DAS ATIVIDADES SOLICITADAS

TAREFAS SOLICITADAS	FUNDAM. SIGNIFICAT. FUNDAM. PRIORITÁRIO (*)	DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO: COMBINAÇ. CRIAT./ NOVAS APRENDIZ.	OUTRAS RELAÇÕES COM O CONHECIMENTO	CONHECIMENTO UNIVERSAL	ALGUNS RECORTES
Piques	Espaço-Tempo Equilíbrio Estático, dinâmico Percepção do Corpo em Deslocamento, percepção corporal Agilidade	Pique-tá, Pique-cola, elefantinho, avestruz, tartaruga, Pique-corrente, Gato, Rato, Cachorro, Nunca 2, Nunca 3, Rabinho, Pique Cronometrado, Meus pintinhos Formação de grupos	Possibilidade de movimentos dinâmicos Sentir e perceber o corpo em diferentes espaços Expressar animais Relações interpessoais e grupais	Matemática	Números Soma, Divisão Conjunto
Amarelinha	Coorden. espacial Coorden. óculo-manual Coorden. óculo-pedal Lateralidade(*) Coorden. Motora Fina	Jogo normal Desenhando um símbolo Batendo palmas Iniciar com o pé; terminar com outro pé; apagar com o pé ou com os dois pés juntos Jogo dos opostos	Noções lógicas Classificação, Seriação, Reversibilidade, Conversação e Raciocínio	Matemática Português Atletismo Handebol	Figuras Geométricas Números, Símbolos e Letras Saltar, Lançar, Arremessar Corridas Ritmos
Futebol	Coorden. óculo-pedal Coorden. Motora Fina Esquema e Dinâmica Corporal Lateralidade Espaço/Tempo Controlo do corpo	Com teste vai-e-volta Com passes de coxa, cabeça ou com o pé (em colunas) Bola ao alvo Bobo não sou	Cultura do povo Brasileiro Monopólio masculino, sexismo, preconceito Auto-organização, autonomia, competição, distância Equilíbrio emocional, discriminação, regras, tipo de solo	Ciências Estudos-sociais	Peso, Volume Cores Passes, Chutes
Cantigas Populares	Espaço-tempo Lateralidade, ritmo Percepção auditiva	Mazu, Periquito maracanã, A linda rosa juvenil, Escravos de Jô, Na loja do Mestre André, Um homem vinha pela estrada, Dó é pena de alguém	Direção espacial Aproximação temporal Movimentos alternados Relações grupais	História Artes Música	Tradições folclóricas Teatro Instrumentos e notas musicais
Elástico	Coorden. espacial, óculo-pedal Esquema corporal, lateralidade, controle do corpo	Saltar no elástico distante, aumentando, baixo Aumentar o espaço físico, saltar com sílabas	Equilíbrio emocional	Português Matemática	Letras, símbolos e números
Corda	Coordenação Espaço-temporal(*) Velocidade Equilíbrio dinâmico Ritmo Lateralidade Resistência/Força	Correr e saltar de frente, de costas, de lado, em dupla, passar pela corda Passar com maior velocidade; saltar um determinado número; sair por um lado ou pelo lado oposto; sair em dupla, três ou quatro Bater a corda ao contrário, no sentido da criança ou com giros e deslocamentos	Cognição, Socialização, Trabalho Coletivo, Seriação, Atenção, Memorização, Auto-organização	Atletismo Matemática Português	Salto em altura Números, Letras Alfabeto, Sílabas Sentenças, Orações

## RESULTADOS E PRODUÇÃO DO ALUNO

Ao considerar as relações das atividades corporais com o conhecimento universal, ampliamos fontes de informações e os níveis dessas relações. Isto significa que, além do aluno ser educado para a cultura corporal, ele pode apreender o conhecimento elaborado. Pode-se citar, como exemplo, a brincadeira da amarelinha que, quando realizada no jogo dos contrários, pode permitir a compreensão da aprendizagem de operações lógicas matemáticas através da cultura corporal. Desta forma permite-se a aquisição do conhecimento matemático em situação lúdica, de jogo.

A avaliação deve ser registrada cumulativamente, durante todas as partes da aula, onde o professor e os alunos sistematizam os conhecimentos espontâneos, coletando informações, em forma de erros e acertos, no processo de alfabetizar através do corpo. Erros e acertos compõem o processo de aprendizagem e fazem parte da construção do domínio de novos conhecimentos, habilidades e conhecimentos universais.

Na preparação de tarefas, que são brinquedos próprios da cultura popular (amarelinha, corda, futebol, bola de gude, pique, elástico, queimada, jogos sensoriais e atividades com bolas etc), deve-se levar em conta os seus fundamentos significativos, que estão presentes na brincadeira. É preciso planejar diversas combinações criativas, para aumentar o nível de complexidade do brinquedo e reelaborar novas construções de conhecimento. Diversos recursos de outros conhecimentos, ligados à cultura corporal e à cultura elaborada, podem surgir na interdisciplinaridade dos temas. Nos vários momentos da aula, através das atividades solicitadas, é preciso que se busque "outras relações com o conhecimento", a partir da organização dos dados constatados. O professor e o aluno discutem a elaboração de novas combinações sobre o conteúdo tratado, verbalmente, e fazem atividades corporais, apreciações pessoais sobre a aula.

## AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO ALUNO

Toda avaliação deve considerar a reflexão de um projeto pedagógico constituído na interação, nos erros e acertos, na tarefa em movimento, nas sinalizações relevantes, que o aluno pode cons-

truir. Nesta perspectiva de avaliação se revelam a variedade de conquistas interdisciplinares articuladas aos movimentos propriamente ditos, a cultura corporal, a sistematização dos conteúdos por parte dos professores e a aprendizagem do conhecimento corporal.

A prática de tal processo de avaliação pressupõe evitar o reducionismo de um universo meramente classificatório, onde existam alunos "mais" ou "menos" capazes para a realização das tarefas. O sentido desta avaliação, nesta proposta de ensino-aprendizagem de conhecimentos corporais elaborados e culturais, é fazer da Alfabetização Corporal uma referência de aproximação de conhecimentos, tidos como estanques, e servir como suporte do eixo curricular que norteia um projeto pedagógico.

A avaliação da Educação Física deve estar articulada com as disciplinas de classe, por ter pontos comuns do conhecimento universal, estando referenciada nas tarefas solicitadas. As considerações de que o processo de ensino-aprendizagem das tarefas solicitadas envolve aspectos de conhecimentos, habilidades e atitudes, levando-se em conta as condutas afetivas e cognitivas dos alunos nas suas mais diversas manifestações, têm a cultura elaborada e a cultura corporal como finalidades. Nesta perspectiva a avaliação deve superar algumas práticas mecânicas, como selecionar alunos, dar notas, selecionar talentos. No meu entender, a aprendizagem e o ensino devem informar e orientar o aluno para a melhoria do seu processo de construção de conhecimento, e deve estar adequada ao ritmo de aprendizagem da turma e do aluno. A nota, assim, torna-se o resultado da constatação da aproximação ou distanciamento do objetivo que deve ser alcançado na realização das tarefas. Leva-se em conta as relações que o aluno faz com outros conhecimentos e não deve, a avaliação, representar prêmio ou castigo.

## CONCLUINDO...

Podemos dizer que, experimentamos uma outra Alfabetização baseada na perspectiva da cultura corporal, tendo a Educação Física como uma prática educacional central no processo de Alfabetização. Resgato os aspectos subjetivos em relação a cultura corporal, jogos e brinquedos do cotidiano de crianças das classes populares como atividades geradoras que articulam interdisciplinarmente com as disciplinas da cultura escolarizada. Faço isto através de uma leitura da realidade dos alunos, de

acordo com as suas condições materiais de vida, com suas diversidades culturais, contradições etc.

Precisamos discutir Alfabetização e desconstruir o conceito de alfabetização como instrumentalização das crianças à linguagem escrita ou verbal. Como mostra Garcia (1993), o fracasso escolar se deve, por um lado, à visão racional de preparar as crianças para a aprendizagem da leitura e da escrita, decifrar códigos, cópias, e depois, e só depois, se pode aprender os conteúdos da ciência, da filosofia, depois das artes e das técnicas, conteúdos estes que trazem em si "a verdade". João Batista Freire (1990) coloca em relevo o tema Alfabetização Corporal como um processo de construção do conhecimento que dará às crianças a apropriação de diversas linguagens ou a linguagem dita universal.

O que uma pessoa precisa saber para se alfabetizar? Como alfabetizar? Qual o melhor método? Quem deve alfabetizar? Essas perguntas estão nas discussões das professoras do grupo de Pesquisas em Alfabetização na Universidade Federal Fluminense. Este é o desafio onde as contradições, certezas e incertezas dialogam todo o tempo (Perez, 1996). O projeto Alfabetização Corporal, entre outras possibilidades de alfabetização, reflete e revela que através da cultura corporal crianças das classes populares possuem saberes significativos, aproveitáveis para entender a sua cultura, relativizar a diversidade que as compõem como também distanciar-se de seu contexto cultural.

O Projeto Alfabetização Corporal, no entanto, seria um caminho dentro do Projeto Político-pedagógico do professor, na medida em que, a cultura corporal é trabalhada e as diferentes linguagens surgem de modo (im) previsível junto com uma determinada concepção de mundo e de homem imbricada, para ser identificado e efetivamente desenvolvido na história escolar de um grupo social, de alunos e professores contemplando, nesse exercício dialógico, trocas e revelações onde o corpo é o centro do projeto pedagógico.

## BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1985.
- ESCOLA PLURAL: *Proposta Político-Pedagógica*. Rede Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Outubro de 1994.
- FERNANDES, E. Desenvolvimento do Comportamento Lingüístico da Criança. In: *Sexo, Saúde e Educação*. RJ, nº 2, mar/93.
- FREIRE, João Batista. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo : Jed. Summus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. São Paulo : Ed. Scipione, 1989.
- GARCIA, Regina Leite. *Alfabetização dos alunos das classes populares*. São Paulo : Cortez, 1993.
- GOUDARD, Tereza. *O jogo do (des)conhecimento na escola: caminhando entre a suspeita e a submissão*. mimeo.
- LINHARES, Célia. *O direito ao saber com sabor*. Niterói : UFF, 1995.
- LURIA, Alexander. *Pensamento e linguagem - as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.
- PROJETO INTERDISCIPLINARIDADE VIA TEMÁTICA. Secretaria Municipal de Angra dos Reis, 1995.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Formação social da mente*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- ZACCUR, Edwiges. *Alfabetizar para vir-a-ser leitores, ser leitor para se alfabetizar*. mimeo.

### UNITERM: literacy.

**ABSTRACT:** The issue *Projeto Alfabetização Corporal (Body Literacy Project)* under consideration in this paper is intended to be a report of a pedagogical experience carried out by a teacher of Physical Education working with *Classe de Alfabetização (Kindergarten)* to 4<sup>th</sup> série (*Middle School*) students from *Rede Municipal de Ensino de São Gonçalo (RJ)*. This paper is the result of a continuous search of an effective pedagogical action in which the human body expresses undivided probabilities in relation to what is learned in and extra class. The account developed from the orientation and regulations made by *Concurso Prêmio MEC Incentivo à Educação Fundamental (Prize of Incentive for Elementary Education by The Ministry of Education and Culture)*. Based on such considerations, we aimed at seeking for the propositions which were discussed and reflected on in the *Curso de Especialização em Alfabetização de Crianças das Classes Populares (UFF)* (Specialization Course on Literacy for Lower-class children (UFF)) and in the *Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada (UERJ)* (Post Graduation Course on Applied Linguistics (UERJ)). The specific literature and different research papers by Professors from the courses mentioned above were also considered.

### A CULTURA DOCENTE DO PROFESSORADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE\*

Vicente Molina Neto\*\*

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juana M. Sancho Gil\*\*\*

Este trabalho é o informe final da investigação que realizei com a colaboração de um grupo de professores de Educação Física de escolas públicas de Porto Alegre/RS, a fim de cumprir os requisitos acadêmicos do Programa de Doutorado "Formación del Profesorado e Inovación Curricular" da Universidade Barcelona.

Utilizando uma perspectiva teórica crítico-emancipadora, tratei de responder a seguinte questão: Como o professorado de Educação Física das escolas públicas desta cidade constrói sua cultura docente e que elementos são mais significativos neste processo de construção? É um estudo qualitativo e a metodologia é predominantemente de natureza etnográfica. Através da descrição e da interpretação de entrevistas, análise de documentos e observação, busquei alcançar os seguintes objetivos:

- a) Conhecer, através da perspectiva dos atores, o processo de construção da cultura docente do professorado de Educação Física nas escolas públicas;
- b) Examinar o significado que este coletivo dá a esta cultura docente;

- c) Identificar os elementos e as experiências mais significativas neste processo de construção;
- d) Compreender que finalidades educativas atendem a cultura docente do professorado de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre.

Como conclusão de caráter geral e transitório evidencio que este coletivo constrói sua cultura docente relacionando e articulando entre si os seguintes elementos: sua experiência, a prática cotidiana, o conhecimento, a formação (inicial e permanente) e suas crenças. É um processo construtivista que recebe a mediação do contexto geral e do cenário específico onde se realiza a ação. Considero que a cultura docente deste coletivo sofre interferência na sua configuração da cultura escolar, da cultura da escola pública e da micro cultura do centro escolar. Com a primeira, mantém uma relação de subordinação e com as outras duas uma relação dialética. Destaco que esta cultura não é homogênea, apresenta aspectos contraditórios, fundamentados principalmente nas diferentes trajetórias docentes percorridas pelos atores.

---

\* Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Barcelona/Espanha, 1996. Apoio: CNPq

\*\* Professor da ESEF/UFRGS.

\*\*\* Professora do Depto. de Didáctica y Organización Educativa/Universidade de Barcelona.

# TREINAMENTO FÍSICO MILITAR E APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE: Estudo a Partir de Conscritos do Tiro-de-Guerra 02-40 Sorocaba, SP\*

Edgard Matiello Júnior\*\*

Orientador: Prof. Dr. Aguinaldo Gonçalves

Considerando-se o quanto, em âmbito internacional, *instituições militares vêm sendo objeto de investigações epidemiológicas*, empreendeu-se estudo a respeito em nosso meio, apropriando-se do Treinamento Físico Militar do Exército brasileiro (TFM), sobretudo no relativo a exercício, aptidão física e saúde. Sendo essa prática mantida com base em manual, nossos *objetivos* consistiram em rever e apreciar aspectos do TFM, tanto no plano normativo quanto no aplicado, bem como discutir questões, no seu interior, mais diretamente afeitas a Aptidão Física Relacionada à Saúde. *Os procedimentos* adotados consistiram em: i) análise comparativa do manual do Exército com similares do treinamento não-militar, e; ii) no plano aplicado, análise quantitativa dos resultados dos testes de aptidão física (TAFs), empregados nas 12ª e 24ª semanas de TFM. Neste aspecto, o estudo caracteriza-se como retro-análise, uma vez que se apropriaram dados de uma das turmas (quarenta atiradores) do Tiro-de-Guerra 02-40 de Sorocaba, S.P., referentes ao ano de 1991, passando-se a avaliar os resultados decorrentes de cinco testes de aptidão física empregados: meio-sugado, barra, flexão de braços, abdominal e corrida de 12 minutos. Foram efetuados tratamento estatístico descritivo e analítico não-paramétrico, este pelo teste de Wilcoxon, a nível de significância estatística de 5%. Como *resultados*, observaram-se, desta-

cadamente: i) diferenças estatisticamente significativas nos valores da 24ª semana, comparados com da 12ª, para todos os testes; ii) aproximação dos escores obtidos aos padrões mínimos de exigência do Exército; iii) em alguns testes, os menores desempenhos superaram aos mínimos exigidos já na 12ª semana, anterior a intervenção, e; iv) no que se refere ao referencial teórico-metodológico adotado, este não se difere, de forma geral, daqueles utilizados para comparação. No entanto, há diferenças expressivas entre o preconizado pelo manual e a prática adotada no local. A *discussão e conclusões* subsequentes travam-se a partir de tais elementos, associadamente a respectivos quadros, tabelas, gráficos e anexos, sendo tomados em conta aspectos mais gerais do TFM (como abrangência; comparações com programas de outras nações; adoção de bases da Teoria do Treinamento; objetivos, fundamentos e testes de avaliação física), quanto características observadas em sua implementação, como motivação, qualificação profissional na aplicação e resultados do mesmo sobre sistemas orgânicos específicos. Em síntese, de fato, conclui-se que há objetivos, por parte do TFM, de difícil efetivação, uma vez que não se pode contar com evidências que sustentem a afirmativa de possibilidade de “manutenção preventiva da saúde” dos atiradores.

\* Dissertação de Mestrado (Ciências do Esporte) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1996. Apoio: Capes.

\*\* Professor da Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba. Doutorando em Ciências do Esporte, FEF/UNICAMP

# PRESSUPOSTOS TEÓRICOS COM VISTAS À TEMATIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DA TEORIA EDUCACIONAL LIBERTADORA\*

*Paulo Ricardo do Canto Capela\*\**

*Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz (CDS/UFSC)*

A referida dissertação tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre alguns pressupostos teóricos a fim de possibilitar a tematização do futebol brasileiro enquanto um dos conteúdos pedagógicos da Educação Física Escolar.

Para tanto, o autor divide este trabalho em quatro capítulos. No primeiro, busca um entendimento para o conceito de cultura, recorrendo a uma análise histórica do mesmo ao longo do processo civilizatório chegando, por fim, ao conceito de cultura enquanto hegemonia proposto por Gramsci, além de também destacar a polêmica que se estabelece entre cultura de massa e cultura popular.

Sob esta mesma forma de análise o autor conceitua, no segundo capítulo, a Educação e a Escola modernas, apontando ao final deste capítulo,

lo, uma perspectiva de escola pública, popular e democrática. No capítulo terceiro, na busca de possibilidades para a elaboração de um projeto de escola que seja pública, popular e democrática, revisa alguns conceitos da Teoria Educacional de Paulo Freire.

Finalmente, no último capítulo faz uma abordagem histórica do esporte e do futebol nas sociedades modernas, em seguida resgatando a história sócio-cultural do futebol brasileiro bem como seu significado no "mundo da vida" dos brasileiros para, por fim, indicar algumas possibilidades de apropriá-lo de forma emancipatória na Educação Física Escolar, enquanto elemento da cultura nacional popular brasileira de movimento.

\* Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da UFSC. Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica. Florianópolis, 1996.

\*\* Professor do DEF/CDS/UFSC, integrante do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física/UFSC e atual Diretor Administrativo do CBCE.



# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA E SUAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. ANÁLISE DAS PESQUISAS NOS MESTRADOS DE EDUCAÇÃO\*

*Paulo Carlan\*\**

*Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz(CDS/UFSC)*

Esta pesquisa teve como objetivo analisar, a partir das abordagens metodológicas, as produções científicas (dissertações) produzidas no período de 1980-1993, nos Cursos de Pós-Graduação em Educação das instituições públicas, UFSM, UFRGS, UFSC e UNICAMP, com temas direcionados especificamente à Educação Física, procurando desvelar quais os esclarecimentos ou que tipo de intervenção proposta para a Educação Física Escolar.

Utilizou-se, como categoria metodológica fundamental, a relação entre o lógico e o histórico. 1) No lógico, procurou-se reconstruir as estruturas internas das abordagens encontradas: empírico-analíticas (52%), fenomenológico-hermenêutica (32%) crítico-dialéticas (16%), quando procuramos elucidar os conceitos de Educação, Educação Física e Movimento Humano nos três níveis de aborda-

gens como também explicitar as categorias técnicas e pressupostos ontológicos. 2) No histórico, procurou-se identificar, a partir da categoria que denominamos como teórico-prático, se as dissertações apresentavam propostas para uma possível intervenção na realidade escolar sem perder de vista o terreno concreto da Educação Física, transitando ou se permaneciam apenas a nível da compreensão desta realidade.

Na conclusão do estudo, pôde-se evidenciar que as pesquisas, na sua grande maioria, não apontam orientações práticas para os problemas levantados nas pesquisas indicando que o "objeto da pesquisa", num número significativo delas, não foi extraído da área específica mas do campo de abrangência mais geral, de todas as ciências humanas e sociais.

\* Dissertação de Mestrado em Educação apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina/1996.

\*\* Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Ijuí/RS.

# O ENSINO DOS JOGOS COLETIVOS ESPORTIVIZADOS NA ESCOLA\*

*Heloisa Reis\*\**

Este estudo teve como objetivo identificar, nos livros disponíveis em língua portuguesa e escritos por autores brasileiros, o trato que se dá ao ensino dos jogos coletivos esportivizados, especificamente os casos do Basquetebol, Futebol, Handebol e Voleibol. A bibliografia consultada sobre o ensino desses jogos consistiu dos livros cadastrados na "Base UNIBIBLI" tendo sido esta ampliada com alguns livros de bibliotecas particulares.

Ao analisar tal literatura foram as seguintes nossas preocupações: identificar e apreender quais os métodos de ensino sugeridos pelos autores; como a literatura trata o conteúdo dos jogos coletivos esportivizados; que compreensão os autores têm acerca da aula e, finalmente, como os autores tratam o tema "esporte coletivo" na escola e fora dela.

Pôde-se concluir, a partir das análises feitas, que não há diferenças significativas no modo pelo qual os autores abordam os vários jogos coletivos esportivizados, mesmo em se tratando de livros sobre um mesmo jogo. O ensino é proposto na maioria das vezes a partir dos fundamentos dos diferentes jogos, gerando-se assim uma fragmenta-

ção desses conteúdos da Educação Física escolar. O ensino desses jogos tem um modelo a ser atingido que é a execução perfeita do gesto técnico, a partir da imitação e repetição de exercícios. O modelo de performance que se busca é o modelo do esporte de "alto rendimento". Nos textos estudados as crianças são vistas apenas como "futuros jogadores" e os procedimentos de ensino sugeridos não consideram a criança como tal. A concepção que se tem de criança é desta como futuro atleta e futuro adulto.

O capítulo segundo da dissertação analisa mais sistematizadamente os textos que tratam dos jogos coletivos esportivizados, tomando como modelo exemplar o Handebol.

O capítulo terceiro procura situar o conteúdo dos textos estudados com as correntes pedagógicas Tradicional e Tecnicista, fazendo também uma discussão sobre o respeito à cultura da criança no processo de ensino-aprendizagem. Finalizando, o estudo busca explicitar como, do nosso ponto de vista, deveriam ser abordados os jogos coletivos esportivizados nas aulas de Educação Física na escola.

\* Dissertação de mestrado em Educação Física apresentada em 1994 ao Curso de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Orientador: Prof. Dr. João Batista Freire.

\*\* Atualmente é professora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

# EFEITOS DE UM PROGRAMA LUDO-MOTIVADO NO DESENVOLVIMENTO PERCEPTIVO MOTOR DE CRIANÇAS COM DÉFICITS MENTAIS\*

*Maria Helena Caputo Ferreira\*\**

**UNITERMOS:** Educação Física; Educação Física Adaptada; Síndrome de Down; Paralisia Cerebral.

O objetivo da pesquisa foi verificar os efeitos de um programa de auto-estimulação ludo-motivado, aplicado em um grupo amostral, constituído por crianças com Síndrome de Down e Paralisia Cerebral, a fim de avaliar a proficiência motora. Essas crianças, de ambos os sexos, com idade cronológica entre 6 e 11 anos, freqüentam uma Escola Especial, na cidade de Juiz de Fora-MG.

O Programa, estruturado em experiências perceptivo-motoras, estimula os sentidos tátil-cinestésico, visual e auditivo, com vista ao desenvolvimento do esquema corporal, da percepção do corpo no espaço, das noções de forma, cor e tamanho. Para tanto optou-se pelo delineamento quase-experimental. O instrumento utilizado, para

atender aos objetivos propostos, foi o Teste de Proficiência Motora de Bruininks e Oseretsky (1978).

As conclusões do estudo apontaram para a evidência de que a diferença entre o pré e o pós-teste reforça a importância do rompimento com a metodologia tradicional de ensino tanto no que se refere ao papel do educador como na forma de encarar as limitações do aluno. Procurou-se levantar a problemática da deficiência, dentro de uma abordagem de experiência mediatizada de aprendizagem, contribuindo, assim, para sensibilizar a sociedade sobre a importância da Educação Física, voltada para crianças com necessidades especiais.

\* Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco. Defendida e aprovada em 28/11/96. Orientador: Prof.Dr. Vernon Furtado da Silva.

\*\* Professora de Educação Física do Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora e Professora de Educação Física em "Escolas Especiais" da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

# IMAGENS DA EDUCAÇÃO NO CORPO: Estudo a Partir da Ginástica Francesa no Século XIX\*

*Carmen Lúcia Soares\*\**

Esse estudo centrou-se na análise de uma forma específica de educação do corpo na Europa do século XIX - a Ginástica. Para focalizá-la, tomou-se como referência a ginástica francesa e, particularmente, a obra de dois fundadores: Francisco Amoros e Georges Demeny.

A constituição da Ginástica na Europa do século XIX, como expressão cultural, científica, técnica e política de um momento particular é vista aqui a partir do chamado Movimento Ginástico.

Este movimento estruturou-se pela percepção das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, assim como dos passatempos da aristocracia.

Contudo, a aceitação da Ginástica como forma específica de educação do corpo só ocorreu, quando este universo que a gerou, foi sendo substituído pelos cânones científicos.

À Ginástica, então, cabia educar o indivíduo a fazer o uso correto de suas forças, preservá-las e, assim, preservar as forças da sociedade. Condenar os excessos do corpo, o seu uso como espetáculo e afirmar, portanto, um outro projeto estético e social.

Amoros e Demeny são atores do tempo em que este estudo se detém - o século XIX e sua passagem para o século XX - mas, trazem consigo a herança de outros tempos e, assim, tecem o seu presente no diálogo com seu próprio passado, com as escolhas deste passado que lhe serviram de testemunho.

As obras analisadas revelam a ascensão e o lento declínio das idéias destes fundadores da ginástica francesa. Revelam também alguns sinais que se poderiam chamar de perpetuação de certos princípios, de certos comportamentos, ainda hoje, presentes na Ginástica/Educação Física.

O discurso explicativo deste estudo foi construído pela análise e interpretação de diferentes fontes. São elas: obras escritas pelos dois fundadores da ginástica francesa aqui tratados; a literatura, em particular o romance realista de G. Flaubert e E. Zola; as artes plásticas, cujo conteúdo revelava a presença de uma educação no corpo ou, então, ampliava a compreensão das ações humanas no tempo; imagens sobre a Ginástica no século XIX e sua passagem para o século XX presentes nas obras dos próprios autores, bem como naquelas de comentadores nacionais e estrangeiros.

\* Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação - UNICAMP, no dia 05/11/96, sob orientação do Prof. Dr. Milton José de Almeida.

\*\* Professora de Educação Física/UNICAMP.

# DANÇA: Forma, Técnica e Poesia do Movimento na PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS COREOGRÁFICOS\*

*Mônica Fagundes Dantas\*\**

*Orientador: Prof. Dr. Silvino Santin*

A presente dissertação se construiu sobre o pressuposto de que forma, técnica e poesia são premissas que embasam uma determinada visão de dança enquanto manifestação artística do corpo humano em movimento. Norteia também este estudo a perspectiva de que as relações que se estabelecem no momento de execução de uma dança instauram processos de significação.

Desse modo, este trabalho teve como principais objetivos:

- entender a dança enquanto uma atividade artística que se constrói no(s) corpo(s) em movimento;
- refletir sobre a elaboração de possíveis significados quando da criação e execução de uma dança;
- descrever a dança como uma ação criadora que se faz no corpo humano em movimento.

Para atingir os objetivos propostos utilizou-se a fenomenologia como método de investigação, optando-se, assim, por realizar uma descrição da dança que já é, ao mesmo tempo, uma maneira de compreendê-la.

Como consequência deste procedimento buscou-se demonstrar que:

- a dança deve ser entendida enquanto arte porque ela resulta de um processo de transformação de uma matéria-prima - o movimento humano - através do uso de procedimentos técnicos e formativos, que resultam em obras coreográficas que se dão a reconhecer através de seu intrínseco caráter de forma;
- o movimento é o que torna visível os possíveis sentidos/significados de uma dança: a realização de sentidos coreográficos se dá no contexto de uma coreografia e só se efetua plenamente quando os sentidos são retomados e revividos pelos espectadores;
- os processos de criação coreográfica baseados em ações formativas proporcionam o desenvolvimento de uma disponibilidade corporal para a dança. Tal disponibilidade corporal está alicerçada, principalmente, numa inteligência e numa memória corporais, que dispõem o dançarino a exercer suas potencialidades criadoras através da dança.

A concepção da dança como forma, técnica e poesia do movimento aponta para uma possibilidade de recuperação, através da dança, de saberes relativos ao corpo, ao movimento e à sensibilidade.

\* Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aprovada em janeiro de 1997.

\*\* Prof.<sup>a</sup> Auxiliar no Departamento de Ginástica e Recreação da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

# O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE AO DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO NADO SINCRONIZADO: Uma Metodologia Alternativa\*

*Josiette Barchik Lunkmoss Dall'acqua\*\**

*Orientador: Prof. Dr. Viktor Shigunov (RPD/UFSC)*

Esta pesquisa de cunho bibliográfico objetiva apresentar o ensino do nado sincronizado relacionado de uma maneira não tradicional, através de uma metodologia eficaz e que possibilita a aprendizagem mais significativa. Todas as teorias de aprendizagem relacionam-se aos domínios do comportamento humano: cognitivo, afetivo-social e motor, e buscam o desenvolvimento destes durante o processo. No caso específico das habilidades motoras a aprendizagem pode ocorrer e fixar-se na memória motora de diversas maneiras. Como exemplo, de métodos que facilitam a aprendizagem motora é possível citar o método global, o método parcial e o método misto. Outras metodologias podem igualmente servir de caminho para esta aprendizagem, assim como os estilos de ensino de Mosston, que se apresentam como formas de levar o aluno a passar por momentos de pura reprodução, até conseguir passar pela experiência concreta da produção de soluções para os problemas apresentados. Neste caso, abre-se durante a aprendizagem a possibilidade de criação por parte do aluno. Esta metodologia pode ser aplicada em crianças entre 10 e 12 anos devido às suas características. Se o professor souber levar os alunos de maneira gradativa e consciente através do prazer da descoberta, as aprendizagens tornam-se mais significativas. No caso específico de aprendizagens dos esportes aquáticos, é preciso tomar-se conhecimento das propriedades físicas da água e de como o corpo se comporta

dentro dela, pois a reação do corpo no meio líquido é diferente dos esportes feitos em terra firme. Sendo assim, a compreensão da hidrodinâmica e da hidrostática tornam-se essenciais no desenvolvimento de qualquer esporte aquático. De forma ainda mais específica, no nado sincronizado estas propriedades físicas influenciam a aprendizagem. Por ser um esporte que alia o "ballet" às técnicas da propulsão aquática, o nado sincronizado exige de seus participantes a capacidade de deslocar-se no meio líquido ao mesmo tempo em que uma coreografia é apresentada. Para que isto ocorra, é necessário o aperfeiçoamento de técnicas de sustentação, deslocamento e plasticidade dentro da água, representadas por remadas, nados híbridos, flutuações, posições básicas, figuras e rotinas relacionadas ao nado sincronizado. O ensino destas técnicas poderia ser realizado através dos estilos de Mosston que demonstram ser uma metodologia eficiente e dinâmica no ensino de qualquer habilidade motora para o nado sincronizado, possuindo a vantagem de propiciar situações de produção de movimentos que desenvolvem a criatividade dos alunos. Existe assim a possibilidade do uso desta metodologia para qualquer tipo de ensino em educação física, e a descoberta do nado sincronizado como atividade não apenas de competição mas também como atividade recreativa e de apresentação artística, auxiliando a capacitação de cada vez mais profissionais ligados a esta área.

\* Dissertação de Mestrado em Educação. PUC/Curitiba, 1996.

\*\* Professora da Pontifícia Universidade Católica/Curitiba.

Lembramos a todos que esta seção destina-se à divulgação da produção em livro dos associados do Colégio, bastando, para tanto, que enviem diretamente ou através da própria editora um exemplar para a Secretaria Nacional do CBCE, em Florianópolis/SC.

**TESCHE, Leomar. A Prática do *Turnen* entre Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942. Ijuí, UNLJUÍ, 1996.**

(Pedidos: E-mail: editora@main.unijui.tche.br - Fone (055) 332.7100/ramal 217 - Fax (055) 332.7977)

Na seqüência da sua Coleção *Trabalhos Acadêmicos Científicos*, a Editora Unijui publicou recentemente a Dissertação de Mestrado em História pela UNISINOS do Professor Leomar Tesche, cujo título já dá idéia da sua importância para a historiografia da Educação Física e do Esporte no Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere à contribuição germânica, bastante evidente naquele Estado.

“O *Turnen* constitui-se num importante fator de identidade e, como tal, utilizou os corpos físicos como espaços que transcendiam esta dimensão, inserindo-os num significado político” (do resumo do autor). A proposta político-pedagógica de Friedrich Jahn, em grande parte desenvolvida no interior dos *Turnverein* (sociedades de ginástica) foi transportada pelos imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul, sendo examinada na presente obra a partir da sua manifestação enquanto busca de preservação do germanismo na hoje denominada Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA).

Uma das passagens mais interessantes é a que se dedica a relatar tentativas de infiltração nazista no interior daquela Sociedade, na década de 30, tendo como cenário a ditadura do Estado Novo e a criação do Conselho Nacional e dos Conselhos Regionais de Desportos.

**FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira*. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1996.**

(Pedidos: LESEF/CEFD/UFES. Av. Fernando Ferrari, s/n. Campus de Goiabeiras. Cep 29.060-900. Vitória/ES)

Um conjunto de oito dos principais pesquisadores da História da Educação Física/Esportes brasileira reuniram-se nesta obra, que procura resgatar estudos da área, predominantemente aqueles desenvolvidos em programas de pós-graduação e que se encontravam, de certo modo, dispersos em diferentes veículos de divulgação da produção teórica.

A partir dela, tem-se um amplo panorama da pesquisa que vem se fazendo na historiografia da Educação Física, tornando explícitos seus objetos de estudos, os pressupostos teórico-metodológicos, as fontes de consulta, as periodizações utilizadas, etc...

Abordagens como a própria história da pesquisa histórica na Educação Física brasileira, a Escola Nacional de Educação Física, a relações de gênero na Educação Física mineira, as Ciências do Esporte no interior do CBCE, o método francês e a militarização da Educação Física escolar, a Educação Física e a construção nacional no Estado Novo, um diálogo epistemológico com a obra *Educação Física e Sociedade* e uma entrevista com o autor de *Educação Física no Brasil: a história que não se conta* compõem uma significativa contribuição ao estudo da Educação Física brasileira, constituindo-se numa obra referencial para estudantes e profissionais da área.

De forma muito apropriada, o organizador dedica o livro ao professor Inezil Penna Marinho, precursor da pesquisa histórica em Educação Física no Brasil.

**GONÇALVES, Aguinaldo (org.) e colaboradores. *Saúde Coletiva e Urgência em Educação Física e Esportes*. Campinas, Papirus, 1997.**

(Pedidos: Editora Papirus, tels. (019) 231.3534 e 231 3500)

Esta obra é fruto do trabalho coletivo de um grupo de professores e outros profissionais e objetiva contribuir para as atividades docentes em Saúde Coletiva e Urgência em cursos de Educação Física.

Surgido justamente da constatação de carência de referenciais bibliográficos adequados para a ação didático-pedagógica na área, o livro está estruturado em quatro tópicos gerais: 1) fundamentos em saúde coletiva e epidemiologia; 2) relação saúde e urgência, conceitos básicos e aplicações; 3) lesões esportivas; 4) relação saúde coletiva-atividade física.

A temática saúde coletiva/urgência em Educação Física/Esportes é tomada como área de conhecimentos interdisciplinares, buscando convergência entre produções originadas de diferentes campos de estudo. Sua relevância está relacionada a uma situação contraditória presente na atualidade: por um lado, o significativo acréscimo de pessoas praticando as mais diferentes formas de atividades físicas e desportivas; por outro, o avanço dos agravos à saúde decorrentes do sedentarismo.

O livro destina-se exemplarmente a todos aqueles que atuam na área de saúde coletiva e urgência, tanto no âmbito da graduação como na pós-graduação em Educação Física.

**CARVALHO, Sérgio. *Thanise: um sorriso muito especial*. Piracicaba, Ed. UNIMEP, 1996.**

(Pedidos: Editora UNIMEP - fone: (019) 422.1515, fax (019) 422.2500)

O livro se constitui no importante depoimento de um pai e a relação com a filha, que necessita de cuidados especiais. Entre outros aspectos, "mostra a importância do acesso a programas clínicos e educacionais pouco disponíveis entre nós, como recursos que complementam as ações familiares, sem pretender substituí-las" (Júlio Romero Ferreira, apresentação).

Denuncia, mais do que a carência de ações destinadas a atender os direitos sociais das pessoas portadoras de necessidades especiais, as dificuldades para vencer barreiras culturais que estão associadas à deficiência, numa sociedade em que a capacidade de produzir e reproduzir tem se caracterizado como o parâmetro de normalidade.

Docente do Centro de Educação Física e Desportos da UFSC, Carvalho não se propõe a escrever um manual técnico sobre o assunto, mas sim refletir como um pai e uma família enfrentam o problema, desde a dúvida à constatação, assim como os esforços e as alegrias pela superação de limitações que são humanas.

## **CAMPANHA DE ATUALIZAÇÃO CADASTRAL**

A Secretaria Nacional do CBCE implantou programa informatizado que vai agilizar as comunicações com os sócios e Secretarias Estaduais.

Para tanto, é necessário que todo o associado preencha e envie uma ficha cadastral (que acompanha esta Revista) com seus dados atualizados.

O endereço da Secretaria Nacional do CBCE é:

**Centro de Desportos/UFSC  
Campus Universitário/Trindade  
CEP 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC**



# INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- 1 - A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), órgão de divulgação do CBCE, de publicação quadrimestral, tem por finalidade publicar textos encaminhados ou solicitados, em suas diversas seções, quais sejam:

## CARTAS DO LEITOR

- comentários dos leitores sobre o que foi publicado nas diferentes seções da Revista;
- cartas encaminhadas por outras instituições ou membros do CBCE contendo informações ou assuntos de interesse da comunidade.

## PONTOS DE VISTA

- pontos de vista emitidos de forma crítica e que digam respeito a temas ou problemas relevantes enfrentados na Educação Física na atualidade.

## RESENHAS

- resenhas críticas de livros, artigos, teses e dissertações.

## ENTREVISTAS E DEBATES

- entrevistas sobre temáticas relacionadas com a área, envolvendo especialistas no assunto tratado;
- transcrição de debates ocorridos em Mesas-Redondas, Fóruns de Debates, Palestras ou similares, por ocasião de Eventos Científicos, devidamente autorizados pelos participantes.

## RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- publicações de experiências profissionais, desenvolvidas ou em andamento, que por suas propostas apontem perspectivas críticas na área;
- relatos de processos de definição de políticas públicas nas áreas de Educação Física/Lazer/Espportes, nos âmbitos institucional e comunitário.

## ARTIGOS

- relacionados à temática central da Revista, solicitados pelo Conselho Editorial;
- relacionados às temáticas da área e apresentados em forma de ensaios ou relatos de pesquisa, encaminhados pelos autores ao Conselho Editorial.

## RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

- resumos de Dissertações e Teses que versem sobre Educação Física/Espportes e que tenham sido defendidos em Cursos de Mestrado ou Doutorado realizados no Brasil ou no exterior.

- 2 - Os textos encaminhados ao Conselho Editorial devem ser inéditos, redigidos em português, não devendo ser apresentados simultaneamente a outro periódico.

- 3 - Os textos devem ser encaminhados para publicação em três (03) vias impressas ou fotocopiadas, digitadas em editor de texto Word for Windows ou compatível, fonte Times New Roman, tamanho 12, em disquete de 3½, não excedendo a 12 laudas.

O texto deverá conter:

- uma página de rosto onde conste: a) o título do trabalho em português e inglês; b) a seção a que se destina; c) nome do(s) autor(es); d) indicação em nota de rodapé da entidade científica ou instituição à qual os autores estão vinculados, seus endereços, bem como notificação, caso o trabalho tenha sido apresentado em reunião científica; indicar ainda o patrocinador e o número do processo, caso o trabalho tenha sido subvencionado;

- resumo em português e inglês (abstract), acompanhado de unitermos nas duas línguas;

- referências bibliográficas, numeradas consecutivamente e ordenadas alfabeticamente pelo(s) sobrenome(s) do(s) autor(es), obedecendo às normas da ABNT-NB-66. Solicita-se que o total de referências bibliográficas não ultrapasse a vinte (20);

- **Obs.:** Comunicações pessoais e trabalhos em andamento não devem ser incluídos na lista de referências bibliográficas, mas citados em notas de rodapé.

- 4 - os originais deverão ser endereçados à secretaria do CBCE. Recomenda-se que o autor retenha uma cópia.

- 5 - Os trabalhos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial e, quando forem necessárias alterações substanciais, os originais serão reencaminhados aos autores. As "leituras de provas" far-se-ão na própria Redação.

- 6 - As tabelas deverão obedecer às "normas de apresentação tabular", resolução nº 886, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Estatísticas, devendo ser datilografadas separadamente do texto.

- 7 - As referências às ilustrações deverão ser feitas em números arábicos e enumeradas em ordem de apresentação. Solicita-se que as ilustrações sejam em menor número possível. Para as ilustrações a traço, exigir-se-á de cada uma (sem legendas) uma fotocópia (não fotostática) de boa qualidade de duas vezes o tamanho original. Todos os pontos gráficos, linhas, etc. deverão ser o mais simples possível e suficientemente fortes para reter clareza na redução. Um esquema horizontal ou quadrado é preferível ao vertical, pois um desenho vertical desperdiça mais espaço. Não devem ser usados os mesmos símbolos em duas curvas onde os pontos possam ser confundidos. Os símbolos x ou + devem ser evitados. Para diagramas dispersos, são preferidos símbolos inseridos. Uma lista de legendas para as ilustrações deverá ser apresentada em folha separada e ser passível de interpretação, sem referência ao texto.

## FICHA DE INSCRIÇÃO

OBS.:                    ( ) Sócio novo                    ( ) Renovação assinatura

NOME: \_\_\_\_\_

TIPO DE SÓCIO:    ( ) Estudante            ( ) Efetivo            ( ) Instituição

CPF/CGC: \_\_\_\_\_ DATA NASC.: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

SECRET./ESTADO: \_\_\_\_\_ NACIONALIDADE: \_\_\_\_\_

INSTITUIÇÃO: \_\_\_\_\_

DEPARTAMENTO: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO/GRAD.: \_\_\_\_\_

PÓS-GRAD.: \_\_\_\_\_ NÍVEL: \_\_\_\_\_

END. RESID.: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

FONE RESID.: \_\_\_\_\_ FAX: \_\_\_\_\_

E-MAIL: \_\_\_\_\_

END. PROF.: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

FONE PROF.: \_\_\_\_\_ FAX: \_\_\_\_\_

E-MAIL: \_\_\_\_\_

### PAGAMENTO:

Banco: \_\_\_\_\_ Ag.: \_\_\_\_\_ Nº Cheque: \_\_\_\_\_ Data Rec. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

VALOR:            ( ) Sócio/Estudante    -    R\$ 20,00

                  ( ) Sócio/Efetivo     -    R\$ 30,00

                  ( ) Sócio/Instituição -    R\$ 50,00

OBS: Solicitamos a todos os sócios que preencham e enviem-nos esta ficha a fim de atualizarmos nossos cadastros.

Endereço da Secretaria Nacional: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE  
UFSC - CDS, Campus Universitário s/n, Trindade, Florianópolis/SC - Cep 88.040-900.